REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

NUMERO 16

Summario

			Pag.
I.	ECONOMIA PUBLICA PORTUGUEZA . .	A. Malheiro Dias	383
II.	FONTES DE BRONZE EM PORTUGAL . .	Sousa Viterbo	398
III.	IDÉAS E FACTOS	Jayme de Magalhães Lima	413
IV.	A RAINHA ADOSINDA.	Francisco de Almeida	444
V.	MADRESILVAS	Alberto Bramão	464
VI.	TRES DIAS EM DJEDDAH	Augusto Sarmento	467
VII.	REVISTA DE POLITICA INTERNA:		
	A revolta do Porto	Luiz de Magalhães	479
VIII.	CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA:		
	A liga da paz e a liga da guerra . . .	G. de Côrte-Real	501

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto, 1891

Correspondentes

PARIS

AMEDEE PRINCE & Cie — 31, Rue de Provence

Vve EMILE MELLIER — 17, Rue Séguier

2.º Anno — Vol. III. Numero 16.

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Fr. 40)	(Fr. 21,10)

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Bernaldim Ribeiro

Menina e moça. . . (*Saudades*). Edição dirigida e prefaciada por *D. José Pessanha.* 1 vol. in-12.

Eça de Queiroz

A Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol. in-12.
As minas de Salomão, romance de Rider Haggard. Traducção revista. 1 vol. in-12.

Oliveira Martins

Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal.
Os filhos de D. João I. Edição de luxo illustrada, papel de linho, typo elzevir. 1 vol. de mais de 500 pag. in-8.º gr.

Theophilo Braga

Camões e o sentimento nacional. 1 vol. in-12.
As modernas idéas na litteratura portugueza. 1 vol. in-12.

ECONOMIA PUBLICA PORTUGUEZA

DEFICIT ORÇAMENTAL E DEFICIT DE EXPORTAÇÃO

Andamos de ha muito empenhados baldadamente no proposito de extinguir o *deficit* entre as receitas e as despezas do Estado.

Quasi todos os estadistas, que no periodo constitucional têm gerido os negocios da fazenda, procuraram demonstrar, combinando os algarismos orçamentaes em operações optimistas, que, approvadas que fossem as suas propostas financeiras, seria indubitavel o desejado equilibrio orçamental; e alguns mais ousados prognosticaram saldos positivos, cuja importancia indicaram até real a real.

Ora maior, ora menor, o *deficit* tem comtudo sempre persistido, zombando intemerato dos que pretendem extinguil-o, e apparecendo periodicamente com a sua significação e consequencias concretas, embora procurem encobril-o e disfarçal-o as rabulices e os sophismas da contabilidade, inventando a theoria bysantina dos orçamentos ordinarios e extraordinarios, e a distincção entre despezas permanentes e despezas eventuaes.

Se a nomenclatura ajustasse por inteiro com os factos, teria essa distincção fundada razão de ser, porque se traduziria

no allivio, dentro d'um futuro mais ou menos proximo, d'uma parte avultada dos encargos publicos; como, porém, os denominados dispendios extraordinarios, quer de supposta quer de real necessidade, se reproduzem, e até se avolumam, persistente e indefinidamente, os resultados financeiros, ou se englobem ou se dividam as verbas da despeza, são sempre identicos.

Assim as habilidades da escripturação da contabilidade do Estado não impedem nem obstam a que se recorra annualmente ao credito, se peça por emprestimo o que falta para saldar os debitos orçamentaes.

D'estas normas, arvoradas instinctivamente em systema, derivou o empobrecimento gradual do thesouro e o enriquecimento concomitante do paiz, em virtude dos emprestimos publicos haverem sido contrahidos quasi que exclusivamente no estrangeiro, e d'uma parte consideravel do seu producto ter-se empregado em obras de fomento economico, cujas consequencias proficuas são visiveis e palpaveis.

É assim que ha trinta annos ainda as receitas do Estado não excediam a 12:000 contos de reis, attingindo actualmente 40:000, comquanto a contribuição industrial e predial sejam reguladas por matrizes que estão muito longe de exprimir o verdadeiro valor collectavel. A par todavia d'esse phenomeno, e comprovando o nosso asserto, representa hoje o encargo dos juros da nossa divida cerca de metade das receitas do thesouro, emquanto que ha trinta annos representava, quando muito, uma quarta parte.

Empobreceu portanto o Estado, enriquecendo parallelamente o paiz.

Outras provas do augmento da riqueza publica, do desenvolvimento commercial e industrial, encontrar-se-hão incontestaveis nos factos seguintes, referidos não já a um periodo de trinta, mas apenas de dez annos.

O movimento maritimo dos portos do continente e ilhas adjacentes, que fôra em 1880 de 11:055 embarcações de longo curso e de grande cabotagem com 5.759:000 toneladas de arqueação, subiu em 1889 a 13:064 embarcações com 9.867:000

toneladas, passando, no mesmo periodo, a pequena cabotagem de 9:898 a 11:141 embarcações.

Por outro lado o valor das mercadorias importadas, excluindo o ouro e prata em moeda e em barra, foi em 1880, de 32:300 contos de reis, e de 41:000 em 1889, numeros que se indicam progressiva expansão commercial, melhor ainda demonstram a crescente actividade fabril, porque n'elles avultam em maximo quinhão, as materias primas e as machinas industriaes.

No anno de 1880 sommou o valor das materias primas importadas 8:880 contos de reis, subindo em 1889 a 12:750 contos de reis. As machinas e ferramentas industriaes, que figuram no primeiro d'aquelles annos por 1:041 contos de reis, ascendem no ultimo a 1:755. Isto é, ao passo que o valor total da nossa importação para consumo augmentou em dez annos apenas 30 por cento, subiu em igual periodo 70 por cento o valor dos agentes da producção fabril; e tomando por base de comparação o peso, que, na especie, é um factor de avaliação muito mais rigoroso, o accrescimo equivale então a 400 por cento.

O commercio colonial, realisado por intermedio da metropole, cresceu nos ultimos cinco annos, 135 por cento, elevando-se, por outro lado, a mais do dobro o valor das mercadorias despachadas em reexportação e transito para as nossas possessões ultramarinas.

Igual phenomeno accusa o nosso commercio directo com os portos africanos.

Construiram-se nos ultimos dez annos 800 kilometros de caminhos de ferro, excedendo o movimento de passageiros quasi 150 por cento os numeros de 1880, e conjuntamente duplicou o peso das mercadorias transportadas. E finalmente, o rendimento total das linhas ferreas, liquido de impostos, que fôra em 1880 de 3:239 contos de reis, ascendeu a 5:454 em 1889.

Por outro lado installaram-se durante o mesmo periodo numerosas fabricas, e ampliaram-se as existentes, crescendo concomitantemente, note-se bem, as sommas depositadas nos estabelecimentos bancarios, caixas economicas e monte-pio ge-

ral, e sobrando ainda dinheiro para largamente auxiliar varias emprezas brazileiras e até para construir caminhos de ferro no reino visinho. E como indiscutivel padrão comprovativo do accrescimo da riqueza publica já affirmado em todos estes factos, desceu de 6,5 a 4 por cento o preço do dinheiro, obtendo-o até o thesouro por menor quantitativo ainda para a divida fluctuante; e subindo em proporção inversa a cotação, e portanto o valor, dos fundos publicos, augmentaram alguns milhares de contos os haveres particulares.

Como pois, se realisou este milagre havendo um persistente *deficit* avultado entre as receitas e as despezas do thesouro, tornando-se, tanto proporcional como absolutamente, cada vez maiores os encargos da divida publica? Como se fez este milagre, quando a par do *deficit* orçamental, a differença entre os valores das mercadorias importadas e exportadas nos dessangrava annualmente em 15 ou 16 mil contos de reis?

Indubitavelmente com o dinheiro capitalisado no Brazil por compatriotas nossos, e com o producto dos emprestimos contrahidos no estrangeiro pelo Estado. Sem o auxilio, sem o subsidio d'estes dois factores, mui diversas seriam as condições actuaes do nosso paiz.

Com um d'elles não podemos já contar incondicionalmente, porque não só motivos diversos, obstando á elevação do cambio, contrariam a transferencia para Portugal dos capitaes portuguezes existentes no Brazil, mas porque a differença entre o preço do dinheiro n'uma e n'outra parte restringirá successivamente a importancia das remessas, limitando-as ao juro dos mesmos capitaes.

Com o outro porém, com o producto dos emprestimos realisados no estrangeiro pelo Estado, é indispensavel que, por emquanto possamos contar, sob pena de soffrer profundissimas perturbações a nossa economia publica.

Porque a par das manifestações da riqueza publica, apontadas já, e das que se demonstram ainda e irrecusavelmente com o arroteamento de muitos maninhos, com o melhoramento e transformação das culturas e com o enorme desenvolvimento

das construcções urbanas, principalmente em Lisboa e no Porto, onde os bairros novos se cobrem como por encanto de grandiosos predios, e ainda com o progressivo augmento no consumo de generos coloniaes apesar dos aggravamentos periodicos das suas taxas d'importação, a economia publica soffre d'um mal intrinseco que diminue constantemente as suas forças.

Queremos fallar do desequilibrio que se nota entre a importação e a exportação, desequilibrio representado annualmente, como dissemos, pela avultada somma de 15:000 ou 16:000 contos de reis. Assim pois, embora a theoria da balança do commercio não seja verdadeira por completo, necessitando de sujeitar-se as conclusões, que pretendam tirar-se d'ella, a varios coefficientes de correcção, entre os quaes figura em primeiro logar o computo das importações invisiveis, é certo todavia, que, attentas as circumstancias do nosso paiz, a inferioridade da exportação relativa á importação, constituindo uma causa permanente de enfraquecimento, neutralisa em grande parte a influencia dos factores favoraveis ao desenvolvimento da riqueza publica.

Ora as importações invisiveis com que havemos saldado o *deficit* da nossa exportação limitam-se aos lucros realisados pela venda das mercadorias exportadas, aos provenientes das operações de transito maritimo e terrestre, e aos juros dos capitaes mutuados na nossa divida externa, ás remessas das sommas capitalisadas no Brazil pelos nossos emigrantes, e ao producto dos emprestimos periodicos contrahidos pelo Estado. As tres primeiras verbas podem indubitavelmente considerar-se como verdadeiros auxiliares incondicionaes da nossa economia publica, como incontestaveis importações invisiveis, servindo-nos até á concorrencia das respectivas sommas, para pagamento das quantias representando o excesso das importações visiveis sobre a exportação. A ultima porém, o producto dos emprestimos realisados pelo thesouro publico, deve ser classificada especialmente, porque não significa a capitalisação do trabalho nacional nem representa o lucro d'operações mercantis, mas apenas uma simples operação de credito, cujos encargos têm de ser satisfeitos

com o augmento dos rendimentos publicos, proveniente ou do aggravamento das taxas de contribuição, da invenção de outras novas, ou com o accrescimo das receitas derivado do desenvolvimento da riqueza publica, ou conjuntamente com todos estes elementos. Esta differença é capital, e por não ser sempre assim julgada, soffremos hoje as dolorosas consequencias de tão funesto erro.

Porque dado o desequilibrio entre a importação e a exportação, dever-se-hia ter applicado escrupulosamente o producto dos emprestimos publicos, empregando-o apenas em commettimentos que tivessem por objectivo restricto o fomento economico do paiz, em vez de desbaratal-os em despezas improductivas, em inventar funcções para inventar funccionarios. Regou-se periodicamente, desde 1851, o paiz com libras, mas sem methodo e sem systema, distribuindo-se a trancos o precioso caudal, sem se attentar na qualidade do terreno em que se lançava a preciosa sementeira. Obtiveram-se, não obstante, innegaveis resultados importantes, mas poder-se-hiam alcançar maravilhosos se porventura a fecundante corrente fosse distribuida com prudente e sensato criterio. E ainda assim valeu, e de muito, para attenuar as consequencias de tão irreflectido processo, a nossa organisação tributaria, em que o imposto indirecto predomina, e recae pesadissimamente sobre todos os generos de primeira necessidade.

Porque o Estado tirava com uma mão o que dava com a outra, recebendo pelos direitos e pelos impostos dos cereaes, do bacalhau, do arroz, do café, do assucar, do chá, do petroleo, da carne e do vinho, uma parte, e muito valiosa, das sommas que abonava como vencimentos aos funccionarios publicos, que apesar de numerosissimos, são ainda assim menos numerosos do que na republica franceza.

Em todo o caso augmentaram-se sem necessidade provada as despezas publicas, augmentando-se parallelamente uma classe de miseraveis, reproduzindo as miserias do thesouro, creando-se uma legião de famintos que a *angusta domi res* tortura permanentemente, roubando-se, ao mesmo tempo, á industria e á agri-

cultura numerosos braços que podiam empregar-se em trabalho productor de riqueza.

Além d'isso, a aprendizagem do progresso, n'um paiz que, como o nosso, de tudo carecia para se assentar com honra no banquete das nações civilisadas, custou, como era inevitavel, o desbarato de enormes sommas. E como a necessidade urgia e se impunha imperiosamente, quando em 1851 se conheceu que, sem promover o desenvolvimento dos recursos nacionaes, impossivel se tornava sacudir o marasmo que entorpecia o organismo do paiz, prescindiu-se de plano, ou antes procurou-se apenas executar uma parte d'elle, desprezando-se quasi por completo fomentar, com medidas economicas adequadas, a producção industrial e agricola. Por virtude d'este esquecimento lamentavel não fructificou parte da semente lançada á terra, e outra parte, só depois de longo periodo, é que produziu colheitas remuneradoras.

A essas causas deve attribuir-se a emigração avultada que nos extenua, e que sem ellas mal se justificaria, quando a população se acha accumulada apenas n'uma limitada zona do paiz, escasseando caracteristicamente nas outras.

O que, porém, se não deveu a um plano d'antemão organisado, realisaram-no, pela natural evolução economica, o tempo e as circumstancias. Os capitaes transferidos do Brazil e os provenientes dos emprestimos publicos, enriquecendo successivamente o paiz, determinaram a diminuição do preço do dinheiro; e ao mesmo tempo as necessidades do thesouro, motivando o aggravamento dos impostos aduaneiros, ora directamente pelo accrescimo das tarifas, ora pelo indirecto processo dos addicionaes, elevaram progressivamente a protecção pautal, que, por obediencia a doutrinas até ha pouco geralmente preferidas, poucos se atreviam a defender ou aconselhar. Com o auxilio d'esses dois valiosos elementos, a industria tomou importante desenvolvimento, explorando-se activamente novos ramos fabris e desafogando-se o exercicio dos que até ahi viviam em condições periclitantes e até angustiosas.

Assim pois, considerada em globo, a industria nacional foi

successivamente conquistando o mercado interno, como se prova, segundo dissemos já, pelo incremento sempre crescente da importação de materias primas e de machinas, e ainda porque, dado o accrescimo da população e o desenvolvimento da riqueza publica, o consumo das manufacturas e artefactos deveria ser parallelo com o do arroz e sobretudo do assucar e do café, generos de primeira necessidade e que o paiz não produz. Ora realisando-se, como se realisa, o phenomeno contrario, prova-se indubitavelmente que a importação das manufacturas e artefactos se vai restringindo pouco a pouco ás qualidades superiores, ou ás especies sujeitas aos caprichos da moda, que só podem ser fabricados em paizes excepcionalmente adiantados, e com mercados universaes, como a Inglaterra, a França, a Belgica ou a Allemanha.

Introduzidos, pois, no calculo da avaliação do nosso desenvolvimento industrial aquelles factores, admittindo como hypothese quasi segura que o augmento do consumo do arroz, assucar e café deve ter sido parallelo com o das manufacturas e artefactos, a significação dos numeros da estatistica soffre modificações verdadeiramente radicaes.

Assim, comparado o peso d'aquelles tres generos alimenticios importados em 1867 e em 1889, com os valores das manufacturas de lã, sêda, algodão e linho (e comparamos o peso com o valor, porque, attendendo á qualidade d'umas e outras especies, é indubitavelmente por essa fórma mais rigoroso o calculo), encontramos os seguintes resultados:

	1867	1889
Manufacturas de algodão, linho, lã e sêda, excluidos nas de algodão as sarjas e os pannos para estamparia — contos de reis.....	6:880	6:900
Assucar, café e arroz, kilogr.....	21.039:000	43.034:000

Mostram portanto os algarismos que, após vinte e dois annos decorridos desde 1867 a 1889, a importação dos productos

e manufacturas de filamentos textis se conserva estacionaria, apesar do desenvolvimento da riqueza publica e da população effectuado dentro d'este periodo, quando, computando-se, como deve computar-se, o accrescimo no consumo do assucar, arroz e café, deveria ter augmentado 104 por cento.

Assim, pois, sem o caracteristico progresso da industria nucional, attingiria hoje, indubitavelmente, a importação dos productos e manufacturas alludidas mais 104 por cento dos numeros da estatistica de 1867, isto é, 14:055 contos em vez de 6:900.

É portanto evidente que, apenas na especie de manufacturas de materias textis, o trabalho nacional produz hoje mais de 7:155 contos (ou talvez 9:000, em virtude do custo superior da mão d'obra no nosso paiz), do que produzia em 1867, logrando por essa fórma desonerar d'uma importantissima somma o nosso *deficit* de exportação.

N'estes termos, é claro que, sem o auxilio do progresso da industria nacional, o desequilibrio da nossa balança do commercio, influenciado conjuntamente pelo augmento das sommas da importação e pela falta d'algumas verbas valiosas que, mercê do desenvolvimento industrial, figuram nos mappas da exportação, seria hoje ainda muito mais caracteristico.

E, considerando ainda que os direitos elevadissimos que pesam sobre o assucar, café e arroz devem forçosamente, apesar da diminuição do seu preço inicial ter contrariado a expansão do seu consumo, é licito suppôr que o mercado interno compra actualmente á industria nacional manufacturas representando uma somma superior ainda á differença dos valores encontrada nos dois periodos que tomámos por base, e feitas já as correcções antecedentemente indicadas.

Posto isto, deve concluir-se que, embora não sejam lisongeiras, estão longe de ser tão angustiosas as condições da nossa economia, como irreflectidamente o pretendem fazer acreditar alguns pessimistas systematicos, mostrando pelo contrario os factos, e por modo indubitavel, que Portugal marcha a largos passos para a sua emancipação fabril, podendo e devendo, den-

tro d'alguns annos, prescindir de grande parte dos productos que ainda importa.

Até lá, porém, difficil senão impossivel lhe será dispensar as sommas mutuadas periodicamente pelo Estado nas praças estrangeiras, porque sem esse auxilio para saldar o *deficit* da exportação, escoar-se-hia em breve praso o capital fluctuante e disponivel, arruinando-se por completo, com a falta d'este elemento essencial ao commercio e á industria, a economia publica do paiz.

A questão reside pois no modo de utilisar tão melindroso recurso, empregando-o apenas, empregando-o exclusivamente, no fomento da riqueza publica, no desenvolvimento da producção fabril e agricola, afim de que possamos, no mais curto periodo possivel, prescindir d'um expediente, cuja adopção, como é obvio, apenas se justifica pela dura necessidade imperiosa.

Em todo o caso o perigo é menor do que póde suppôr-se, attendendo a que a progressão sempre mantida das receitas publicas fornece ensanchas seguras para a execução do plano, logo que se administrem com habilidade e com parcimonia os dinheiros publicos, e sem que haja até necessidade de se fazerem economias pelo facil e tambem muitas vezes contraproducente processo de eliminar a esmo algumas verbas no orçamento da despeza.

Para facilitar a nacionalisação das industrias e desafogar o seu exercicio; para baratear a producção, conseguindo-se que depois de conquistado o mercado interno possamos tambem exportar productos fabris, será porém indispensavel tornar a vida mais barata, diminuindo os encargos incomportaveis que pesam sobre os generos de primeira necessidade, como os cereaes, o assucar, o café, o arroz, o bacalhau e o petroleo, sujeitos a taxas representando no minimo 50 por cento e 238 no maximo, não fallando já nos generos de producção nacional, onerados com pesadissimos impóstos de consumo.

Porque, dada a excessiva carestia da vida, motivada por estas taxas verdadeiramente brutaes, ou os salarios hão de ser muito elevados onerando o preço da producção, com evidente

prejuizo das condições da concorrencia, ou se não o forem, chegar-se-ha ao mesmo resultado lamentavel, dada a inferioridade da somma de trabalho produzido por gente que uma alimentação deficientissima tornou desfibrada e anemica. E infelizmente, para o quadro ser mais triste, é esta ultima hypothese a verdadeira.

O nosso operario, com dôr o dizemos, nem póde por falta de robustez applicar-se a certos misteres industriaes, nem produz metade sequer do trabalho normal do operario inglez, allemão, francez ou belga. É facto incontestavelmente verdadeiro e comprovado com dados technicos positivos. Assim, tomando para exemplo a industria algodoeira, está averiguado que, apesar de ser igual o preço do algodão na Inglaterra e em Portugal, e de ser quasi identico n'uma e n'outra parte o preço do carvão, apesar do parallelismo d'essas circumstancias, a industria dos pannos crús, por exemplo, necessita, para concorrer vantajosamente com a industria ingleza, de uma protecção pautal de 40 por cento, ou realmente de cento por cento, computando-se, como deve computar-se, o custo da materia prima, e comparando, n'estes termos, o quantitativo da taxa d'importação com o valor médio do producto, excluida a importancia do algodão em rama.

N'uma especie de tão facil fabrico, a mão de obra attinge pois cerca de 70 por cento mais do que na Inglaterra; e dizemos apenas 70 por cento, no presupposto de que, em virtude do influxo da concorrencia interna, a industria nacional não aproveita por inteiro a protecção da pauta beneficiando, com a differença, o consumidor.

Posto isto, sem que se remova, ao menos em parte, esta causa determinante da inferioridade das condições em que se exerce a nossa industria, impossivel se torna firmar em bases solidas a sua existencia e menos ainda o seu desenvolvimento.

Para conseguir este *desideratum*, seria porém necessario remodelar e refundir por completo a nossa legislação fiscal, empreza que infelizmente defrontaria com os obstaculos levantados pela rotina e pelas tradições de secretaria, formidaveis escolhos, d'encontro aos quaes muitos reformadores têm naufragado.

Sem essa modificação na economia publica do paiz, impossivel será todavia attenuar sequer o perigoso desequilibrio da nossa balança do commercio, porque não podemos contar com a elasticidade das verbas da nossa exportação, representada quasi por inteiro em generos agricolas, em cujo preço o salario entra como importantissimo factor, nem pelo mesmo motivo conseguir vender nos mercados estrangeiros os nossos productos industriaes.

E depois ainda o embaratecimento dos generos essenciaes á vida, além de determinar o abaixamento do preço da producção fabril, e de originar a moralisadora *poupança* (desconhecida hoje, por impraticavel, ás nossas classes trabalhadoras) e que representa o principal elemento constitutivo da riqueza publica na França, na Belgica e na Hollanda, concorreria ainda para tornar menos arduo e aturado o labor do operario, satisfazendo-lhe assim uma das suas principaes e mais justas aspirações.

O desequilibrio entre as exportações e as importações é pois o nosso calcanhar d'Achilles, uma ferida sempre aberta pela qual se escôa permanentemente o sangue das nossas veias ou peior ainda o sangue das nossas algibeiras.

Para estancar esta perigosa hemorrhagia, precisamos conjuntamente de prescindir de grande parte das manufacturas que importamos, e de augmentar e desenvolver o nosso commercio d'exportação. O problema é esse; de enunciado simples, mas de solução difficil ou antes difficilima. Porque, representando actualmente a somma total dos valores da exportação quantia equivalente, quando muito, á somma dos valores das materias primas, machinas industriaes e generos alimenticios (excluido já d'estes ultimos o queijo, a manteiga, o dôce, a bolacha e as bebidas, em virtude de poder e dever nacionalisar-se o seu fabrico), é indispensavel um largo progresso na exportação para se conseguir o equilibrio, ou pelo menos attenuar o actual desequilibrio da nossa balança do commercio.

Elevaram-se em 1888, como vimos, os valores das materias primas e machinas industriaes importadas a 14:500 contos de

reis, numeros redondos, attingindo a 9:700 as respectivas ao petroleo e ás substancias alimenticias (com excepção já das que dissemos poderem ser produzidas no paiz), perfazendo assim 24:200 contos de reis a somma d'estas duas verbas.

Ora como a exportação no mesmo anno montou apenas a 23:400 contos de reis, é claro que, embora prescindissemos de todas as manufacturas que importamos, conseguindo fabrical-as no paiz, *desideratum* já de si impossivel de realisar, defrontariamos ainda com um *deficit* d'exportação e sempre crescente, em virtude do consumo das materias primas e das substancias alimenticias, que não produz o paiz, acompanhar parallelamente, como é obvio, a expansão da industria nacional e o augmento da população.

Posto isto, que os numeros tornam axiomatico, conclue-se que, para solução do problema, torna-se preciso não só nacionalisar a producção de manufacturas, mas conjuntamente, e tanto quanto possivel, a producção de materias primas, promovendo parallelamente por todos os meios o desenvolvimento da exportação.

Nacionalisar apenas a industria manufactureira não basta, é indispensavel ir mais longe. É indispensavel fomentar por todos os modos a agricultura, augmentando a producção cerealifera; é necessario fabricar manteiga e queijo sufficiente para o consumo nacional; melhorar a qualidade e augmentar a quantidade da lã; reduzir o minerio de ferro, ou extrahil-o e exportal-o; produzir sêda e linho bastantes para as necessidades do fabrico indigena; tecer pannos lisos e sarjados para a estamparia de algodão; aproveitar as aguas-mães das salinas para a extracção dos seus productos chimicos; fornecer ás industrias as tintas, os vernizes, os oleos, os productos córantes, enlaçar intimamente e por todas as fórmas, o trabalho agricola com o trabalho industrial.

E não bastando, como não basta, o resultado de todas essas novas actividades reunidas, seria necessario ainda nacionalisar a producção do assucar, extrahindo-o da beterraba colhida no paiz, e pelo desenvolvimento da industria da pesca prescin-

dir, ao menos em parte, da importação do bacalhau, e simultaneamente conquistar novos mercados, principiando por monopolisar os das nossas possessões ultramarinas, onde encontrariamos consumo seguro e importante para muitas mercadorias, porque apenas na especie tecidos, a reexportação effectuada pela metropole attinge a somma de 1:300 contos de reis, que, em detrimento do paiz, embolsa a especulação estrangeira. Embora o plano seja de execução difficil, as difficuldades são todavia inferiores ás que venceu com intemerata coragem, nos ultimos dez ou quinze annos, a industria nacional e apenas com uma protecção pautal desorganisada e cahotica, e sem o auxilio, que tem agora, dos estabelecimentos officiaes d'ensino fabril, artistico e agricola, espalhados por todo o paiz.

Com os recursos proprios, impossivel porém se torna levar a cabo a patriotica empreza, tanto mais que a baixa do cambio do Brazil, com cuja persistencia devemos infelizmente contar, desfalca n'uma valiosa maquia, a importancia dos subsidios com que saldavamos o nosso *deficit* d'exportação.

Assim pois, comquanto pareça contraproducente, é indispensavel, resuscitando a doutrina do fomento iniciado em 1851 modificada todavia nos seus processos e na sua applicação, recorrer ao credito ainda por um determinado periodo, importando do estrangeiro o ouro necessario para desafogar a nossa economia publica, para promover solicita e desveladamente a producção fabril e agricola do paiz.

Não assumindo o Estado as funcções de propulsor economico, impossivel será que a iniciativa individual, entregue apenas ás suas proprias forças, logre vencer as difficuldades da empreza, que são muitas e ponderosas.

É indispensavel, portanto, que o Estado use das mesmas normas de administração que pratíca, aconselhado pela experiencia, o commerciante e o agricultor. Commerciante que gire apenas com o seu capital, ou não passa d'um simples mercador, ou, por abastado, poderia dispensar o exercicio da sua industria. Por outro lado o possuidor de maninhos ou de terras necessitadas de amanho ou de bemfeitorias, será indubitavelmente um

pessimo administrador não recorrendo ao credito para extrahir do sólo que lhe pertence tudo o que elle póde produzir.

Com esse objectivo e esse proposito, é que funccionam os estabelecimentos bancarios, e se arvorou em instituição nacional, no nosso e em todos os paizes cultos, o credito hypothecario.

Tudo depende, porém, do emprego a dar ás sommas mutuadas, tudo depende de se usar do credito com prudencia, com habilidade e com sabio criterio (com sabio criterio, com prudencia e com habilidade, note-se bem), computando-se todos os elementos, com cautelosa previsão, por fórma que o encargo das operações seja compensado com largos lucros remuneradores. E reconhecendo-se que o melindroso soccorro se utilisou em commettimentos ou emprezas reproductivas, abundará sempre o capital e parallelamente diminuirá o seu preço.

Regulando-se, portanto, por estas normas a administração do Estado, o *deficit* do seu orçamento deixa de ser um perigo para ser uma vantagem; em logar de ser um malefico agente de ruina volve-se n'um indiscutivel factor de prosperidade, n'um proficuo auxiliar do desenvolvimento das forças economicas do paiz, extinguindo-se afinal no preciso momento psychologico, em que as finanças nacionaes, firmadas nas bazes inabalaveis d'uma solida e bem organisada economia publica, dispensem as habilidades orçamentaes e os expedientes de thesouraria, bastando e crescendo os recursos proprios para darem a Portugal um honroso e digno logar no banquete das nações civilisadas.

Porto — Dezembro de 1890.

A. Malheiro Dias.

FONTES DE BRONZE EM PORTUGAL

I

A FONTE DOS CAVALLOS DE ARAME

Um dos objectos mais curiosos da Lisboa antiga era sem duvida a fonte ou *chafariz dos cavallos de arame*, digno rival do *chafariz d'el-rei*. O tempo em que elle fosse construido não o sabemos ao certo, assim como não está determinada a época, em que desappareceu totalmente do scenario lisbonense. Se tivesse vindo até ao terremoto de 1755, os que referiram os estragos do grande cataclismo não deixariam de especificar o caso. A memoria mais antiga que encontramos da sua existencia, remonta ao reinado de D. Fernando. A Fernão Lopes, o pittoresco chronista, devemos nós, accidentalmente, a primeira nota da sua genealogia historica, quando trata do cêrco que veio inopinadamente pôr a Lisboa o rei de Castella, D. Henrique. Como se sabe, Lisboa, a esse tempo, ainda não estava resguardada com a famosa cinta de muralhas, que a havia de salvar, annos depois, de nova invasão castelhana. Toda a defeza de Lisboa se limitava á velha cerca mourisca [1], e a cidade, desde

[1] Em 4 de julho de 1294, D. Diniz celebrou um contrato com a camara de Lisboa para a construcção d'uma muralha defensiva desde a torre da *Escrivanya* até ás casas d'el-rei na rua Nova. Levar-se-hia, porém, a obra por diante? O documento alludido, existente no cartorio da camara, foi publicado no *Archivo*

que a conquistára D. Henrique, tinha tomado extraordinario desenvolvimento, espraiando-se por novos e importantes bairros excentricos. O porto de Lisboa era um dos emporios commerciaes mais importantes da época, segundo se deprehende do quadro traçado por Fernão Lopes, quando nos pinta o formoso estuario do Tejo coalhado de navios, que aqui vinham descarregar mercadorias e generos, recebendo em retorno os productos do nosso sólo. O espirito mercantil adormecera um pouco o espirito militar e a imprevidencia governativa foi cumplice n'este desleixo com a confiança do povo, entregue á faina do seu trabalho. É a molestia de que hoje soffremos, e cujas origens são tão longinquas. Os bairros mais ricos, onde se concentrava toda a actividade dos burguezes lisbonenses, eram os mais expostos. A Rua Nova, povoada de mercadores, as freguezias da Magdalena e S. Gião, a Judearia, tudo estava desprotegido, alvo d'um assalto de piratas, ou da surpreza d'um exercito audacioso. Comprehende-se portanto qual foi o panico que produziu a noticia de que as hostes hespanholas se aproximavam e que dentro de breves dias, dentro de horas talvez, acampariam a salvo na margem direita do Tejo. Cada qual procurou, como pôde, salvar os seus haveres, mas o sobresalto, a desordem e a falta d'uma cabeça dirigente fizeram com que esta operação se realisasse desatinadamente. Os valentes, decididos a resistir, não escasseavam, graças a Deus, mas o que escasseava era um chefe que impozesse confiança e que coordenasse proficuamente os esforços patrioticos dos lisboetas. A inercia, mais que inercia, a *cobardice* de D. Fernando, que se deixára ficar em Santarem, sem oppôr a menor resistencia á marcha do invasor, lançára o desespero no coração de todos, mas não lançára feliz-

Municipal de Lisboa, n.º 5, pag. 40, e acha-se transcripto pelo snr. visconde de Castilho, na sua *Lisboa Antiga*, tom. III dos *Bairros Orientaes*, pag. 450 e seguintes. O snr. Eduardo Freire d'Oliveira, dando o resumo d'este documento nos seus *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, tom. I, pag. 239, designa a torre sob o nome de *Escravaria*. Foi um lapso, que o mesmo senhor tenciona corrigir quando publicar na integra os documentos que tem até agora publicado em extracto.

mente o desanimo. D. Henrique ficou surprehendido quando viu que a cidade não se lhe vinha entregar e que preferia sacrificar tudo a ter de pactuar vergonhosamente, sem combate. Não podendo salvar os haveres, Lisboa pretendia ao menos salvar a honra. Abandonadas as casas que ficavam pela parte de fóra da muralha, os castelhanos penetraram n'ellas e colheram um esbulho precioso. Fartos de despojos, o incendio consumiu o resto. Os proprios sitiados foram os primeiros a dar o exemplo, procurando evitar o damno que o exercito inimigo lhes fazia, acobertando-se com ellas. Lisboa soffria resignada e heroica um dos maiores estragos de que tem sido victima, mas dentro em pouco havia de reerguer-se das suas cinzas, para reconquistar o brilho passado e para sustentar com todo o denodo a bandeira da independencia, que o Mestre d'Aviz desenrolára sobre a sua cabeça!

Um dos objectos que os castelhanos levaram com mais gosto na sua bagagem para ostentarem vaidosos na sua terra, foram umas formosas portas da alfandega, cuja materia o chronista não nos indica, mas é provavel que fossem de metal, ou, a serem de madeira, tornar-se-hiam notaveis pela delicadeza do seu trabalho. Outro objecto ainda tencionavam elles levar, mas os cercados preveniram-se a tempo e deram-se pressa em o arrecadar, tal a valia em que o tinham. Eram os cavallos de bronze que ornamentavam uma fonte adiante do chafariz d'el-rei. Eis as proprias palavras do chronista:

«E tomarom pera levar por memoria aa hida, quando se forom, huumas muy fremosas portas da alfamdega dessa çidade; e assi quiserom levar os cavallos darame, per que caae a augua na fonte dos cavallos, e forom primeiramente guardados, ante que se perçebessem de os tomar» [1].

Seriam estes cavallos uma obra d'industria nacional, ou antes producto estrangeiro, flamengo, porventura? É possivel que esta ultima hypothese seja a que tenha mais visos de probabilidade, attendendo ás intensas relações commerciaes, que

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. LXXVII.

então sustentavamos com Flandres, e que não fizeram senão augmentar com a união da casa reinante de Portugal com a casa de Borgonha, e mais tarde por causa da descoberta da India. D'alli vinham tambem, ao que se julga, as taboas sepulchraes de bronze, de que existem curiosos specimens na egreja dos Loyos em Evora, e na capella do ferro da egreja de Santa Maria de Leça do Balio, nas cercanias do Porto [1].

Dos fins do reinado de D. João II existe no archivo da camara municipal de Lisboa um documento ácerca do chafariz dos cavallos. E uma carta régia, em que aquelle monarcha insiste para que se façam certas obras no chafariz e no lavadouro das mulheres. A camara parecia ter contrariado os desejos d'el-rei, mas este expõe de novo as vantagens do seu plano, robustecendo-o com o parecer das pessoas entendidas. É curiosa a clausula em que el-rei se queixa do costume inveterado dos officiaes da cidade, que punham sempre embargos quando alguem queria executar alguma obra de utilidade publica. E o que é mais curioso ainda, é el-rei satisfazer-se apenas com o remoque e não se impôr com a sua vontade — elle que a historia nos pinta tão duro e inquebrantavel! Que fizesse a cidade o que quizesse e se era por falta de dinheiro que lá estavam cem mil reis nas mãos de Ruy Lobo para que a obra se realisasse sem delonga. É caracteristico este trecho, não só para a physionomia da época, mas para a physionomia do monarcha. Eis o documento:

« E quanto ao que per a outra carta dizees e apomtaaes os imcomvenientes que se podem seguir açerca do que leixa-

[1] Ha memoria de outras campas de bronze. Jorge Cardoso transmitte-nos a inscripção gravada n'uma lamina de bronze sepulchral de Pedro Durão, que se conservava no claustro da Sé do Porto. Fins do seculo XIII; éra de 1329 ou anno de 1291. Da mesma época, pouco mais tarde, éra de 1383, era a lapide sepulchral de D. André João, cantor da Sé de Coimbra, que, segundo o livro das Calendas, estava enterrado « sub campana de ere ubi sunt leones et galii figurati » (*Antiquario Conimbricense*). Ainda existe n'aquella egreja uma inscripção commemorativa do seu passamento. João Rodrigues de Sá tambem estava enterrado em Leça da Palmeira sob uma campa de bronze. Esperança, *Chronica Serafica*, tom. II, pag. 511.

mos hordenado que se fizese no chafariz dos cauallos e no lauatorio das molheres, a nos pareçe todo o comtrairo, per que nos o vimos muy bem per nos e com ofiçiaaes e pesoas que o bem emtemdiam, achamos que tudo se podia muy bem fazer, e feito he cousa muy proueytosa aa çidade e moradores della per que segumdo a pimtura que dello fezemos e o que falamos com pero vaaz que de tudo ficou muy bem emformado acharees que fazemdose asy a rrepartiçam da augua per as bicas que hordenamos que se façam homde aguora se toma em as que estam trabalhosamente, podese tomar nas outras bicas per moças muy pequenas, muy sem trabalho e mais nos chafarizes pequenos que se ham de fazer em que ha de cahir a augua tam limpa asy como açacaaos [1] e outros semelhantes podem nelles encher seus camtaros a seu prazer. E as bestas tem asaz chafariz em que bebam, e asy pode vir ao chafariz em que lauam e fica rrua assaz e limpa pera seruidam da porsiçam da festa dos pescadores [2], e asy concludimos que nos pareçe que por estes rrespeitos e outros muitos que aquy sam escusados dapomtar que esta obra sse deue fazer como esta devisada, *salluo se vos*

[1] Açacaaos — aguadeiros. — Santa Rosa de Viterbo, no seu *Elucidario,* traz a palavra com esta significação, mas sob a fórma *açaqual.* Cita, como documento, as côrtes d'Evora de 1408. Sousa (*Vestigios da lingua arabica*), referindo-se a Damião de Goes, dá a fórma *acaçal* e deriva-a do arabe. Não a encontramos, porém, nem em Dozy, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,* nem no *Glosario,* de Yanguas, Granada, 1886.

[2] A classe piscatoria tinha grande importancia no seculo XVI em Lisboa. Não menos de tres hospitaes possuia ella, a saber: o esprital dos pescadores chincheiros, ou de N. Senhora dos Remedios, na freguezia de Santo Estevão, com a sua ermida de N. Senhora dos Remedios, que ainda hoje existe, e cujo portal, singelo, mas elegante, conserva a feição do chamado estylo manuelino; o esprital a cata que farás; e o esprital dos pescadores linheiros, na freguezia de Santo Estevão, á porta da Santa Cruz. Estas são as indicações que nos dá Christovão Rodrigues d'Oliveira no seu *Summario,* Lisboa, 1551. É possivel que fosse d'este ultimo hospital, por estar visinho da porta de Santa Cruz, em cujas proximidades existia a fonte, que sahisse a procissão a que se allude na carta de D. João II. Não repugna tambem admittir que a procissão fosse dos pescadores chincheiros e sahisse da ermida de N. Senhora dos Remedios.

outros queserdes obrar do custume que sempre teueram os oficiaaes desa çidade que como allguem quer fazer allguña bemfeytoria loguo a embarguauam e vos asy ho podees fazer. E per que apomtaaes que nam ha hy dinheiro das remdas da çidade pera despesa desta obra Ruy lobo tem cem mill R.s de cabos de comtas com esta obra e outras mais se pode fazer e çerto nos Reçeberiamos comtemtamẽto e vos agradeçeryamos de com toda deligẽmcia esta cousa se fazer sem delomgua. Scripta em almeirim a II dias do mes de mayo Jorge a.º (afonso) a fez anno de 1494. Rey [1].

Chegando aos meados do seculo XVI apparece-nos um testemunho de importancia. Nem mais nem menos que Damião de Goes, o celebrado chronista de D. Manoel. Na sua descripção de Lisboa, em latim, *Vrbis Olysiponis descriptio* (Evora, 1554) enumera elle as fontes que abasteciam Lisboa, e entre ellas dá o logar de primazia ao *chafariz d'el-rei* e ao *chafariz dos cavallos.* Venha ao locutorio o eminente escriptor:

« Na praia ha varias fontes, que vêm de diversas partes da cidade por encanamentos subterraneos e nas quaes o povo se provê. Uma d'estas chama-se o chafariz d'el-rei; formado de arcos e columnas de marmore, é tal a quantidade de agua que deita por seis bicas, que uma d'ellas quasi que bastaria para satisfazer a todos. Esta fonte, pelo sabor, transparencia e qualidade das suas aguas, iguala, senão excede, as melhores que me recordo ter visto. Tépida ao sahir, passado um momento de repouso, logo se torna purissima, em extremo fria e agradabilissima ao paladar. A pouca distancia brotam duas fontes abundantissimas, que quasi se confundem com o fluxo da maré. Se estivessem mais distantes do mar, poderiam, durante todo o anno, fazer rodar muitas pedras de moinho. Todavia servem de muito ás lavadeiras, aos curtidores e a outros officios. Não mui-

[1] Capitulo da carta régia de 2 de maio de 1494. — Livro I de Provimento d'agua, fl. 5. — Archivo Municipal de Lisboa. — As palavras sublinhadas tambem o estão no original. Devemos a cópia d'este documento ao snr. Eduardo Freire d'Oliveira, digno archivista d'aquelle importante repositorio.

to longe, d'encontro á porta da Cruz, ha outra fonte ou, para melhor dizer, um lago, chamado dos cavallos, porque a agua irrompe, como pequeno rio, da bôca de bronzeas estatuas equestres. Ha, além d'isso, em toda a cidade, muitas fontes, grande numero das quaes são potaveis, e que servem de grande utilidade ao publico. Não me parece comtudo de interesse estar a mencional-as aqui n'esta abreviada descripção».

Na viagem que fizeram a Portugal em 1580 os cavalleiros Tron e Lippomani, embaixadores da republica de Veneza, que vieram comprimentar Philippe II pela conquista de Portugal, ha tambem uma passagem allusiva á fonte dos cavallos. Eis como Alexandre Herculano a traduziu:

«Para o lado da porta que chamam da Cruz ha outra fonte, ou antes lago, que denominam dos cavallos; porque da bôca d'alguns cavallos de metal sae tanta agua, que fórma uma corrente a modo de ribeiro».

Esta passagem teria mais valor se não fosse, como nos parece, mera transcripção do que disse Damião de Goes. Os embaixadores venezianos tiveram sem duvida presente, ao fazer a sua narrativa, a *Descripção de Lisboa* do nosso chronista.

Os documentos até agora citados não nos deixam duvida sobre a situação da fonte dos cavallos de bronze. Examinando o plano de Lisboa no seculo XVI, que se encontra na obra de Braunio, lá se verá desenhado, adiante do chafariz d'el-rei, entre o postigo d'Alfama e o postigo da polvora, *a porta do chafariz dos cavallos*. A porta da Cruz ficava no lanço do caes do carvão que se dirige para S. Vicente, quasi fronteira á egreja de Santo Estevão. Christovão Rodrigues de Oliveira, na sua enumeração das ruas de Lisboa, inclue na freguezia de S. Miguel a *rua do chafariz dos caualos*, e *outra rua do chafariz dos caualos*, e na freguezia de Santo Estevão a *rua direita do chafariz dos cavallos*. Estas denominações já se não encontram no *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, publicado depois do terremoto de 1755.

Um documento dos meados do seculo XVI vem-nos dar outra orientação ao chafariz dos cavallos, collocando-o, ao que

parece, no Rocio. Este documento é uma Estatistica ou descripção de Lisboa, elaborada em 1552, precioso manuscripto existente na Bibliotheca Nacional d'aquella cidade. Ao fundo do folio 45, lê-se o seguinte trecho:

«... e o poço do chafariz dos cavallos da rua nova diguo do Ressio que de contino tẽ o chafariz cheo que he grãde nobreza da terra ser bẽ abastada daguoa».

No verso do mesmo folio, lê-se, porém, outra passagem que vem modificar ou esclarecer o sentido da anterior:

«E diguo que a minha notiçia veyo que hos vereadores desta çidade querẽ hora trazer aguoa do chafaris dos cavalos sobeia por canos defrõte das casas de francisco corea e ali fazer dous chafarizes muito honrados para que todo ho povo se sirva delles ho que serto seria grã nobreza da çidade. Agora digo eu mais que pareçe conçiençia deixar perder ha aguoa que vai ha o mar do chafariz dos cavallos e dellrei e repartir as agoas assima ditas e deixar as necessarias que boamẽte bastassem. E na casa do chafaris dos cavallos que nõ lavassem molheres: e tomar-lhe allgũa parte della e do chafaris pera que se nõ perdesse e deixar a outra e dar maneira como ha levãtassem quãto ella quisesse pera que hũa e outra se podese trazer a cano e agoa do chafaris dellrei se fose possivell não se perder a que se perde e que os canos se ajustassem e se erguessem mais pera se tomar a agoa perdida que sobejase do chafaris novo que querẽ fazer e fazerlhe somidouros ao pee e viese per canos ao tireiro do paço, honde se pode fazer hũ chafaris muito honrado e quãdo nã no quisesẽ levar la podiã chegar cõ esta agoa has costas dallfandega e tirar dalli o pexe. E o que me faz dizer isto he porque has agoas vẽ ao sope pelo rio abaixo e como vẽ pello rio assi podẽ vir per tera ate cataque faras sem se perder agoa nenhũa e hennobreceria a çidade e reino porque a onra da çidade he do reino: ho que nã sei dizer como entẽdo. V. A. reçeba a tẽçã e se cõprir não falecera que ho diga: digo sõr (senhor) isto pellos deseios que tenho da honra e nobreza da cidade porque no tireiro do paço, no quaes que dizẽ V. A. mãda fazer, nõ pareceria mall hũ chafaris por

que dagoa que delle sobejase podiam muitos bateis tomar muita agoa. E se nisto allgũ tanto me alargei digo minha culpa por me meter no que nã he de meu hoficio».

Em 1625 ainda existia o postigo ou porta do chafariz dos cavallos, tal qual o vemos representado no plano de Braunio. N'aquelle anno, em 1 de março, a camara de Lisboa resolveu proceder ás obras necessarias na muralha da cidade, e entre as deliberações tomadas a este proposito, encontra-se a seguinte:

«Nas Portas do Mar, pela parte de fora, se porão portas, e no arco de dentro se reformarão outras de nouo, e se tapara o chafaris da Preguiça e o postigo de Dom Gil Eanes, pella parte de fora, e os postigos do chafaris de ElRei de hũa banda e da outra; e assi se fechara o postigo Dalfama q̃ vai para São Migel, e o postigo grande dos dous do chafaris dos Caualos se tapara, e o piqueno ficara aberto e lhe porão as portas e assi se taparão todos os mais postigos até a fundição dos Castelhanos» [1].

A denominação da porta ou postigo do chafariz dos cavallos parece ter-se obliterado no quarto de seculo que decorre desde 1625. Em 1650 a camara de Lisboa tomára resolução identica á que vimos de mencionar, e na relação das obras a executar não apparece o postigo do chafariz dos cavallos, mas sim a designação do chafariz d'Alfama, que talvez substituisse o nome primitivo. Eis o trecho correspondente:

«A porta do Mar e a de D. Gil Annes da Costa e a do chafariz d'Elrei tẽem portas, com seus ferrolhos e fechaduras».

«O postigo de S. Pedro d'Alfama e o de S. Miguel e o do chafariz d'Alfama não tem portas; este d'Alfama necessita de portas, e os dois se taparão e a porta do ferrador que aqui ferra» [2].

Eis aqui as noticias, todas ellas documentadas, que podemos colligir ácerca do chafariz dos cavallos, sem duvida um dos

[1] *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, t. III, pag. 170.
[2] Idem, t. V, pag. 201.

objectos ornamentaes mais curiosos da Lisboa medieval. Os hespanhoes não conseguiram leval-os, como tropheu, entre os despojos que carregaram de Portugal, mas o nosso vandalismo deu cabo d'elles, sem ao menos lavrar um epitaphio commemorativo do seu destino. Talvez algum camarista utilitario e inimigo de velharias os mandasse derreter, aproveitando-lhes o bronze em torneiras de toneis.

O nosso amigo, o snr. visconde de Castilho, o enthusiasta e piedoso investigador da *Lisboa antiga*, nos dirá em breve, na sua *Ribeira de Lisboa*, tudo o que elle sabe ácerca d'este assumpto e o seu estylo pittoresco nos revelará todos os segredos da existencia historica do chafariz dos cavallos de arame. Que nos perdoe o illustre escriptor e indefeso archeologo, se viemos metter a nossa fouce em seara alheia!

II

A FONTE DA QUINTA DO DR. CABEDO

Trataremos agora d'outra fonte, muito menos importante, muito mais obscura, mas curiosa ainda assim pelas tradições litterarias que lhe andam ligadas.

O seculo XVI em Portugal não foi simplesmente o seculo das navegações e das conquistas. Com o nosso extraordinario movimento ultramarino coincidiu o esplendor da nossa civilisação. A litteratura e a sciencia attingiram um grau elevadissimo. A Renascença, para o esplendor da qual tanto contribuimos com o maravilhoso dos nossos descobrimentos, veio tambem espalhar sobre a nossa cabeça a sua cornucopia. Portuguezes de subido merecimento frequentavam as universidades mais notaveis do estrangeiro e conviviam com os homens que exerciam então a supremacia intellectual na Europa. Henrique Caiado, Luiz Teixeira, os Gouveias, André de Rezende, Damião de Goes, Diogo de Teive, Jeronymo Osorio e muitos outros formavam a pleiade

brilhante dos nossos humanistas, a maior parte dos quaes compozeram em latim, que era então a lingua familiar dos eruditos. Soldado, e soldado brioso d'esta phalange, foi Miguel de Cabedo, jurisconsulto notavel e poeta latino de não vulgar merecimento.

As poesias do dr. Miguel de Cabedo foram publicadas posthumas em 1594, em Coimbra, em appenso ou seguimento a uma obra de direito de seu filho Gonçalo Mendes de Vasconcellos e Cabedo, *Diversorvm jvris argvmentorvm.* Barbosa, descrevendo esta obra, não menciona o appendice poetico. Tambem não o encontrei no exemplar existente na Bibliotheca Nacional; existe, porém, no bello exemplar que possuo, e que devo á condescendencia do meu amigo e distincto bibliophilo dr. Garcia Peres.

As poesias são antecedidas d'uma noticia biographica de Miguel de Cabedo, devida á penna de Diogo Mendes de Vasconcellos, com uma irmã do qual era casado o nosso poeta. Miguel de Cabedo, nobre pela familia de seu pae, era, por parte de sua mãe, sobrinho do bispo de Vizeu, Gonçalo Pinheiro. Nascido na risonha villa de Setubal, alli tinha o seu solar. Eis como Mendes de Vasconcellos descreve a residencia de seu cunhado:

« As casas da villa, tanto as urbanas como as suburbanas, são formosas e solidamente edificadas: entre ellas ha muitos palacios de fidalgos magnificamente construidos. Avulta, porém, pelo seu esplendor peculiar a nobre e antiga casa dos Cabedos, voltada ao septentrião, junto ao muro da cidade e nos proprios muros sumptuosamente edificada ».

Os altos cargos de justiça que desempenhou em Lisboa não o impediam que elle fosse gozar os ocios judiciaes na sua bella residencia de Setubal, que elle tanto amava. Diz-nos o seu biographo que elle se entretinha em compôr ingenhosas inscripções poeticas para adornar a sua casa e quinta. Effectivamente entre os seus versos encontram-se alguns graciosos epigrammas n'este genero. Um d'elles é consagrado a uma serpente de bronze enroscada n'uma arvore e por cuja bôca manava agua n'um tanque da quinta.

Non fallax authorue mali, velut antea, serpens
Ore, sed hic gratas praebet amicus aquas.

Ou como quem diz: «Esta já não é a antiga serpente fallaz, auctora do mal, mas é a serpente amiga, que nos regala com as suas aguas».

Diogo Mendes de Vasconcellos tambem lhe dedicou o seguinte epigramma:

Arboris amplexu jussit me docta Cabedi
Cura frui, & liquidis ora rigavit aquis.
Sic nec frigoribus, nimio nec lædor ab æstu,
Grataque sunt omni hac tempore rura mihi.

A leitura d'estes epigrammas despertou no nosso espirito certa curiosidade, e procuramos desde logo saber se ainda existiriam vestigios d'esta serpente de bronze, que se nos afigurou ser um monumentosinho, embora humilde, interessante. Com este fim dirigimo-nos ao snr. Almeida Carvalho, de Setubal, que tem levado a vida inteira a amontoar documentos para a historia da sua patria, e a resposta á nossa consulta foi a seguinte:

«Só agora me foi possivel responder á carta, que v. se dignou dirigir-me, com respeito a informações que desejava obter ácerca das noticias que encontrára nas poesias de Diogo Mendes de Vasconcellos e de Miguel de Cabedo. Diz-me v. que, entre os escriptos d'este, vem um epigramma seu a uma fonte de bronze (uma serpente enroscada n'uma arvore) que elle tinha n'uma quinta que possuia proximo de Palmella; e que aquelle outro escriptor tambem dedicára um seu epigramma ao mesmo assumpto. Parece-me, se me não engano, que os epigrammas não se referem á fonte de bronze, mas á serpente ænea, isto é, fallam da *serpente æneo* ou *æneo serpente*, serpente de bronze,

cobre ou latão, que servia de bica, sahindo pela bôca da bicha a agua do chafariz, deposito ou tanque — *stagnum aquarum*, como escreve Cabedo. Ora as bicas das fontes, tanques, etc., foram e são ordinariamente em fórma de boccas de animaes, e entre estes eram vulgares as cobras, serpentes, etc., que até se punham nas peças d'artilheria. Ainda hoje vêmos algumas torneiras ou tornos de bronze em alguns chafarizes ou tanques, etc., e antigamente maior era o uso.

« Persuado-me pois que a tal serpente de bronze formava a bôca da torneira, ou do cano, por onde sahia a agua, que regava a quinta, onde houve um antigo e pequeno tanque, e ahi estaria a bicha tão fallada e engrandecida pelo capricho da imaginação poetica. Essa propriedade rural era então, e foi ainda por muito tempo, uma insignificante horta; embora talvez, em eras passadas, bem cultivada, mas em meado d'este seculo já mui damnificada, passou dos herdeiros de Miguel de Cabedo para um individuo (José Joaquim d'Oliveira) que muito a melhorou com grandes obras, e actualmente é uma quinta com pomares de espinho o de caroço, horta, etc. etc., e casas. É desde antiga data denominada *Beselga*. Será a denominação de alguma villa ou cidade romana? Os nossos antigos escriptores, e outros, fallam de uma antiga cidade da Lusitania chamada Beselga, e querem alguns que existira no districto ou proximidade de Thomar. Mas como, segundo se diz, ainda não ha muito se dava o nome de Beselga a um ribeiro ou logar proximo a Thomar, tambem poderia ter acontecido que alguem d'este sitio viesse d'ahi para a então horta e por isso se chamasse Beselga, ou este nome fosse o appellido do rendeiro ou emphyteuta, da horta, cujos senhores directos eram os Cabedos, segundo me parece. Portanto inclino-me a não dar grande importancia ás imagens phantasticas dos enthusiastas e caprichosos poetas de imaginações escandecidas. Tambem elles nos fallam e cantam os lustrosos e esplendidos jaspes, com que foram erguidos os muros que cercavam a opulenta e bella Setubal, e nós ahi vemos os restos dos pannos d'esses muros estarem a mostrar-nos terem sido construidos de alvenaria, e da mais tos-

ca, embora aqui e alli, como em alguns cunhaes, as suas faces sejam de cantaria grosseira. Mas que quer o meu amigo? Tudo isso são liberdades de poeta, de que se lhes não póde pedir contas, mesmo porque já o nosso padre Antonio Vieira dizia *que os poetas, como mentiam por officio, não enganavam ninguem.* Em conclusão: da tal serpente não ha por aqui memoria ou tradição, a não ser o que nos dizem os dois poetas. Eis o que posso informar a v., aproveitando com satisfação o ensejo para me assignar de v. etc.

« Setubal, 3 – 1 – 91.

J. C. d'Almeida Carvalho ».

Estamos plenamente d'accordo com muitas das observações d'esta carta. Os poetas exageram sempre e é preciso darlhes o devido desconto. Não disse Herculano que Lisboa era uma cidade de marmore e de *granito?* O enthusiasmo da sua inspiração levou-o a commetter este erro de geologia, desculpavel apenas pela necessidade euphonica do periodo, escripto em prosa biblica. No entanto parece-nos que o snr. Almeida Carvalho cahiu um pouco no defeito que tão judiciosamente nota. Se os poetas exageram, o nosso amavel epistolographo, levado pelo seu positivismo, carrega talvez um bocadinho a mão, apoucando demasiadamente a valia do solar e quinta de Cabedo. Pela descripção de Diogo Mendes de Vasconcellos, por mais emphatica que nós a supponhamos, vê-se que era uma propriedade d'estimação: não nos parece que fosse simplesmente uma horta. Os disticos de Miguel de Cabedo denunciam-nos uma formosa quinta de recreio. Um dos epigrammas é consagrado a uma casa de fresco, coberta de vides, onde havia pintado um Marte descançando: *In viridario eiusdem villæ vitibus cooperto, vbi depictus est Mars requiescens curru deposito.* Miguel de Cabedo tinha viajado no estrangeiro, tinha residido em algumas cidades de França, como Orleans e Paris; nada mais natural que alli apurasse o seu gosto pelo bello e procurasse, no regresso á patria, introduzir na sua viven-

da alguma coisa do que vira nas residencias senhoriaes da França.

É uma simples conjectura, em harmonia até certo ponto com o testimunho dos epigrammas latinos.

Dizia Cabedo que a serpente já não era a antiga serpente enganadora: seria o poeta que lhe herdou a malicia, e nos quizesse enganar enganando-se a si proprio com os arrôbos da sua phantasia?

Sousa Viterbo.

IDÉAS E FACTOS [1]

Summario : *A Partilha da Africa,* por Emilio Laveleye — *Octavio Feuillet.* Uma apologia por F. Brunetière — *A Moral do Tabaco e do Alcool,* pelo conde Leão Tolstoi — *A Moderna Condição do Lavrador Americano,* por Rodney Welch — *A Questão Operaria,* pelo snr. Canovas del Castillo — *O Verso está em perigo?* por Edmundo Gosse — *A Situação Economica da Hespanha* — *Os Negros aspiram á igualdade social?* por J. C. Price — *A Guerra,* pelo visconde de Vogüe — *O Futuro Homem Civilisado,* por E. Jackson — *As Indias Negras,* pelo visconde de Vogüe.

A Partilha da Africa, por Emilio Laveleye

(*The Forum*)

A historia colonial não offerece exemplo d'um desenvolvimento tão rapido como o da empreza do rei Leopoldo. Graças ás estações estabelecidas pelas margens do rio, ha uma perfeita ordem e segurança até Stanley Falls. Vinte e sete vapores, quatorze dos quaes pertencem ao Estado e seis á *Companhia belga do Alto Congo,* sulcam as aguas do rio alto e os missiona-

[1] Esta secção será d'ora em diante ou um resumo dos artigos mais notaveis publicados nas revistas estrangeiras e dos capitulos mais importantes dos livros recentes, ou apenas a versão de um ou outro pensamento digno de apontar-se nas publicações periodicas contemporaneas. É propriamente uma carteira de notas litterarias ou scientificas. Differentemente do que fiz, quando foi iniciada, abstenho-me de qualquer critica ou commentario, e limito-me a apresentar, tão fielmente quanto posso e sei, as idéas alheias; pois parece-me que, pelo primeiro systema, involuntaria mas facilmente poderia induzir o leitor em equivocos, a não ser que acompanhasse o meu trabalho de explicações tão longas como enfadonhas, e que na composição typographica houvesse um escrupuloso cuidado em separar, pela diversidade de typo, as idéas estranhas e as minhas. Tudo eram embaraços para mim, sem proveito para o leitor.

J. de M. Lima.

rios protestantes e catholicos têm estações alli, sob a protecção da bandeira com a estrella de ouro. Em certa região ha mesmo um systema administrativo e judicial bem organisado e perfeitamente estabelecido. O valor das exportações — marfim, borracha, oleo de palma, etc. — foi em 1885 até cerca de 9.000:000 de francos e as despezas do Estado foram de 3.000:000 de francos. O commercio não póde deixar de augmentar prodigiosamente desde que se abra a via ferrea de Matadi a Leopoldville. Presentemente todas as mercadorias têm de ser levadas por carregadores do alto Congo até ao mar, o que necessita tão pesada despeza que os productos não podem competir com outros productos coloniaes, nos mercados europeus. Quando o caminho de ferro estiver feito, tudo isto será alterado. Toda a Africa central será aberta ao commercio, porque o Congo será o unico rio do continente negro que lhe dá accesso, sendo o curso dos outros cortado pelas quedas e rapidos. O clima é melhor que o da India; já ha plantações e os naturaes cuidam da agricultura. A empreza do rei Leopoldo está pois destinada a um grande futuro.

É digna de attenção a maneira por que os estados da Europa dividiram a Africa entre si. Como Mr. David Dudley Field observou, no recente congresso da associação da Paz, em Londres, aquellas possessões podiam ter sido disputadas pela força das armas, com sangue derramado de ambos os lados; mas em vez d'isto, tudo se determinou pacificamente. Certamente que isso não se fez sem difficuldades e embaraços occasionaes; mas a paz nunca esteve ameaçada. Os diplomatas tomaram o logar dos generaes e almirantes, e a pena substituiu a espada.

Alguns principios novos de direito internacional governaram esses accordos; entre outros o do «protectorado», o da «zona de influencia» e o do «*hinterland*». Um protectorado significa simplesmente a posse d'uma provincia pertencendo a um outro estado, e a sua administração á vontade do protector. É de facto uma annexação, posto que os direitos do suzerano sejam nominalmente respeitados. A protecção n'este sentido é synonymo de espoliação. Por exemplo, os francezes regularam-

se por este principio em Tunis e os inglezes no Zanzibar. A zona de influencia é uma concessão, feita a certo estado pelos outros estados, d'um territorio sobre o qual nenhum d'elles tem direito algum. A theoria do *hinterland* é de origem germanica. Conforme esta theoria, quando um estado occupa a costa d'uma certa região, esta occupação póde estender-se no interior a uma distancia indefinida, até que encontre o *hinterland* d'um outro poder. Taes principios necessariamente trazem luctas e difficuldades porque, como nada embaraça um determinado paiz de attribuir-se, no mappa, uma zona de influencia ou um *hinterland*, são inevitaveis os conflictos entre as nações; se até hoje têm sido evitados os mais serios, é graças ao espirito de civilisação e amor de paz que tem inspirado todas as negociações.

Se compararmos o mappa da Africa de ha dez annos com o mappa presente, encontramos mudanças immensas. Não tem parallelo na historia do mundo. Até ha pouco, salvo a Argelia no norte e o Cabo no sul, os estados europeus, mesmo a França na Senegambia, e Portugal em Angola e Moçambique, percorriam apenas alguns postos isolados á volta da costa. Hoje todo o vasto continente africano, excepto a parte central que cérca o lago Tchad, foi dividido, e seis estados tomaram á sua parte immensas dependencias. Por menos precedentes que tivessem os processos usados n'esta partilha, todos os amigos da humanidade só podem alegrar-se com o resultado. Em primeiro logar, os mais admiraveis principios foram admittidos para governar toda a zona central, incluindo a liberdade de commercio, a igualdade para todos e a paz baseada na neutralidade. A suppressão do trafico da escravatura, que se calcula condemnar annualmente á morte, por privações ou maus tratos, cêrca de meio milhão de sêres humanos, foi um grande beneficio. Segundo as medidas adoptadas pelos governos europeus, só ha um mercado, o Soudan, e, como os meios de pagamento são limitados, o commercio de escravos tende a cahir por deixar de ser lucrativo. De facto, um continente inteiro tomou o seu logar no mundo economico e social, precisamente como se acabasse de ser

descoberto. Ninguem póde prever actualmente as consequencias de tão grandes alterações.

Octavio Feuillet. Uma apologia por F. Brunetière

(*Revue des Deux Mondes*)

Poucos romancistas conheceram melhor a sociedade fina que Feuillet; nenhum, no nosso seculo, pintou melhor a mulher; e nenhum principalmente, desde Prevost ou desde Racine mesmo, fazendo servir o romance a mais nobres fins, soube ao mesmo tempo contar-nos primeiro n'uma lingua mais preciosa e mais nervosa, e depois mais firme e simples, mas sempre facil e elegante, historias d'amor, tão tragicas, tão lindas e tão ousadas.

Se o dialogo é uma parte consideravel da arte do romancista, e se não ha talvez nada mais raro que o talento de utilisal-o na pintura dos caracteres, nenhum romancista contemporaneo — digo nenhum, nem George Sand nem Balzac — o possuiu entre nós no mesmo gráu que Feuillet.

Tinha a imaginação naturalmente romanesca e o espirito voluntariamente inclinado ao optimismo. São duas coisas que muito habitualmente apparecem juntas: são tambem duas palavras que precisam uma breve explicação, principalmente a primeira. Pois que effectivamente não vemos que se accuse uma comedia de ser excessivamente « comica », d'onde vem que se argue um romance de ser excessivamente « romanesco », e não é isto quasi mais contradictorio ainda que divertido? Porque é que os nossos romancistas hoje de coisa alguma se defendem tanto como de ser « romanescos »? Porque é que esta palavra só por si encerra não sei que idéa de ridiculo? Ha sem duvida mais do que uma maneira de ser « romanesco », se mesmo não ha muitas.

O romanesco e o optimismo consistiram para elle, não em

crêr que uma providencia, uma fortuna ou um acaso propicio acabava sempre por « arranjar » as coisas, pois ninguem, a dizer a verdade, escreveu romances mais tragicos cujos desenlaces sejam mais crueis, sanguinolentos e irreparaveis. A este respeito, os romances de Feuillet são para os romances de Balzac aproximadamente o que as tragedias de Corneille são para as comedias de Molière: são para os romances de George Sand — que acabava sempre excessivamente bem, por algum casamento bom ou por qualquer adulterio confortavel — o que a tragedia de Racine é para as comedias de Marivaux. Tão pouco o romanesco consistiu para elle nas aventuras extraordinarias, nos acontecimentos inverosimeis ou na idealisação dos personagens — M. de Camors ou M. de Maurescamp, por exemplo, para não fallar de outros, não estão longe de serem simples criminosos. Ou pretender-se-ha que foi « romanesco » por ter posto em scena nos seus romances tantos marquezes e condessas em logar de chefes de estação e logistas? Tudo o que devemos dizer é que elle começou por julgar a vida mais facil e a humanidade melhor que realmente o são; o dever mais agradavel; e a paixão mais facil, não digo precisamente de vencer, mas de dirigir.

Sainte-Beuve tinha extremado bem que uma parte pelo menos, do « romanesco » de Feuillet vinha da primeira educação que tinha recebido, das condições da sua mocidade e infancia, dos seus habitos e dos seus costumes em geral. Queria dizer, e, em summa, dizia, que para escrever o verdadeiro « romance d'um rapaz pobre » o que principalmente lhe faltava era têr experimentado, directamente ou por intimo contacto, a verdadeira pobreza, a que os homens soccorrem mas que nem por isso aborrecem menos que se fosse um vicio. Esta sociedade « burgueza e distincta » que o auctor frequentava, se por um lado o livrou de muitos contactos, por outro privou-o de mais de uma materia de observação e de muitas occasiões de experiencia. Mal podia dizer-se que tinha passado pela « vida litteraria », a vida de bohemio; e quantas graças aprendidas e bellos sentimentos de convenção os seus aristocraticos modelos

tinham ostentado diante d'elle, se não o illudiram, como se podia adivinhar pela sua leve e picante ironia, deixavam recear que viessem a illudil-o. É o que elle comprehendeu, e sem mudar de modelos, estudou de mais perto, sempre encantado mas já mais attento, os que tinha o costume de imitar e que de resto jámais devia deixar de preferir aos outros. Gostava mais dos salões que das espeluncas; era o seu feitio. Mas em logar de brincar á superficie das coisas, prendeu a sua observação aos dramas eternamente humanos que se representam entre marquezes e baronezas como entre costureiras e machinistas. Viu que um sorriso, um rubor, um gesto, um aceno, um epigramma revelam mais ardor ou mesmo maior violencia de paixão que n'um outro mundo exprimem as interjeições, as lagrimas ou as injurias. E da pintura d'estas paixões envolvidas, ou, se assim póde dizer-se *ouatées* de discrição, mas interiormente exasperadas com todos os embaraços que lhes põem a educação e o uso, concebeu a ambição de fazer qualquer coisa que fosse tão nobre e tão « forte » ao mesmo tempo como a tragedia de Racine.

Em Feuillet uma preoccupação excedeu todas as outras: a da condição da mulher na sociedade moderna, a da sorte que lhe dá o casamento, e a das satisfações que o costume ou o prejuizo lhe recusam. Foi isto que demasiado se esqueceu, quando se procurou unicamente no caracter romanesco da sua imaginação a explicação ou o segredo das sympathias femininas que os seus romances despertarão sempre. Porque na realidade as mulheres não são mais romanescas que nós; ou pelo menos somos nós, é o nosso egoismo que trabalha para manter-lhes, « em proveito das nossas paixões e dos nossos prazeres », esse gosto de certo romanesco que em seguida lastimamos. Ao romancista que, primeiro entre nós, ousou dizer e reivindicar para ellas o direito de serem tratadas como pessoas moraes, é de espantar que tenham concedido toda a sua confiança? Mesmo nos romances em que as maltrata, é sempre a sua causa que defende; mal as torna responsaveis pelas traições que lhes imputa e pelos crimes que lhes faz commetter. Não preciso insistir para que se veja

o que esta concepção do direito da mulher tem, com effeito, de generoso e simultaneamente de original e de pessoal.

No seu ultimo romance, *La Morte*, reapparece a these religiosa; e pois que foi por ella principalmente que se tem julgado Feuillet, carecemos de dizer duas palavras. Estranha-se uma tão bella orthodoxia em romances que exalam um tal *odeur de femme*. Admittamos com effeito que seja inconveniente misturar a elegancia e a religião; é todavia verdade que sempre andam misturadas e que recusar ao auctor dramatico, ao poeta, ao romancista o direito de apresental-as n'essa confusão, equivale a prohibir-lhe tocar, não direi na religião, mas na sociedade elegante. « Ha poucos assumptos de conversação, se os ha, dizia Feuillet, que por um ou por outro lado não toquem na questão religiosa que, na realidade, está no fundo de tudo »; e nas mulheres as concessões que fazem ás coisas mundanas, nunca ou raras vezes alteraram o fundo da crença.

Quanto ao ponto particular de saber se a moralidade se funda necessariamente na crença e se não ha virtude fóra do espiritualismo ou do christianismo, começarei por fazer uma profissão absoluta de descrença. Mais de uma vez se tem dito e não temo repetil-o: é verdade que actualmente podemos ser honestos, probos e virtuosos sem crêr em coisa alguma. Mas duas coisas são igualmente verdadeiras: uma, que não houve até hoje moral que não se apoiasse n'uma metaphysica ou que, para melhor dizer, não derivasse d'uma metaphysica; e outra, que não ha idéas que cedo ou tarde não se transformem em principios ou em mobis d'acção. Accrescento uma terceira: é que dezoito seculos de christianismo nos inocularam, por assim dizer, a religião, e que sem o querer ou sem o saber, a nossa conducta guia-se por motivos cuja independencia religiosa e caracter puramente scientifico de modo algum estão provados. É quanto basta para permittir a um philosopho, e mais ainda a um romancista, sustentar a these que Feuillet sustentou em *Sibylle* e *La Morte*. Tocando estas altas questões e tratando-as com a seriedade que exigem, o seu auctor não ultrapassou ou excedeu nem os limites da sua arte, nem o direito ou o dever

que se tem, em tempos de perturbação, de affirmar o seu modo de pensar.

Emquanto certos romances não têm senão um valor anecdotico ou documentario, e não servem senão para nos divertir, os de Feuillet, pelo contrario, fazem-nos pensar. Habitualmente e habilmente occulta, a preoccupação moral sente-se sempre; e, na verdade, ninguem cuidou menos que elle de «punir o vicio» ou «recompensar a virtude»; mas ninguem mais escrupulosamente aferiu as acções humanas pelo seu valor moral e guiou o leitor com mão mais segura e ao mesmo tempo mais discreta para um justo discernimento do que faz a honra dos homens e a virtude das mulheres. Não hesitou em deixar morrer o commandante do Pas-Devant de Frémeuse ou M.me Vaudricourt, porque era conforme á logica da sua situação e á verdade da vida. Tão pouco hesitou em deixar viver M.me de Talyas ou M.me de Maurescamp, porque na realidade a propria audacia dos «monstros» assegura-lhes a impunidade. Mas quasi sem o mostrar, determinou o que deviamos julgar d'uns e d'outros, e está n'isso toda a moral. Quero dizer, que a quantidade do mal em todos os tempos sendo sempre igual a si mesma entre os homens, a unica coisa que importa, é saber chamar ao mal pelo seu nome e não inventar, como fez o romantismo, em favor do vicio ou do crime, escusas que cedo ou tarde acabam por tornar-se justificações.

Que ficará da obra de Feuillet? Se ha romances que possam chamar-se idealistas são os seus. São-no a todos os respeitos e por todos os modos; e, por certo, cada um, segundo o seu gosto, póde preferir os mais naturalistas; mas não se poderia sustentar que o naturalismo só iguale, encha e esgote a definição ou a idéa do romance. Se a imitação fiel da natureza e da vida é sem duvida um dos fins do romance ou do theatro, ha tambem outros fins, e a interpretação ou a idealisação do mundo e da realidade é um d'elles. Entre os romances idealistas os de Feuillet são e ficarão em primeira linha, menos eloquentes talvez, mas bem menos declamatorios que os de George Sand; mais numerosos — o que é sempre alguma coisa — e

principalmente mais bem escriptos que os de M.me de Staél; menos longos que os de Rousseau e de Richardson.

A Moral do Tabaco e do Alcool, pelo conde Leão Tolstoi

(*The Contemporary Review*)

Qual é a verdadeira explicação do uso que fazemos de estimulantes e narcoticos, como o vinho, a aguardente, a morphina, a cerveja, o opio, o tabaco e muitos outros? Onde teve origem e como se espalhou tão rapidamente, e se mantem com tão grande tenacidade entre a gente de todas as condições, selvagem e civilisada? Para nos animar. — Para varrer a tristeza. — Porque todos o praticam.

As razões d'este genero podem sem absurdo evidente ser allegadas para justificar o habito de cantarolar, de assobiar, ou de qualquer outra das mil occupações semelhantes que nem destroem as riquezas naturaes nem demandam grande despeza de trabalho humano, occupações que não prejudicam nem estranhos nem aos que as têm. Mas nenhum dos habitos em questão tem este caracter innocente. Para que o tabaco, o opio e o vinho sejam produzidos em quantidade bastante ao seu enorme consumo, milhões e milhões de acres da melhor terra, entre povoações na triste necessidade de terra, são reservados á cultura de videiras, do tabaco e de papoulas, e milhões de sêres humanos — na Inglaterra um oitavo da população total — consagram a sua vida a preparar esses nocivos estimulantes. Não é tudo. O consumo d'esses productos é, fóra de toda a duvida, altamente prejudicial, traz comsigo males terrives, cuja realidade todos admittem, males que arruinam mais homens e mulheres que todas as guerras sangrentas e doenças infecciosas que dizimam a raça humana. Todo o mundo sabe, e não é crivel que tão grande causa de mal se admitta sómente para nos animar, para varrer a tristeza, ou porque todos o fazem. É evidente que

deve haver uma outra explicação de tão extraordinario phenomeno.

O homem, no correr da sua existencia consciente, tem frequentes occasiões de perceber em si dois sêres distinctos: um cego, sensual; o outro dotado de visão, espiritual. O primeiro come, bebe, descança, dorme, perpetua-se e move-se como uma machina posta em movimento por um periodo definido; o sêr espiritual, o que vê e está ligado ao sêr sensual, não faz nada senão pesar e apreciar a conducta do sêr sensual, cooperando activamente quando approva, afastando-se quando reprova as suas acções.

Podemos comparar o sêr espiritual á agulha d'uma bussola, coberta com uma substancia opaca; a agulha permanece invisivel emquanto vamos na direcção que ella indica, mas move-se e apparece se nos desviamos d'essa direcção. Assim na vida humana, o sêr espiritual cujas manifestações chamamos consciencia, indicam-nos o caminho do bem, e, se nos desviamos d'esse caminho, logo se revela e nos mostra o erro. De fórma que, ao percebermos o erro, ou temos de sujeitar-nos ás indicações da bussola, a consciencia, ou de occultar aos proprios olhos o desvio, as irregularidades da nossa vida animal.

Supponhamos, por exemplo, que a vida d'um homem não é conforme o que a consciencia lhe ordenava e elle não tem a força necessaria para emendar-se conforme essas exigencias. Por outro lado, as distracções que desviaram a sua attenção d'esse antagonismo ou são insufficientes, ou se gastaram pelo uso, ou deixaram de produzir o resultado esperado. É então que desejoso de continuar a viver contra o testemunho da sua consciencia, para libertar-se das suas instigações, como quem lançasse aos olhos uma mão cheia de farinha para fugir á presença d'um objecto desagradavel, envenena com estimulantes e narcoticos o cerebro, o orgão através do qual a consciencia se manifesta.

Não é, portanto, simples prazer ou distracção o habito do alcool e do tabaco, é a necessidade de occultarmos aos proprios

olhos os conselhos da consciencia. O uso das bebidas na guerra, o proveito que os criminosos tiram dos estimulantes e narcoticos para lhes darem animo e coragem nos seus feitos, seriam provas d'este modo de vêr.

Tem-se, todavia, por assente que o uso continuado do tabaco e dos demais estimulantes e narcoticos, em pequenas dóses, não obscurece a consciencia dos que o praticam. Não se tornam criminosos por esse habito nem mesmo loucos ou maus; é um simples prazer sem notaveis consequencias moraes. Isto é, porém, um erro: em primeiro logar porque esses venenos produzem sempre a mesma acção physiologica que começa por dar uma intensidade anormal e termina por paralysar proporcionalmente a actividade do cerebro; depois porque se alguma vez têm a propriedade de adormecer a consciencia, possuem igual propriedade em qualquer occasião; e finalmente porque, se esses estimulantes e narcoticos são indispensaveis aos salteadores, aos ladrões e ás cortezãs de profissão para abafar a voz da consciencia, não são menos necessarios ás pessoas que seguem outra profissão que as suas consciencias condemnam, posto que sejam consideradas legaes e honrosas pela grande maioria dos seus semelhantes.

É impossivel não vêr que o habito dos estimulantes toxicos, em grandes ou em pequenas dóses, tem sempre a mesma causa, é sempre a mesma necessidade de occultar a discordia entre a nossa vida e as reclamações da consciencia.

Pretende-se que o tabaco alegra o coração e illumina o pensamento, sem em caso algum produzir o effeito produzido pelo alcool de paralysar a actividade da consciencia. Todo o fumador póde, se quizer, distinguir claramente a mesma necessidade definida de adormecer as suas faculdades do pensamento com o fumo do tabaco em certos momentos criticos da sua vida. Fallando por mim, posso distinctamente lembrar-me das vezes em que senti essa instante necessidade do tabaco, no tempo em que ainda fumava. Era sempre que desejava não me lembrar de coisas que me vinham á memoria, sempre que desejava suspender todo o pensamento, esquecer um erro na con-

versação, na falta a qualquer coisa aprazada e em momentos semelhantes.

O caracter, que distingue o tabaco das outras especies de estimulantes com igual effeito sobre o cerebro, é a sua natureza extremamente portatil, que facilita o uso. Além d'isso o fumador não é desagradavel como o bebado. E finalmente uma outra vantagem do tabaco sobre os seus concorrentes está em que, emquanto a acção dos outros é longa e se estende a todas as impressões recebidas, a acção do tabaco póde regular-se conforme cada caso particular.

Entre a vida particular do individuo e a paixão do tabaco ha uma estreita dependencia. Os rapazes começam a fumar quando perdem a innocencia da meninice; os que mudam para melhor vida moral frequentes vezes deixam de fumar, assim como os que cahem na depravação d'ordinario se tornam fumadores; os jogadores, as prostitutas e os loucos são sempre grandes fumadores. O habito, sem duvida, é n'estes casos um facto que devemos reconhecer, mas depois de lhe darmos todo o valor devido, devemos ainda admittir que ha uma certa dependencia innegavel e bem definida entre o fumo e a necessidade de impôr silencio á consciencia, e que o fumo indubitavelmente produz este effeito.

Vulgarmente se allega, como um beneficio do tabaco, que o fumo activa o trabalho mental; e se limitarmos esta observação á quantidade de trabalho effectuado, veremos que é bem fundada. Para um homem que está fumando, e que por conseguinte deixou de pesar e medir os seus pensamentos, naturalmente parece que o seu espirito de repente começou a transbordar de idéas. De facto, as idéas tornaram-se mais numerosas, mas simplesmente perdeu toda a acção sobre ellas. Para quem trabalha com plena consciencia do que faz, o trabalho é tanto mais lento e mais perfeito quanto é severa a critica.

Mas é possivel que tão leves e quasi imperceptiveis alterações, como são as que resultam do fumo, produzam tão largos resultados? É tão racional pensar assim como imaginar que um relogio fica seriamente damnificado se bater n'um pedra, mas

não soffre prejuizo se lhe introduzirem uma estilha de madeira ou qualquer outro corpo estranho no mecanismo interno. Não devemos perder de vista que o trabalho, que é o principal instrumento na formação e na actividade da vida humana, não é o movimento dos pés, das mãos e das costas, mas as modificações de consciencia. Antes que um homem possa realisar qualquer coisa com os seus pés e mãos, necessariamente terá havido certa mudança na sua consciencia. E esta mudança determina todas as acções seguintes. Ora estas modificações da consciencia são sempre leves, quasi imperceptiveis. Por isso devemos dar a maior attenção ao estado do espirito em que essas modificações se effectuam, cercar-nos das condições mais favoraveis á precisão e clareza do pensamento, e obstar escrupulosamente ao escurecimento da consciencia pelos estimulantes e narcoticos.

Imaginem-se agora as consequencias terriveis do tabaco e do alcool! Não regulamos a vida pela consciencia, adaptamos a consciencia á nossa vida. Em certos periodos da vida todos encontramos certos problemas moraes que temos de resolver n'um ou n'outro sentido, e da solução dos quaes depende a felicidade de toda a vida. Essas soluções demandam um trabalho gigantesco e enfadonho, e a fraqueza humana instiga-nos a abandonal-as por esse motivo. Como Lessing observa, a gente tem o habito de deixar de pensar quando o processo do pensamento se torna difficil. Ora n'esse momento, quando o espirito lhe pede a solução de problemas de que depende todo o progresso da vida humana, descobre meio de esquecer esses problemas sempre que se apresentam ao pensamento. Esta maneira de proceder seria como a d'um homem que, tendo de apanhar uma perola no fundo d'um rio, para livrar-se de penetrar na agua fria, occulta a perola turvando o rio e repete esse processo sempre que a agua parece tornar-se limpida.

São terriveis os effeitos do alcoolismo como os vemos nos viciosos incorrigiveis, mas são incomparavelmente mais terriveis para a humanidade os effeitos do fumo e do beber moderados, habitos largamente perdoados como innocentes pela maioria da

gente e mais particularmente pelas classes a que chamamos educadas. As consequencias são terriveis, se admittimos, o que é impossivel negar, que as forças dirigentes da communidade — politica, administrativa, scientifica, litteraria, artistica — residem pela maior parte em homens que não estão em condições de espirito normal, em homens que, para chamar ás coisas pelo seu nome, se encontram n'um estado de intoxicação. Concebe-se que homens não embriagados possam serenamente deliberar fazer todas as coisas extraordinarias que se estão fazendo no mundo, da torre Eiffel até ao serviço militar obrigatorio? Sem a mais leve necessidade, nem mesmo apparencia de necessidade, fórma-se uma companhia, subscreve-se um largo capital; gastam-se na construcção d'uma torre milhões de dias de trabalho e milhões de toneladas de ferro; e depois de acabada, milhões de pessoas consideram do seu dever subir ao alto da torre, param um instante, descem, e o unico effeito produzido no espirito dos homens por esta torre e pela frequencia das ascensões que lá se fazem, é o desejo e a resolução de construir em outros logares torres ainda mais altas.

Conclusões optimistas — a emancipação da humanidade d'este mal terrivel marcará uma época na vida da especie, e apparentemente esta época chegará n'um futuro proximo. O mal já está reconhecido. Já se operou uma mudança na consciencia dos homens relativamente ao uso dos estimulantes e narcoticos que envenenam o cerebro; começou a reconhecer-se o damno que produzem e n'esse sentido se manifestam os sentimentos; e esta mudança imperceptivel na consciencia deve necessariamente arrastar a emancipação da humanidade de taes venenos. Esta emancipação na humanidade da servidão dos venenos cerebraes abrirá os nossos olhos ás reclamações da consciencia e immediatamente começaremos a pôr a vida em harmonia com ella.

Este movimento parece ter já começado. E como é usual em taes casos, começa nas classes mais altas, depois das classes inferiores terem sido empestadas com o mal.

A Moderna Condição do Lavrador Americano, por Rodney Welch

(*The Forum*)

Houve tempo em que na America cada granja era uma fabrica, não d'um genero de mercadorias, mas de muitos. Durante todo o dia ouvia-se em casa a dubadoira e o tear. Os vestidos e os tapetes eram feitos de materiaes produzidos em casa. Muitos d'esses tecidos eram maravilhas de belleza e utilidade. A cozinha era ao mesmo tempo uma padaria, uma confeitaria e um laboratorio de chimica. Cada dia preparava-se o alimento necessario para uso immediato; e em certas occasiões os salpicões, os queijos e as conservas de todo o genero. O sabão, as velas e o vinagre fabricavam-se em casa. Junto a cada habitação havia sempre a carpintaria. Os instrumentos agricolas eram poucos e simples, e a maior parte feitos pelos proprios lavradores. Os apparelhos para fazer queijo e manteiga eram informes, mas a habilidade da mulher do lavrador sabia como servir-se d'elles para obter bons productos: não havia estabelecimentos commerciaes de leitaria, cada granja era uma queijaria. Como não havia machinas de costura, a mulher e a filha do lavrador cosiam quando não se empregavam em trabalhos mais pesados, e n'isso occupavam os longos serões. Entre os lavradores havia pouco dinheiro, e pouco era preciso, a não ser para comprar os livros de ensino e outras coisas que não se podiam obter por meio de troca, e para fazer pagar o correio e os impostos; e ainda dos impostos nem todos eram pagos em dinheiro, como acontecia com o serviço pessoal para a reparação dos caminhos. O trigo colhia-se como no tempo de Ruth e de Boaz, e o grão era debulhado e limpo como, nos dias de Nero, pelo escravo romano. A maior parte das scenas descriptas pelos escriptores do Velho Testamento e por Virgilio e Agricola repetiam-se todos os annos na America. O inventor não tinha sonhado com machinas para plantar, cultivar e colher os productos dos campos. Pouco havia do que póde considerar-se lavoura commercial.

Hoje pouco resta da condição do lavrador n'aquelle tempo, que, como o mineiro e o fabricante, produz artigos para o mercado. Compra quasi tantas coisas como as pessoas que vivem nas cidades. Não leva o trigo ao moinho do costume para ser transformado em farinha, mas vende o grão e compra as materias necessarias para alimentar a familia. A casa já não é uma fabrica; o vestuario da familia fabrica-se fóra. Se ha muitas vaccas, manda-se o leite a uma fabrica de queijos ou de manteiga. A fabricação de velas, de sabão, de cerveja e de vinagre, a lavagem da roupa e os chapéos de palha contam-se entre as artes domesticas perdidas. A introducção das machinas revolucionou quasi todos os ramos do trabalho na granja, e reduziu muito o numero de trabalhadores necessario. Nas regiões principalmente cerealiferas, graças ao uso das machinas, a lavoura tornou-se quasi uma occupação sedentaria.

Todavia, com todas estas mudanças apparentemente beneficas, com machinas para fazer quasi todo o trabalho, com dinheiro para todos os seus productos em vez de pagamentos em generos, com mercado á porta, com mais ocios e menos canceiras, duvido que os lavradores estejam mais contentes com a sua sorte, que tenham mais prazer na vida do que tinham em outro tempo. Duvido tambem que estejam mais prosperos; estão geralmente inquietos senão descontentes. A sua condição social não melhorou como a dos commerciantes; a maioria está anciosa por trocar a lavoura pela loja, pela mina e pela locomotiva.

A razão d'esse estado reside em que as mudanças foram tão rapidas que os lavradores não conseguiram adaptar-se-lhes. Nos tempos de colonia e durante a primeira metade da existencia da nação, a ambição de quasi todo o homem de meios e de educação era tornar-se um fidalgo da provincia. Muitos empregavam-se no commercio ou nos transportes maritimos com o fim de alcançar o dinheiro necessario para adquirirem e melhorarem uma casa de lavoura. Os nossos antepassados trouxeram da mãe-patria o amor dos largos campos, das florestas, dos gados, dos palacios magestosos cercados de verdura; e esse amor augmentou,

transplantado para uma região onde qualquer tinha facilidade em adquirir terra. Por mais de um seculo a vida rural foi preferivel, a todos os respeitos, á vida urbana; offerecia maiores facilidades para o gozo physico e para o desenvolvimento intellectual. A sociedade da provincia era então tão instruida como a das cidades. Medicos de grande reputação viveram em casas de lavoura, visitavam a cavallo os seus clientes, levando a pharmacia e os instrumentos cirurgicos nas bolsas da sella. Alguns dos governadores de provincia e dos presidentes da republica foram lavradores. Breve, os lavradores constituiram uma classe da qual se podiam escolher homens que, em virtude do seu saber e intelligencia, eram competentes para occupar quasi todas as posições publicas.

Antes da introducção da via ferrea, as estradas de rodagem eram muito mais frequentadas, já para o transporte de generos, já para viagens. Os proprietarios orgulhavam-se em ter as suas propriedades muito bem tratadas, á beira da estrada.

Os historiadores romanos contam que, em certa época da sua historia, as cidades tornaram-se tão attrahentes que os lavradores trocaram as suas antigas residencias por outras que lhes offereciam maiores facilidades para os prazeres. Essa emigração foi altamente prejudicial para os que ficaram; cessou a influencia que essa gente illustrada exercia sobre os que a rodeavam. Os proprietarios ausentes viviam do que recebiam da provincia. Em breve, accentuou-se a differença entre a população urbana e a população rural da Italia; havia duas civilisações differentes, como se via na linguagem, no trajar, na maneira de viver. Essa historia repetiu-se em França antes da Revolução; e, com pequena duvida, foi a causa d'esse acontecimento. As cidades cresciam em poder e riqueza á custa das provincias; d'ahi a rebellião, depois de longos annos de oppressão, das povoações ruraes.

O mesmo succede presentemente na America. Os lavradores e os proprietarios ausentes esquecem e descuram os interesses das provincias. Nem conservam os melhoramentos feitos, nem iniciam novos melhoramentos. Por acaso apparece uma re-

sidencia rica com signaes evidentes de ter sido construida ha pouco; mas não é d'um lavrador. É provavelmente d'um creador de gado de luxo, d'alguem que se retirou da cidade para melhorar a saude, d'uma pessoa que cultiva fructos como passatempo, ou d'alguem d'essa muito ridicularisada, muito mal tratada, mas muito util classe de lavradores de imaginação (*fancy-farmers*).

O governo tem o dever de conservar e, se possivel, de augmentar essa classe de fidalgos da provincia. São os paes da Republica e por muito tempo constituiram a sua verdadeira nobreza.

A Questão Operaria, pelo snr. Canovas del Castillo

(*Revista Ibero-Americana*)

Não crê que a questão operaria possa trazer a anarchia; isto é, uma confusão barbara em que naufrague, para renascer Deus sabe como e quando, a civilisação universal. Mas não é o socialismo utopista, communista-collectivista, revolucionario, que pretende destruir d'alto a baixo o estado social para construir um outro chimerico, o que por agora demanda maior attenção. Taes propositos, pela sua manifesta impossibilidade e pela sua brutal violencia, excluem outra resolução do estado que não seja a de combatel-os a todo o transe, empregando n'isso quantos meios as nações depositam nas suas mãos. O que tem muito maior importancia é que, inteirados já os proletarios da sua igualdade judiciaria, e proximos a inteirar-se do recente poder que a igualdade eleitoral lhes dá em qualquer parte, pedem e até exigem coisas que, se não sempre realisaveis, parece á primeira vista que podem sel-o, facto que aos seus olhos desculpa o que pretendem. N'uma palavra o suffragio universal tende a fazer do socialismo uma tendencia ameaçadora e indisputavelmente legal.

No mundo moderno já não se trata de privar ninguem do voto sobre os negocios publicos, que a todos interessa realmen-

te mais ou menos; trata-se de que todos os votos tenham igual peso, de maneira que em principio preponderem os proletarios. Até agora o poder publico andava adstricto á propriedade, nas nações herdeiras de Roma, onde a victoria da plebe contra o patriciado não produziu mais que um mau cesarismo. Durante a idade média, os senhores seculares e ecclesiasticos, com mais ou menos extensa jurisdicção de soberanos, possuiam-na por meio da terra. A classe média, entretanto, desde a sua origem industriosa e commerciante, ora judia, ora christã, lentamente começou a influir nas coisas publicas, mas ao mesmo tempo que com mais ou menos difficuldades creava capitaes e adquiria propriedades, com as fazendas tornava-se senhora do Estado. Se o systema parlamentar se creou mais tarde em Inglaterra, precisou antes de mais nada uma estreita combinação entre a propriedade e a auctoridade publica, pertencendo inteiramente á propriedade a camara alta e influindo d'um modo decisivo na formação da camara baixa. Tudo isto, como é notorio, ou cahiu ou ameaça cahir em breve nos povos civilisados. Por direito particular, nem a propriedade nem o capital participam hoje da formação do poder publico; taes instituições são reputadas instrumentos economicos de producção e só como taes se mantêm de pé.

Sem razão escreveu Taine que de todas as creações de 1789 só ficou inteira e viva o systema metrico decimal. O sarcasmo é merecido mas inexacto. Tambem ficou no seu pleno vigor o que elle classifica de *preoccupação igualitaria e niveladora*, preoccupação que só por si aggrava singularmente a questão operaria. Onde quer que prepondere, a questão será inteiramente irresoluvel. Em toda a Europa e na propria Hespanha ha de sobra socialistas, collectivistas ou communistas revolucionarios que não aspiram a uma melhoria successiva, pacifica, com caracter relativo, limitada ao realisavel e sem prejuizo dos principios de direito commum dos trabalhadores, mas a tudo quanto appetecem por uma vez. Felizmente nem todos são assim.

O Verso está em perigo? por Edmundo Gosse

(*The Forum*)

Atravessamos um periodo manifestamente desfavoravel ao desenvolvimento da arte da poesia. Ha pouco ainda havia um quente enthusiasmo de apreciação da poesia moderna, substituido agora por uma quasi ostentação de indifferença. Estas alternativas de curiosidade e desdem não enganam ninguem que veja a historia da litteratura com olhos verdadeiramente philosophicos. É facil dizer, como geralmente se usa, que isso depende dos merecimentos da poesia que se produz. Mas não é o que acontece sempre, nem mesmo muitas vezes. Ha vinte annos houve grande enthusiasmo e interesse pelas poesias de Swinburne e Rossetti, o que era merecido pela excellencia dos seus versos; mas o desdem que vinte annos mais cedo encontraram os versos de Roberto Browning e Mathew Arnold não póde ser levado á mesma conta. É mais sensato admittir-se que os filhos nunca vêem a vida com os olhos dos paes, e que o gosto está sujeito a fluctuações incessantes e quasi regulares.

A poesia, se tem de existir, deverá occupar-se, e provavelmente em maior grau que em tempo algum, das emoções ephemeras e delicadas que a prosa difficilmente se atreve a descrever. No futuro, a poesia lyrica tornar-se-ha talvez menos trivial e menos convencional, com o risco de tornar-se menos popular. Deve esperar-se que um genero de poesia, agora apenas cultivado, occupará a attenção dos poetas, ou se atraze ou se adiante o socialismo. O que ha a fazer n'esta direcção é indicado em França pelos trabalhos de Coppée. O interesse moderno no drama e o desejo sempre crescente de vêr a litteratura uma vez mais unida ao theatro, conduzirá a uma renascença da poesia dramatica. Alguma coisa resta a fazer no verso religioso e muito no verso philosophico. A mais larga esperança mal encontrou ainda um cantor, e as mais profundas especulações têm sido celebradas pelos nossos poetas muito imperfeita e empiricamente. Se o amor, a grande fonte central da inspiração poe-

tica no passado, póde ainda produzir muitas variações novas, resta-nos vêr. É todavia provavel que no futuro a paixão seja tratada menos objectivamente e sobre um terreno menos importuno.

A escóla que agora está expirando, levou a descripção, a consciencia das fórmas e das côres externas ao seu limite extremo. O proximo desenvolvimento da poesia será provavelmente d'um caracter muito nú e directo, sem bordados, talvez mesmo arido. Será mais experimental que descriptivo, mais humano que animal. Assim, pelo menos, vagamente conjecturamos. Mas seja qual fôr o resultado, podemos confiar em que a arte conservará aquelle vivo encanto para os espiritos não desenvolvidos e aquella fascinação particular que em tantas gerações successivas fizeram a poesia o mais sabio e mais bello amigo da mocidade.

A Situação Economica da Hespanha

(*Revista Ibero-Americana*)

Contas do thesouro (1889-1890):

Receita.....	740.000:000	pesetas
Despeza.....	801.000:000	»
Deficit...	61.000:000	»

Commercio em 1889:

Importação.....	866.311:424	pesetas
Exportação.....	896.855:827	»
Total...	1.763.167:251	»

*

Comparados estes numeros com os correspondentes ao anno de 1888, apparece uma differença para mais, em 1889, de 284 milhões, e 272 comparados com a média do quinquenio.

O seu principal commercio é com a França; em 1889 a importação de generos francezes elevou-se a 264 milhões de pesetas e a exportação para aquelle paiz foi no valor de 386 milhões, isto é, vendeu á França mais 122 milhões do que comprou.

O commercio da Hespanha com aquella republica representa mais d'uma terceira parte do commercio total.

Tambem o commercio com a Inglaterra é muito favoravel á Hespanha, porque a importação elevou-se, em 1889, a 161 milhões de pesetas e a exportação a 207.

A importação de trigo no mesmo anno foi de 145.312:334 kilogrammas e a de farinha de trigo de 30.653:798. A exportação de trigo 162:354 kilogrammas e de farinha 23.396:168.

O principal artigo de importação foram as aguardentes estrangeiras e o principal artigo de exportação foram os vinhos.

Os Negros aspiram á igualdade social? por J. C. Price

(*The Forum*)

Os homens comprehenderam, desde tempos immemoriaes, que a igualdade social e os direitos civis são provincias separadas e distinctas. Uma discussão sobre o poder coordenado das leis civis e dos usos sociaes é coisa nova na terra. A historia, até onde a conheço, não fornece demonstração da verdade de que conceder a um homem os seus direitos civis é tornal-o necessariamente igual na sociedade.

Entre os amigos da elevação do negro e entre os advogados da equidade relativamente aos libertos, não ha intimação alguma da igualdade social, mas indubitavel e positiva opposição a confundil-a com os direitos civis. Os amigos do negro,

que representam a cultura superior e o patriotismo do sul (Estados-Unidos da America), reconhecem que uns são questão de lei, a outra questão de escolha.

O bispo Haygood, da Georgia, nos seus *Pleas for Progress*, commentando o que elle chama «um espantalho desnecessario», diz: «Alguns oppõem-se á educação do negro por um vago receio de qualquer coisa que se chama igualdade social... Nunca houve nem haverá no mundo, em nação ou communidade alguma, qualquer coisa como a igualdade social. As espheras sociaes constituem-se segundo e para a conveniencia propria, e nenhumas leis promulgadas pelo estado ou pela egreja mudarão as affinidades sociaes e as selecções naturaes. Os homens escolhem os circulos com que têm affinidade, procuram os companheiros que preferem, e encontram o logar que lhes convem». Discutindo a mesma materia, o snr. Cable diz: «Deixem-me pôr claro o bem e o mal d'esta questão». «As relações sociaes, dir-se-ha, são sagradas. É verdade mas os direitos civis são tambem sagrados. D'aqui vem que as relações não devem impôr-se aos direitos civis nem os direitos civis impôr-se ás relações sociaes».

Mas o proprio negro pretende a igualdade? Não me considero enganado ou presumpçoso, visto que tenho certa identidade com aquella raça, se disser que o negro, pedindo direitos civis e politicos não tem idéa de aspirar a uma igualdade social arbitraria com qualquer outra raça. E ouso affirmar que este é o sentimento de noventa e nove centesimos dos negros d'este paiz.

Se um negro reclama o que a lei da terra lhe garante, procura a igualdade social? Não; pede sómente o que já é seu, e o que elle não deve ser compellido a procurar. Quando uma pessoa descendente de negros entra n'uma primeira classe ou n'um restaurante, ou procura accommodação decente n'um vapor, não o faz por desejar estar com gente branca. Procura apenas o conforto e não a companhia, ou mesmo a presença dos brancos. Frequentemente a sua diligencia é para escapar ao desagradavel cheiro do tabaco, ou á presença menos desejavel ain-

da de homens sujos e mulheres baixas. Quando pára um trem do caminho de ferro e o negro entra n'um restaurante, não vai lá em procura do contacto social com os brancos, mas porque tem fome. Note-se a contradicção envolvida n'este ponto. Um trem pára vinte minutos para o jantar. Uma ama negra passeia na sala e ninguem lhe diz uma palavra. A uma mulher de côr, intelligente e bem vestida, com uma creança esfomeada recusa-se logar, na supposição de que procura a igualdade. E o mesmo se observa nas carruagens, nos vapores e n'outros logares publicos.

O negro não vai procurar entre raças estranhas o que não tem na sua. Não ha igualdade social entre os negros, não obstante a disposição d'alguns brancos a pôrem todos os negros n'uma só classe. A cultura, o caracter moral e a posse de coisas materiaes estabelecem differenças entre a gente de côr como entre os brancos. Os seus direitos civis e politicos são coisas a que o negro não só aspira, mas que reclama. Quanto á igualdade social, elle cuidará de si no futuro como no passado. Se o deixarem só, o negro contentar-se-ha com a sua gente. Tem mais elementos para constituir o que se chama sociedade do que á primeira vista poderia suppôr-se. Entre a sua gente o negro encontra ministros muito intelligentes e muitas vezes instruidos, advogados habeis, medicos capazes, bons mestres, jornalistas energicos, musicos consummados, homens em condições de conforto e frequentes vezes de riqueza, e mulheres de refinada cultura. Estes elementos crescem em numero cada dia; e por essa razão, juntamente com outras, o negro não acha a companhia dos brancos tão necessaria como alguns pretendem.

A Guerra

(Uma carta do visconde E. M. de Vogüe ao director da *Revue des Revues*)

Pergunta-me o que penso sobre o successo provavel do Congresso Universal da Paz. Creio com Darwin que a lucta vio-

lenta é uma lei da natureza que rege todos os sêres; creio com José de Maistre que é uma lei divina, duas maneiras differentes de nomear a mesma coisa. Se por impossivel uma fracção da sociedade humana — ponhamos todo o Occidente civilisado — conseguisse suspender o effeito d'esta lei, raças mais instinctivas se encarregariam de applical-a contra nós; essas raças dariam razão á natureza contra a razão humana; venceriam, porque a certeza da paz — não digo a *paz*, digo a *certeza absoluta* da paz — crearia antes de cincoenta annos uma corrupção e uma decadencia mais destructiva para o homem que a peor das guerras.

Julgo que é preciso fazer para a guerra, lei criminal da humanidade, o que devemos fazer para todas as nossas leis criminaes: suavisal-as, tornar a sua applicação o mais rara possivel, empregar todos os esforços para que sejam inuteis. Mas toda a experiencia da historia nos ensina que não poderemos supprimil-as emquanto houver sobre a terra dois homens, pão, dinheiro e uma mulher entre elles.

Seria muito feliz se o Congresso me desmentisse; duvido que desminta a historia, a natureza, Deus.

O Futuro Homem Civilisado, por Eduardo P. Jackson

(*North American Review*)

O homem civilisado está destinado a não ter dentes nem cabello. É a conclusão dos biologistas.

Os dentes, como o soldado, são os restos d'uma civilisação que não attingiu o seu completo desenvolvimento. Uns e outros devem desapparecer. O progresso da arte culinaria substitue os dentes; a experiencia mostrou que os manjares luxuosos da civilisação, que dão tão pouco que fazer aos dentes, são mais proveitosos á longevidade e ao vigor que os duros trabalhos da sel-

vageria. Muito antes das gengivas sem dentes se tornarem a regra, terá desapparecido toda a occasião de empregarmos os dentes para belleza ou para uso. As excrescencias rudimentares, que de tempos a tempos continuarão a apparecer, serão consideradas como deformidades e immediatamente arrancadas. Os raros individuos que apresentarem uma linha completa de dentes bem desenvolvidos serão mostrados como «phenomenos», como o selvagem cabelludo da Austrália — reliquias d'uma passada idade bestial da humanidade.

As Indias Negras, pelo visconde Melchior de Vogüe

(*Spectacles contemporains.* Paris, Colin)

Entre os prejuizos que nos occultam a magnitude da empreza africana, está o seu caracter commercial. O negociante, que trata de vender peças de algodão em troca de marfim ou borracha, não provoca em nós o enthusiasmo dos conquistadores epicos de outr'ora. Esquecemos a sua rapacidade; á excepção de Colombo, obedeceram todos a appetites brutaes. Sem duvida um mobil ideal, o proselytismo religioso, juntava-se aos mobis do interesse; mas entenderam-no d'uma maneira tão barbara, que se póde comparar os seus resultados aos males actuaes do Islam nas terras d'Africa. Hoje, sob apparencias mercantis, o espirito e o sentimento tem um logar cem vezes maior. Livingstone resuscitou o typo dos santos que civilisaram o mundo barbaro. Não ficaria mal na *Acta santorum* a scena sublime que se passou no primeiro de maio de 1873, na margem deserta do lago Banguéolo, n'esta cabana em que o apostolo consummou o seu sacrificio. Só, esquecido do mundo, derrubado pela febre depois de trinta annos de estudo e de predica, sentiu chegar a sua hora. Não chamou ninguem, fechou o seu livro, ajoelhou e morreu orando pela sua Africa; os seus

negros acharam de manhã o seu redemptor ajoelhado, dôcemente adormecido na oração.

Vamos civilisar essa terra submettendo-a ás nossas grandes forças materiaes, e o vulgo julgará que ellas fizeram tudo; mas para aquelles que crêem no poder mysterioso das forças moraes, era indispensavel que a Africa fosse primeiro resgatada a troco de almas, pelas dedicações d'um Livingstone e dos seus emulos obscuros, missionarios ou sabios.

Estabelecido o caracter philantropico da conquista africana, e passando a fallar d'um dos seus heroes mais famosos, Stanley, encontramos n'elle um typo curioso de mesquinhez e de grandeza. Ninguem possue em mais alto gráu o dom do commando; mas, como sempre, essa qualidade não se combina com a sensibilidade e Stanley tem a carabina muito prompta. Para elle, como para todos os que marcham a um fim com trabalhos physicos, os homens são instrumentos que é preciso ter em bom estado, e n'isto consiste a felicidade d'esses instrumentos.

O mais bello traço de Stanley é a sua incapacidade de comprehender as naturezas muito differentes da sua. A indecisão e a falta de caracter espantam-no. Todo o segredo das suas disputas com Emin reside no desprezo crescente que lhe inspira este outro exemplar humano: um sabio allemão, indeciso sobre o partido que deve tomar, entendendo-se ora bem ora mal com os seus soldados indisciplinados, preoccupado acima de tudo com as suas collecções de insectos.

Nenhuma admiração seria excessiva para esta mysteriosa associação de energia, de mysteriosa confiança e de bom senso pratico. Stanley tem o direito, de que usa, de tirar d'ahi uma grande vaidade e um grande proveito. Quando reproduz, no fim do seu livro, todos os cablogrammas de felicitações dirigidos a «Stanley Africanus», desde os das testas coroadas até ao da corporação de Londres que o nomeia ebanista honorario, pensamos involuntariamente n'estes salvadores de banhos do mar que ostentam as suas medalhas, por amor da gloria e tambem para attrahir o cliente.

Deixando a longa historia da partilha da Africa, notemos todavia dois factos, os desastres do Egypto e o predominio da Inglaterra na costa oriental.

Quando os inglezes assumiram a direcção exclusiva das coisas egypcias, julgaram ter meio caminho andado na sua futura estrada de Alexandria aos lagos equatoriaes. A explosão do mahdismo em 1884, interceptou essa estrada. É penoso para a grande nação ingleza que a sua installação no Egypto tenha sido o signal d'um phenomeno sem precedente: a civilisação recuada até á segunda cataracta. Sob todos os dominios anteriores, pharaonico, grego, romano, arabe, christão, o Kordofan era accessivel ao trafego commercial, em civilisações relativas; a noite de barberie cahiu subitamente sobre estas regiões; a Africa, aberta em todos os outros pontos, fechou-se no mais antigamente conhecido.

O lado oriental da Africa foi quasi inteiramente distribuido, em dez annos, entre quatro nações europêas. Ao sul do equador, a Allemanha cortou para si um largo pedaço, o mais compacto, o mais bem limitado. Abaixo d'ella, Portugal defende sem grande esperança uma situação creada pelos seculos e que ameaça escapar-lhe no momento em que acabava de a fazer valer. A Italia escolheu a sua parte entre o mar Vermelho e a linha média. Por toda a parte que resta, a Inglaterra possue, protege, conquista e tem pretensões a tudo o que ainda não possue.

A partilha da Africa não é, porém, apenas o que fizeram os diplomatas da Europa; porque não contam um parceiro temivel, uma potencia que não tem logar definido, nem representação diplomatica, nem bandeira, mas melhor ou peor, um symbolo religioso. Esta potencia é o Islam.

De todos os phenomenos religiosos do seculo XIX, o mais consideravel será talvez o renascimento e o progresso do Islam no continente negro. Encontra nos seus antigos focos arabes uma vitalidade inesperada; e constantemente accende novos focos entre os negros. É uma segunda hegira; Mahomet reconquista em Africa o que perdeu na Europa. O judicioso

Barth dizia já no Soudan, ha quarenta annos: «É digno de notar-se que, emquanto o islamismo marcha a passos rapidos para a sua quéda nas margens do Mediterraneo, encontram-se na Africa interior algumas seitas ferventes que reunem ainda os seus ultimos zeladores... Creio ainda na vitalidade do islamismo, comtanto que um reformador venha regeneral-a». Alguns annos bastaram para dar razão a Barth. Hoje um dos homens, que conheceu melhor estas questões, conclue assim o livro em que as estuda: «Em ultima analyse, o facto que domina a evolução moderna do mundo islamita é o prodigioso movimento de renovação, de propaganda, que se effectua na Asia, na Africa principalmente» [1]. Stanley constata esta mesma invasão musulmana no Congo, e o capitão Trivier diz: «A invasão dos arabes accentua-se cada vez mais; pelo caminho que levam, por certo estarão ás portas dos Bengalas antes de dois annos. Que o Estado independente se acautele; é n'elles principalmente que está o perigo. Todos os dias os arabes avançam e o governo de Boma bem o sabe; mas como nada póde contra elles, deixa-os vir e vai annexar as provincias do Ouregga e de Manyéma».

Como explicar que os negros fetichistas adoptam com tanta facilidade a crença dos seus perseguidores? É um facto sobre o qual estão d'accordo os melhores observadores. Ha presentemente nas raças negras um despertar confuso, uma necessidade de ascensão a degraus da vida superior; o mahometismo, que pede tão pouco aos seus neophytos, satisfaz sufficientemente essa necessidade. Salvo na Ouganda, em que os proselytos das nossas missões formam um nucleo sólido, a propaganda christã obtem poucos resultados e pouco duraveis quando opéra só entre negros; por toda a parte deve luctar com a propaganda musulmana, os seus ganhos são nenhuns, os do Islam são rapidos e consideraveis. As colonias europêas não fazem excepção. Serra Leôa, onde ha quarenta annos não se encontraria

[1] *L'Islam au XIX*e *siècle*, par le capitaine Le Châtelier (Ernest Leroux).

um só musulmano, tem hoje 50:000. Da mesma fórma na Liberia. Não ha o mais pequeno burgo na costa de Benin que não tenha a sua mesquita nos logares em que ainda ha pouco reinavam os fetiches. Os negros são grandes creanças, levados por duas paixões: as mulheres e o alcool. O musulmano prohibe-lhe o alcool, mas concede-lhe a polygamia. O christão permitte-lhe o alcool, importa-o mesmo, mas prohibe-lhe o harem. Os pobres negros vêem-se muito embaraçados; os factos provam que se inclinam para o harem.

Que interesse economico podem offerecer as coisas d'Africa?

Póde prever-se para breve uma ruptura economica entre a Europa e a America, uma oppressão intoleravel do antigo pelo novo mundo. Felizmente, a Europa achou o seu terreno de defeza na Africa; terá em pouco tempo a sua lavoura tropical, d'onde tirará tudo o que a America queria regatear-lhe por preços ruinosos, o algodão, o café, os generos e as materias primas mais necessarias para a vida, para a industria. Os que não explorarem a sua parte d'essa lavoura, serão os tributarios dos seus visinhos.

Terminemos com algumas observações sobre o caminho de ferro do Saharà.

No estado actual dos nossos conhecimentos, varrem-se as antigas objecções contra a possibilidade de construir a via e de a guardar. Restam muito grandes contra a sua utilidade. O transahariano deve uma parte da sua vóga ao transcaspio russo, o seu melhor auxiliar moral; mas se examinarmos de perto a analogia, vemos que não é grande. O transcaspio fez-se, por assim dizer, por surpreza, por um desenvolvimento logico e progressivo, como se fazem os organismos que promettem longa vida. A principio, ninguem suspeitava os seus destinos, ninguem acreditaria n'elles; era um expediente temporario ao serviço d'uma operação estrategica. Avançou com a conquista, as suas ambições não appareceram senão á proporção que se realisavam. O transcaspio tem 1:400 kilometros, o transahariano terá o dobro. O transcaspio não ia ao desconhecido, ia juntar-se a provincias russas inteiramente pacificadas. Depois de 1:000 kilometros nas

areias e nos paizes improductivos, chega a um grande rio, e para além, valles magnificos em que a Russia acha facilidades de exploração unicas no mundo. Não tem concorrencia alguma a temer: póde dispôr á vontade na Asia central, retirar de lá todos os productos e lançar-lhe todos os seus. Emfim o transcaspio foi creado por um governo autocratico, que dirigia para alli todos os seus esforços, sem ruido, sem desanimo, sem ter de dar contas a ninguem.

Jayme de Magalhães Lima.

A RAINHA ADOSINDA

Reinava Aurelio, successor de Froila, na monarchia hespanhola, restaurada pelo esforço dos valentes caudilhos Theodomiro [1], Atanagildo e Pelaio, quando uma princeza de quem pouco fallam os historiadores, apesar de unanimemente a reconhecerem dotada de grandes prendas, se ligou matrimonialmente com um nobre chamado Silo.

A princeza, filha de Ormisinda, Ermesinda ou Ermisenda, e de Affonso o Catholico, neta de Pelaio, tinha por nome segundo uns Uzenda, segundo outros Adosenda, segundo Maria-

[1] Quando com a morte do rei Rodrigo se acabou de desbaratar o exercito christão, cujos soldados dispersos foram perseguidos durante tres dias pelos impetuosos vencedores, o general Theodomiro, governador de Andaluzia, official de grande valor e auctoridade, reuniu o resto das tropas que andavam a monte, e levantou as suas tendas perto dos muros da cidade de Orcilis, actualmente Orihuela, no reino de Valencia, onde desde logo foi reconhecido por successor do rei defunto. Masdeu foi o primeiro que o incluiu no catalogo dos principes hespanhoes, como tambem ao seu successor Atanagildo; e força é reconhecer que se funda na auctoridade das historias hespanholas mais antigas e das arabes d'aquelles remotos tempos. Todas ellas, com effeito, convêm em que Theodomiro foi successor de Rodrigo, «aunque solo algunas, accrescenta um critico, como la de Ahmed Almakkari, le dan espresamente el título de *Rey*, llevando la voz de toda la nacion en los

na, Pellicer, Masdeu e a maior parte dos historiadores modernos, Adosinda.

Ignora-se em que anno se realisou o enlace de Adosinda com Silo, pois os chronistas não fazem menção d'elles até a morte de Aurelio, e só então dizem que Silo foi eleito rei por estar casado com a neta de Pelaio. Da linhagem d'este principe pouco ou, para melhor dizer, nada se sabe: o padre Carvalho, nas suas *Antiguedades del Principado de Asturias*, copiando, observam os eruditos, o arcebispo D. Rodrigo, affirma que era irmão de Aurelio, filho de Froila, irmão de Affonso o Catholico, e por isso fôra elevado á soberania do reino.

Aurelio morreu em 774, e no mesmo anno subiu Silo ao throno de Asturias. Diz Pellicer que recahiu n'elle a corôa pelo seu casamento com a princeza Adosinda, sendo este o segundo exemplo que offereceu a Hespanha, de ter sido alli obtido o throno por direito da mulher; mas não se infira d'isto que na monarchia hespanhola d'aquella época houvesse alguma lei de successão hereditaria, estavel e reconhecida. O direito e o costume davam a corôa ao mais digno, e n'este ponto a tradição indigena estava em harmonia com a tradição goda.

Assassinado Froila, os ricos homens de Asturias não chamaram o filho para lhe succeder; o poder real não era patrimonio de nenhuma familia, e sem a menor violação de direito negaram a corôa a Affonso, como já a tinham negado aos filhos

concordatos hechos con los mahometanos; al paso que no se halla ni aun el nombre de Pelayo en los que escribieron antes del año de 755». Não foi a Cantabria a unica guarida das familias hespanholas que fugiram da primeira irrupção sarracenica; é provavel que as mais proximas das montanhas das Asturias e Galliza n'ellas se refugiassem; mas não o é menos que, as que habitavam o meio dia, se abrigassem na estreita côrte do rei Theodomiro; e parece confirmar esta conjectura o nome de *provincia de Tademir* ou de *Tudemiro* com que os arabes nas suas historias e tratados de geographia designam o reino de Murcia.

Do que referem Abu-Bekr, Rodrigo Ximenes e Isidoro de Beja, ácerca do vice-reinado de Abu'l-Ketar-el-Haçan, collige-se positivamente que o rei dos hespanhoes ao tempo era Atanagildo. Ignoram-se os seus feitos de armas contra os arabes, mas, pelo que conta o citado Abu-Bekr, deduz-se que teve que ceder ao impulso d'estes, e retirar-se talvez com os seus aos montes de Asturias e Leão.

de Favila. Não havia então lei de successão hereditaria, diz Florez; se admittiam como principe o filho do soberano, era por eleição. Quando após longo reinado, um rei que soubera grangear o amor dos subditos deixava um filho em idade de governar, de ordinario era eleito em reconhecimento dos serviços prestados por seu pae. Este ás vezes associava-o em vida á gerencia dos negocios publicos, com o que em certa maneira lhe assegurava a successão; mas isso não constituia um direito monarchico hereditario, tal como se definiu com o andar dos tempos.

Alguns escriptores, por não terem bem presente o que deixamos expresso, mostraram grande surpreza de que Aurelio, Silo, Mauregato e Bermudo o *Monge* precedessem no throno das Asturias o filho legitimo de Froila; mas nos historiadores mais conspicuos, como Sebastião de Salamanca, Carvalho e outros, distinctos pelo seu elevado criterio, poderiam vêr terminantemente consignado o regimen electivo d'aquelles tempos, e reconhecer que o direito dos filhos dos reis a succederem a seus paes, não era ainda o que o decorrer dos annos e a politica fizeram que fosse posteriormente [1].

Em 774, pois, foi Silo eleito rei na villa de Právia, onde vivia então com sua mulher; e só d'este anno em diante o nome de Adosinda começa a figurar na historia.

São sempre deploraveis as reticencias das velhas chronicas, especialmente quando, por entre a obscuridade em que deixam sepultadas as coisas mais importantes, salta á imaginação algum traço fugitivo do caracter das personagens que não re-

[1] A constituição da monarchia nos primeiros seculos da restauração foi inteiramente a mesma dos godos. Os monarchas eram electivos; e se bem que a nação, amestrada pela experiencia e com intento de fechar a porta a perigosas ambições, elegesse os filhos ou parentes mais proximos do rei defunto, ninguem jámais lhe disputou o direito de escolher entre estes o que lhe parecesse mais apto para reinar, excluindo aquelles que lhe não merecessem confiança... Nos principios do seculo XII ainda não havia lei estabelecida, nem costume seguro e constante sobre um ponto tão grave da constituição politica, vacillando entre as disposições testamentarias dos reis e as turbulentas decisões dos povos.

tratam, o qual, á maneira de luminosa centelha, nos permitte de alguma fórma adivinhar feições bellas e nobres. As memorias das rainhas catholicas, diz um historiador, parece que foram sepultadas com os corpos. Effectivamente é muito de lamentar a incuria dos primeiros chronistas, que mais palpavel ainda se torna ao escreverem de uma rainha como Adosinda que, segundo todas as conjecturas, foi uma das mulheres mais distinctas do seu seculo.

Os arabes, mais doutos que os hespanhoes na sciencia historica, não recearam parecer demasiadamente prolixos á posteridade, e portanto nada omittiram do que podia contribuir para perpetuar a memoria dos seus amires, dos quaes até os retratos physicos deixaram na minuciosa descripção dos seus defeitos e bellezas. Suppriam assim a falta dos monumentos em que lhes não era licito gravar suas effigies, como o faziam em tão larga escala os romanos, cujas pedras e bronzes constituem actualmente uma das fontes mais fecundas da sua historia.

Mas ponhamos de lado os nossos estereis reproches contra os passados, e diligenciemos fazer um retrato aproximado de Adosinda.

Pelos acontecimentos do reinado de Silo, em que as historias convenham unanimemente haver tido parte ou influxo a neta de Pelaio, poderemos chegar ao conhecimento das suas idéas como rainha. Para isto é necessario percorrer, ainda que rapidamente, o terreno dos actos religiosos, politicos e militares d'esse reinado. Pelo que ella fez, conhecer-lhe-hemos o animo e o caracter; e talvez, se não falha a celebre maxima de Juvenal, *mens sana in corpore sano*, possamos tirar involuntariamente da idéa dos excellentes dotes moraes que a adornavam uma imagem fagueira da sua pessoa.

A historia d'esse tempo acha-se envolta em sombras que se não dissipam facilmente. Contribuiram a desfigural-a não só os romanceiros do seculo de Carlos Magno, mas tambem os historiadores e chronistas posteriores a Dulcidio, levados uns da adulação e desejo de medrarem no favor dos principes, outros da sua affeição ao maravilhoso, e não poucos de amaldiçoado

animo para fazerem acreditar erros antigos, com muitas e diversas miras que hão de ficar para sempre occultas nos arcanos do coração. Uns e outros deixaram entupidas as fontes das verdadeiras tradições primitivas, offuscada a luz da historia oral da monarchia restaurada; e ao caminhar um pobre mortal por tão intrincado labyrintho, com a preoccupação de que todos mentiram, cae na exaggeração de considerar tudo como fabuloso, e desconfiar de todo o guia, abraçando-se estreitamente com o scepticismo.

Mas embora faltem noticias fidedignas de taes successos, alguns monumentos seguros ainda restam, que têm sido examinados, decifrados e interpretados por criticos muitos respeitaveis. Postos por estes bem a claro o authentico e o apocrypho, e já muitissimo desacreditados os falsos annaes do jesuita Higuera e seus partidarios, facil é em nossos dias achar argumentos para sustentar com igual exito todas as opiniões, como succedia nos seculos anteriores aos de Nicolau Antonio e Pellicer.

Com isto não queremos dizer que haja material sufficiente para se fazer uma historia fiel dos primeiros seculos da restauração hespanhola. Os chronistas arabes coetaneos, com serem muito dados á fabula, não se detêm em narrar o que não respeite á historia dos seus amires; até porque ignoravam o que se passava no seio do governo dos naturaes refugiados nas escabrosas montanhas do norte, gente que elles descreviam como selvagens cobertos de pelles, alheios a toda a civilisação. E que admira que os filhos da Syria, os depositarios da illustração, da civilidade e das artes voluptuarias do mundo pagão, ignorassem ainda se era uma sociedade organisada o que occupava aquelle sólo intratavel e avaro, debaixo de um clima rigido, e entre a nudez e a miseria? [1]

[1] Em 766, reinando Froila em Asturias, ordenou Abd-er-Rahman aos seus ualids das fronteiras do norte que percorressem a terra de Afranc (os arabes davam este nome ao territorio que abrangia as Asturias, Galliza, Vasconia e o Sobrarbe). « Perseguieron, diz Conde, algunas reuniones y taifas de cristianos rebeldes... y volvieron con muchas riquezas de ganados y cautivos. Referian de estos pueblos de Galicia, que son cristianos y de los mas bravos de Afranc, pero que viven

Dos christãos que resistiram á conquista musulmana mui poucos se dedicavam ás letras, e estes tinham que attender mais ao manejo da espada e da lança que a escrever os feitos dos seus contemporaneos. Os prelados eram os homens mais doutos da época; mas os seus escriptos ou desappareceram pelo pouco amor que tinham ás letras aquelles em cujas mãos ficaram, ou foram adulterados nos seculos subsequentes por outros chronistas interessados em fazer acreditar suppostas investigações. Poderiam muito bem os francezes ter preenchido a lacuna, mas, empenhados em avolumar ás acções de Pepino e Carlos Magno, o que fizeram unicamente foi rebaixar os triumphos alcançados pelos christãos de Hespanha.

Difficuldades invenciveis limitam-nos pois a tão sómente conhecer os factos mais capitaes dos primeiros reis das Asturias.

Não mencionando os historiadores nenhuma derrota soffrida pelos dois monarchas hespanhoes que succederam a Affonso o Catholico, parece que a herança da princeza Adosinda devia comprehender nada menos que uma quarta parte, aproximadamente, da Hespanha, se é certo que as conquistas de Affonso chegaram a ter por limites o Oceano occidental, o Oceano cantabrico, os Pyreneus de Aragão e a ultima raia da terra de Campos. Mas ha poderosissimas razões para crêr que tanto Aurelio como Silo não governaram muita mais terra que a que D. Affonso adquiriu ao subir ao throno das Asturias, herdando de seu pae o ducado de Cantabria.

Esta apparente contradicção explica-se de um modo muito satisfatorio, attentando-se em que os auctores arabes incluem no rol das cidades sujeitas ao dominio musulmano, e poucos annos depois das conquistas de Affonso, todas as que este soberano rendeu com suas armas do lado de Portugal; o que prova que a conquista do monarcha catholico foi pouco duradoura,

como fieras, que nunca lavan sus cuerpos ni vestidos, que no se los mudan y los llevan puestos hasta que se les caen despedazados de andrajos, que entran unos en las casas de otros sin pedir licencia».

*

como resultado de excursões e correrias repentinas feitas pelos montanhezes, aproveitando-se da anarchia e das scisões sangrentas que suscitou entre os infieis a derrota do seu amir Iusuf e a enthronização do animoso proscripto da raça dos ommiadas, Abd-er-Rahman.

A mudança de dynastia no Occidente não podia deixar de trazer comsigo grandes males immediatos, apesar da rara prudencia com que andou o moço Moauiiah; os ualids das provincias tinham que declarar-se pelo intruso ou pelo enviado legitimo dos Abbassidas; e d'isto as scisões e guerras civis favoraveis á reconquista a que estavam attentos os christãos. Leão e Astorga tambem cahiram em poder d'estes, com outras cidades e villas de Castella; mas além de que pouco tempo se conservaram unidas á corôa de Asturias, Galliza e Cantabria, visto como os arabes as incluiram na enumeração das suas povoações, succede, contra o silencio que sobre isto guardam as chronicas christãs, haver soffrido o rei Froila, no anno de 766, varios prejuizos nos seus estados, consequencia da expedição que Abd-er-Rahman enviára ás fronteiras da Galliza e aos montes da Vasconia.

Póde supprir o silencio dos chronistas hespanhoes ácerca d'estas perdas parciaes, uma inscripção que existe na egreja de Oviedo, reconstruida por Affonso o Casto, da qual consta ter sido fundada essa egreja por Froila e destruida pelos infieis. O anno da referida expedição concorda effectivamente com a época que as historias dos nossos visinhos dão á fundação primitiva da egreja de Oviedo; é portanto mais que provavel que a fama d'essa recente fundação, e do numero de fieis ahi reunidos, chamasse a attenção dos mouros e lhes aguçasse o desejo de fazerem n'aquella terra suas algaras e correrias. Não tendo forças sufficientes para se oppôrem ás talas e violencias do poderoso inimigo, e devendo necessariamente dobrar a cerviz ao jugo dos ualids, que numerosos exercitos acaudilhavam, as cidades vencidas ou despovoadas por Affonso o Catholico, nos annos de 743 a 756, não podiam deixar de cahir novamente sob a dependencia do amir de Cordova, obrigando-as de então em

diante o medo a não tornarem a tomar a offensiva contra os Cesares, como succedeu por espaço de mais de vinte annos.

Assim pois, Adosinda e Silo no tempo em que reinaram não deveriam ter possuido mais territorio que o que se comprehendia na Cantabria, Asturias e Galliza até as margens do Minho [1].

Mal cingiu a corôa, foi Silo obrigado a empunhar as armas para submetter os gallegos. Não estão bem averiguadas as causas d'este alevantamento; talvez fosse por levarem a mal o estarem sujeitos ao rei de Asturias, e quizessem ter um soberano da sua nacionalidade. Mas esta rebellião, que succedeu perto do monte Cebrero, prestes foi vencida, seguindo-se-lhe uma paz nunca alterada, resultante sem duvida de causas que convém indagar.

Enganam-se muito os que imaginam haver durado sempre entre sarracenos e christãos esse odio implacavel, essa animosidade sangrenta, essa profunda antipathia e aversão instinctiva que caracterisaram todos os seus recontros nos primeiros annos da irrupção. As chagas abertas no mais delicado dos sentimentos religiosos e de familia foram cicatrizando de modo tal, que já Atanagildo se nos depara a fazer concordatas com os caudilhos arabes sobre a posse tranquilla do seu exiguo reino; e é natural que entre os amires de Andaluzia e os successores de Pelaio se celebrassem em repetidas occasiões iguaes tratados, formando de certa maneira essas estipulações, mais ou menos gravosas para a monarchia subordinada, as bases de uma espe-

1 Corrobora este nosso juizo a expedição triumphal que o soberano islamita, Abd-er-Rahman, fez por seus dominios depois de derrotar (785) o primogenito de Iusuf. N'essa expedição ou reconhecimento, as cidades por onde o amir passou, segundo os historiadores arabes, foram Evora, Lisboa, Santarem, Coimbra, Porto, Braga, mandando em todas ellas erigir mesquitas e estabelecer escólas; e voltou a Toledo, onde o esperava seu filho Abd-Allah, por Astorga, Samora e Avila. Por consequencia, Vizeu, Guarda, Ledesma, Salamanca e outras cidades que os chronistas comprehendem na sua pomposa enumeração das conquistas de Affonso I, não tardaram muito em voltar ás mãos dos musulmanos.

cie de direito internacional, se bem que menos lato que o que hoje em dia designamos com esse nome.

Entre as familias christãs e sarracenas havia no tempo de Adosinda muitas e muito intimas relações que a coexistencia de ambas as religiões em varias cidades sem duvida favorecia. Toledo, Merida, Segovia, Brihuega e outras conservaram durante a dominação arabe a série ininterrupta dos seus bispos e arcebispos; mouros e christãos viviam dentro dos mesmos muros; o seu trato e commercio diario eram inevitaveis, e não poucas vezes na mesma causa politica se viram unidos hastear uma bandeira de independencia contra o inimigo commum. Em muitas cidades eram frequentes os enlaces entre os individuos de differente crença [1]. Chegadas as coisas a tal ponto, os mesmos interesses de familia eram ás vezes o mais poderoso obstaculo ao exterminio que tivera começo com tanta furia. Amansaram os animos, e se com isto foi prejudicada a religião, ganhou a monarchia, pois, a proseguir a guerra com a actividade com que começára, nunca os soberanos das Asturias poderiam attender á consolidação e governo do seu reino. Não era todavia facil a conservação da paz com a manutenção do proprio decoro e da integridade do territorio, porque, se bem que os amires fossem fieis aos tratados, nem sempre se mostraram tão escrupulosos respeitadores d'elles os ualids das fronteiras que renunciassem ás suas correrias e assaltos se descobriam desanimo ou descuido nos christãos.

Outra causa da paz que ao momento reinava nas Asturias consistia no grave perigo que ameaçava o poder de Abd-er-Rahman pelo lado dos Pyreneus. O ualid de Saragoça, traidor á confiança que n'elle depositára o amir de Andaluzia, estudava o modo de se declarar amir independente de toda a margem do Ebro, e duvidando, para tal conseguir, das proprias forças, conjurou contra Abd-er-Rahman, valendo-se de promessas sedu-

[1] O proprio rei Silo parece haver nascido de alguma senhora que tivesse amizade ou relações com o amir de Cordova, pois, segundo diz um chronista, esteve sempre em paz com os mouros *por respetos de su madre.*

ctoras, o colossal poder do ambicioso rei dos francos e germanos. O grande conquistador do Norte recebeu com dissimulado jubilo a mensagem do ualid, e poucos mezes depois contemplava com olhar cubiçoso as cidades de Hespanha do alto dos Pyreneus por onde assomavam os seus estandartes victoriosos. Sahiu-se mal da empreza, soffrendo por ultimo a vergonhosa derrota de Roncesvalles [1]; Abd-er-Rahman porém, que vira coberto o horisonte da banda do septentrião com a nuvem funesta que ameaçou aniquilar-lhe o reino, teve que applicar-se seriamente a reprimir os animos alvorotados dos seus infieis ualids, cadis e vizires, e correr em seguida com todas as suas forças a abafar a nova rebellião dos dois caudilhos abbassida e fatimita que disputavam o reino em Saragoça.

[1] En este tiempo, año 788, Carlo Magno, hijo de Pepino el Breve, gran rey, entró en España con su ejército, tomó á Pamplona de los moros, ocupó mucha parte de la Vasconia, que estaba por los cristianos, pasó á Zaragoza, y rico de botin regresaba por el Pirineo á su país. Mas en las gargantas de los montes de Roncesvalles fué derrotado completamente. Los autores españoles no están seguros, ni en el año, ni en las circunstancias del succso: los escritores franceses coetáneos, y entre ellos Eghinardo, secretario y yerno del emperador Carlo Magno, lo refieren con una claridad y precision admirables. Dice que «Carlo Magno, con cuanto poder y aparejos de guerra pudo juntar, pasando los montes Pirineos, y sujetando todos los lugares y castillos adonde llegó, se volvia con su ejército vencedor. Mas á la vuelta, en lo alto de los Pirineos, hubo de sentir un poco la traicion de los vascones; porque pasando el ejército grandísimo en hileras angostas, como por la estrechura de los pasos era necesario, los vascones pusieron seis emboscadas en lo alto de la montaña, dándoles gran aparejo para ello las espesas arboledas de que todo aquello estaba lleno. Asi dieron en la retaguardia y en los bagajes, y les forzaron á descender en lo hondo del valle, donde los mataron á todos sin escapar ninguno; y robando todo el bagaje, con gran presteza se esparcieron por diversas partes, ayudándoles la noche que luego sobrevino. Valióles mucho á los vascones en esta faccion la ligereza de las armas y la disposicion del lugar donde se peleaba. Por el contrario, fatigaba mucho á los franceses, y los hizo inferiores á sus enemigos, el peso de las armas y lo fragoso de la montaña. En esta batalla murieron Eginardo, maestre-sala del emperador, Anselmo, conde de Palacio, y Roldan, capitan general de toda la costa de Bretaña, con otros muchos. Y no podia el rey tomar por entonces venganza de esta pérdida, porque los enemigos, ganada la victoria, de tal manera se esparcieron, sin quedar hombre con hombre, que ni aun se podia tener nueva de donde estuviesen».

Mas a causa principal da paz que desfructou a monarchia christã no tempo de Adosinda, foi sem duvida a prudencia e tino d'esta rainha, pois indicado ficá já quão difficil era conseguir essa tranquillidade e respeito á corôa hespanhola, tendo visinhos tão inquietos e cubiçosos como o eram os ualids das cidades que mais distavam do governo central de Cordova. Firma-nos na conjectura de ser Adosinda a auctora principal d'essa decorosa e benefica paz, uma consideração poderosa, e é que, quando o amir ommiada, encolerisado pela nova sublevação, a que acima alludimos, marchou contra Saragoça e a submetteu, e talou Pamplona, não ousou penetrar nas montanhas de Biscaia, que pertenciam á corôa de Asturias, apesar de haver perseguido até ahi os arabes e christãos dispersos do partido do seu inimigo.

E por esse tempo quem tinha as redeas do governo era Adosinda, visto como seu marido lh'as entregára, a ella e ao moço Affonso, logo que conseguira reduzir os gallegos á obediencia. Affonso, filho de Froila, e que depois foi cognominado o *Casto*, estava por assim dizer na infancia; fôra por sua tia associado ao governo para aprender a ser rei; por consequencia, quem dirigia os negocios do estado era unicamente a neta de Pelaio.

Ora governar em paz povos tão bellicosos como eram os que habitavam o Afranc, no meio das graves turbulencias que viu aquelle seculo, e com o fogo das rebelliões na raia dos seus dominios, dado só podia ser a uma rainha dotada de qualidades superiores, sagaz e prudente na politica, temerosa e respeitavel aos seus inimigos, querida e obedecida pelos naturaes.

A associação do moço Affonso ao governo do estado merece algumas considerações pela honra que d'este facto cabe a Adosinda.

Affonso, como dissemos, era ainda muito novo para reger a monarchia, e a rainha, ao pedir com reiteradas instancias a seu marido que o associasse ás suas tarefas politicas e administrativas, só tivera em vista ensinar a seu sobrinho a difficil

sciencia dos negocios publicos [1]. Mas é muito de notar que esta associação, a primeira que se nos depara depois da ruina da monarchia goda, offereça uma certa semelhança com a que pelo mesmo tempo o amir arabe fez de seu filho mais novo Hischam.

E sabido que pela lei politica e religiosa d'aquella época nenhum direito tinham os filhos dos califas nem os dos amires a succeder a seus paes, e que n'esta importante materia de successões regiam com leve differença os mesmos principios entre arabes e christãos. O consentimento publico, especie de eleição tacita, era pois todo o fundamento do direito de successão, e por este motivo não se descuidára o amir do imperio do Occidente em acostumar seu filho Hischam á pratica do governo, fazendo-o assistir ás assembléas dos cadis da mesquita e aos conselhos dos cheiks, dando-lhe além d'isso uma educação esmerada para que podesse algum dia fazer a felicidade dos seus povos.

Ora não poderia muito bem ser que a rainha Adosinda, ao chamar para junto de si o proscripto filho de Froila, houvesse tratado de imitar o salutar exemplo do illustrado Abd-er-Rahman? Se não é muito aventurada a nossa conjectura, teremos a favor da princeza catholica mais outra virtude que dará ainda maior realce ao seu já reconhecido merito, isto é: uma despreoccupação pouco commum nas mais distinctas personagens do seu seculo. Com effeito, era grande e digno de imitação o

[1] Por ser Silo de avançada idade, e talvez porque não queria cuidados, não vacillou em se retirar do governo, confiando-o a sua mulher Adosinda e ao moço Affonso, a pedido d'ella. Esta separação dos negocios publicos indica sufficientemente a confiança que o principe tiuha na prudencia e virtudes de sua esposa; pois de outro modo não ousaria depôr n'aquellas mãos mulheris tão pesada carga um homem tido por todos os historiadores como muito nobre e judicioso. Citam-se um ou outro monumento dos annos 774 e 775, como o privilegio concedido a Santa Maria de Valpuesta, em que se dá a Affonso o titulo de rei: isto não prova que Silo já o não fosse; senão que leva a crêr que Adosinda aproveitava todos os meios para que os seus governados se fossem acostumando a reconhecer o sobrinho por seu legitimo monarcha.

reinado do filho de Moauiiah que, apesar das continuas perturbações com que se assignalou desde a sua entrada em Andaluzia, achou meios não só para submetter pelas armas os rebeldes, mas tambem para deixar cobertas as suas terras com as preciosas sementes de administração e governo, que depois fizeram da Hespanha arabe o berço predilecto das sciencias, artes e litteratura.

Vimos Silo domar os revoltosos gallegos no começo do seu reinado. Refere-se a essa época a instituição dos primeiros *comites*, companheiros do rei, como governadores das cidades e povoações sujeitas. Estes foram depois os celebres condes de Galliza, Asturias e Castella; mas nos tempos cuja historia esboçamos, não passavam de uns simples capitães revestidos das mesmas faculdades que os ualids e cadis dos arabes. E não poderia tambem esta instituição ser obra do tino e prudencia da mulher que governava os dominios da monarchia hespanhola?

Não façamos mais conjecturas. Basta o que resulta do cotejo das antigas chronicas arabes e hespanholas, isto é, que o reino de Asturias deveu á sua princeza Adosinda uma longa paz benefica e honrosa, que só ella sustentou o peso dos negocios nos nove annos e mezes que seu marido occupou o throno; basta isto para que fiquem justificados e comprovados os epithetos de *animosa*, *varonil* e *prudente* que lhe dão os historiadores, sem referirem os factos politicos em que os fundam, e calando que era em suas mãos que paravam as redeas do Estado quando os colossos do Norte e do Meio Dia, Carlos Magno e Abd-er-Rahman, pensaram talvez em aniquilal-o.

Tambem mereceu que os antigos chronistas lhe chamassem *virtuosa e pia*. A justificação d'estes qualificativos acha-se consignada nas acções devotas do seu reinado. A filha de Affonso o Catholico, acreditando sem duvida no poderoso influxo da fé para fortalecer o animo nas adversidades e inspirar o amor á independencia, fez durante o seu reinado varias fundações e dotações piedosas, distinguindo-se entre as primeiras a egreja de S. João Evangelista de Právia, que ella erigiu auxiliada pelo rei Silo. Assim consta da singular inscripção que reproduzimos

aqui, não só como documento historico, senão tambem como testemunho do gosto d'aquella época.

T I C E F S P E C N C E P S F E C I T
I C E F S P E C N I N C E P S F E C I
C E F S P E C N I R I N C E P S F E C
E F S P E C N I R P R I N C E P S F E
F S P E C N I R P O P R I N C E P S F
S P E C N I R P O L O P R I N C E P S
P E C N I R P O L I L O P R I N C E P
E C N I R P O L I S I L O P R I N C E
P E C N I R P O L I L O P R I N C E P
S P E C N I R P O L O P R I N C E P S
F S P E C N I R P O P R I N C E P S F
E F S P E C N I R P R I N C E P S F E
C E F S P E C N I R I N C E P S F E C
I C E F S P E C N I N C E P S F E C I
T I C E F S P E C N C E P S F E C I T

Esta inscripção, chamada pelos antigos *labyrintho,* póde lêr-se, segundo Morales, de trezentas maneiras differentes; e compõe-se de duzentas e oitenta e cinco letras para dizer sómente: *Silo princeps fecit.*

Propagava-se n'aquella época por entre os christãos uma heresia que na essencia era apenas uma especie de nestorianismo mascarado. Deram á luz esta heresia dois prelados hespanhoes, Felix, bispo de Urgel, e Helipando, metropolitano de Toledo. «Eran estos hombres de ingenios no groseros, ni faltos de erudicion para las tinieblas y grandes revueltas y males de aquel tiempo, entre los cuales no tropezar ni ensuciarse fuera cosa semejable á milagro. ¿Porque qué lugar podian tener las letras en medio de servidumbre tan grave, cuando cargados de tributos, y trabajados de todas maneras eran forzados á buscar con el sudor de su rostro el sustento cotidiano? ¿Cómo se podian juntar los concilios eclesiásticos, medicina con que de muy antiguo se solian sanar las heridas en la doctrina, y refor-

mar las costumbres de eclesiásticos y seglares? Los nobles y el pueblo como á cada uno se le antojaba asi ordenaban sus vidas, y de las cosas divinas, sin que nadie les fuese á la mano, cada cual sentia y hablaba lo que le parecia: cosa muy perjudicial. Ademas de esto del trato y conversacion con los moros, era forzoso se pegasen á los cristianos malas opiniones y dañadas. En particular estos dos prelados despertaron y publicaron los errores de Nestorio, que en el tiempo pasado por diligencia del Concilio Ephesino fueron sepultados, como quien aviva las centellas del fuego y quema pasada. Decian de Cristo *que en cuanto hombre era hijo adoptivo de Dios:* doctrina falsa y contra razon, contra todas las divinas e humanas letras y religiones».

Assim relata Mariana a origem d'esta seita; e mais adeante diz:

«Elipando, como el nombre lo muestra, venia de la antigua sangre de los Godos: hacia por ellos su dignidad y autoridad obispal, la fama de sus nombres y letras: alegaban otrosí en favor de su error á los Santos Eugenio, Ildefonso, Juliano. Ayudábanse, aunque mal, de algunos lugares de las divinas letras, en que Cristo por la parte que es hombre, se dice ser menor que su padre. Eran de ingenios bulliciosos y ardientes: asi con cartas y libros que enviaban á todas partes, pretendian con palabras afectadas persuadir á los demas lo que ellos sentian. En particular Elipando por la autoridad que tenia muy grande sobre las demas iglesias, escribió á los obispos de Asturias y Galicia; en especial pretendió enlazar en aquel error á la reina Adosinda, muger que fuera del rey Silon. Ella, como prudentísima y mui santa, respondió que no le tocaba juzgar de aquella diferencia, y que se remitia en todo á lo que los obispos y sacerdotes determinasen. En el número de estos se señalaron principalmente Beato Presbítero, y Heterio obispo de Osma, cuya disputa contra Elipando, erudita e grave, se conserva hasta el dia de hoy».

Até aqui Mariana: não copiamos o que segue porque não tem relação directa com a rainha de Asturias. Mas basta o que

reproduzimos para acabar de esboçar o caracter piedoso e prudente de Adosinda. Don José de Pellicer, nos seus annaes da monarchia hespanhola, não se contenta com distribuir á neta de Pelaio o simples papel de espectadora dos males da egreja, impassivel contra as seductoras exhortações de Helipando, senão que nol-a apresenta como tomando parte muito directa na impugnação feita por Beato e Heterio, dizendo terminantemente que d'ella receberam a missão de refutar a heresia do metropolitano, e que fôra ella tambem a promotora do concilio celebrado em França, no qual essa heresia sahiu condemnada.

Succederam estas coisas pelos annos 783, quando já era fallecido o rei Silo. Á vista d'ellas parece-nos não haver necessidade de recorrer ás falsas noticias que ácerca d'esta rainha nos dão certos chronistas apocryphos para fundarem as grandes virtudes religiosas que n'ella concorreram. A expedição a Merida que alguns historiadores affirmam haver feito o rei Silo nos primeiros annos do seu reinado por piedosa instigação de sua esposa, tem todos os visos de ser uma invenção do bispo Pelaio de Oviedo.

Não é menos falsa a relação das dadivas feitas por Adosinda ao prelado de Toledo, Cixila, que se lê na carta que o jesuita Higuera forjou em nome do rei Silo para fazer acreditar varios erros (entre outros a fundação de uma egreja de San Tirso em Toledo). Buscar apoio na auctoridade da mentira para encarecer os dotes da neta de Pelaio, quando tanto abundam os factos incontestaveis e as conjecturas racionaes para elogial-a com justiça, é menoscabar-lhe a memoria e deixal-a duvidosa em vez de a consignar de maneira duradoura á admiração dos vindouros.

No mesmo anno em que perdeu o marido, illustrou Adosinda o seu governo com alguns novos actos politicos, pois, segundo refere Carvalho, «estando muy apoderada de las cosas del gobierno, habia dado tanta mano en todo á su sobrino Alfonso el Casto, que pudo entonces (á la muerte de Silo) juntar los del oficio Palatino y magnates, que eran los grandes de la casa y córte real, y de comun acuerdo levantaron por rey de Asturias

al mismo D. Alfonso el Casto, como todos nuestros historiadores afirman». Grande devia ser o prestigio das qualidades e virtudes da soberana hespanhola, para vêr assim submettidas á sua vontade todas as personagens do reino. O intento porém de elevar o sobrinho ao poder, iniciado já na politica que ella seguira, sahiu-lhe frustrado pela perfidia do bastardo do primeiro Affonso.

«Algunos hombres poderosos y malvados, á quienes nuestros historiadores pintan como tocados de la heregía de Elipando, y asimismo algunos prelados inficionados de este contagio, eligieron y levantaron por rey á Mauregato, hijo bastardo del rey Alfonso el Católico, habido en tiempo de su mocedad en una esclava, mora de nacion, pareciéndoles que no hallarian buen amparo por sus maldades en el castísimo y religiosísimo pupilo de Adosinda. Procuró Mauregato aprovecharse de la ocasion, y pidiendo auxilio al Amir de Córdoba, con el cual hizo el afrentoso pacto llamado *tributo de las cien doncellas,* embistió el reino de Asturias profanando los templos y talando las ciudades, hasta obligar al jóven Alfonso á refugiarse con su tia Adosinda en las montañas de Alava, desamparando el trono».

Tal é a tradição ácerca da usurpação de Mauregato; vejamos até que ponto é verdadeira.

Em primeiro logar observaremos que o auxilio que se diz ter sido solicitado dos mouros por Mauregato é destituido de todo o fundamento. Da historia d'aquelles remotos tempos só ha duas fontes authenticas: uma a chronica do monge de Albelda, outra a de Sebastião de Salamanca. A segunda, que é a mais explicita, só diz que Mauregato usurpou o throno a Affonso, sem dar a entender que elle, para levar a cabo a empreza, se houvesse utilisado do exercito de Abd-er-Rahman; e note-se que em vista do pouco respeito com que o bom do bispo salmaticense falla d'esse rei, filho de uma escrava, seria muito de estranhar que se não valesse do infame tributo das cem donzellas, se tal facto houvera chegado ao seu conhecimento, para pintal-o ainda com mais negras côres. A chronica albeldense

tambem não allude a semelhante cooperação da parte dos sarracenos. Por outro lado temos as historias dos sectarios do koran, onde se não encontra noticia alguma de guerra contra os de Afranc depois da excursão de 766. E n'este ponto os arabes merecem inteira fé, pois a ser isso verdadeiro não teriam calado um facto glorioso para as suas armas, dado que pelo esforço d'elles o usurpador Mauregato houvesse conquistado o throno.

Emfim, o tributo das cem donzellas só figura na historia hespanhola quatrocentos annos depois da mórte de Mauregato; e, accrescenta Masdeu, «el celebre diploma de la batalla de Clavijo que atribuye este vergonzoso asiento á los primeros reyes de Asturias en general, tiene muchos y muy patentes indicios de ser apócrifo» [1].

Assim pois, na opinião dos mais prudentes historiadores modernos, Mauregato para subir ao throno só teve por auxiliares os inimigos do pae de Affonso, que contribuiram para o seu assassinio, e os taes varões que julgaram o pretendente bastardo mais apto para o governo que um moço que na occasião contava apenas vinte e quatro annos de idade. O resultado foi que, apesar dos esforços dos partidarios de Adosinda, Affonso teve que deixar ao seu inimigo o throno no mesmo anno em que a elle subira (783) [2].

[1] «Y es tan injustamente denigrativo de la fama de nuestros piadosísimos reyes que mereciera quemar-se públicamente como libelo infamatorio».

[2] Mauregato morreu em 788, aos cinco annos e mezes de um reinado pouco limpo, como era de esperar. Natural parecia que lhe succedesse o sobrinho, D. Affonso, eleito anteriormente e a quem elle usurpára o throno; mas não succedeu assim. Recahiu a eleição em D. Veremundo ou Bermudo, filho de D. Froila, irmão de D. Affonso o Catholico. Era diacono. A razão que tinham para afastar do throno o pupillo de Adosinda, era obvia: receavam que elle tratasse de vingar a morte de seu pae, assassinado pela nobreza. Bermudo foi homem de grande coração: apesar de ter ordens sacras, casou com uma senhora chamada por uns Numila, por outros Ocenda; n'aquelle tempo não era constante o celibato ecclesiastico. Uma das primeiras disposições de Bermudo foi chamar á côrte D. Affonso, que o ajudou a derrotar os mouros quando invadiram o territorio da Bureba.

A piedosa viuva de Silo, ou porque aborrecesse as coisas politicas, perdida a esperança de restituir o throno ao seu pupillo, ou por cumprir com o costume observado entre os godos por todas as rainhas que enviuvavam, retirou-se á egreja de S. João de Právia, que ella e seu marido haviam fundado, e que desde então começou a ser mosteiro [1].

Alli passou o resto da vida, e por sua morte (que se não sabe em que anno succedeu) foi depositada no mesmo sepulchro de seu marido. Assim o refere expressamente D. Alonso el Magno em um privilegio outorgado a favor da egreja de Oviedo, pelo qual lhe faz doação do mosteiro de S. João de Právia: «*monasterium sancti Joannis Evangelistæ, ubi jacet Silius Rex, et uxor ejus Adosinda Regina*», etc., etc.

Os historiadores antigos não dizem que Adosinda deixasse filhos. D'isto deduziram alguns modernos que os não deixou; outros pelo contrario, e entre elles Carvalho e Sandoval, opinam que Silo teve de sua mulher um filho chamado *Adelgaster*, baseando-se em um privilegio original de fundação do mosteiro de Santa Maria de Obona que o padre Yepes achára no archivo do mesmo mosteiro. Começa esta carta de doação ou privilegio com as palavras: *Ego Adelgaster filius Silonis Regis*, etc. O douto Morales, diz um critico, leu *Sigionis* ou *Gigionis* em logar de *Silonis*, e d'isto deduziu que o Adelgaster do codice era filho de um rei das Asturias e Jijon; repetindo desde então ou-

Aos tres annos de reinado (791) renunciou D. Bermudo a corôa, sobrevivendo muito tempo. Influiu no animo dos magnates; e estes, que comprehenderam o coração generoso, o valor e os grandes dotes de D. Affonso, a quem a historia denomina o Casto, porque teve no mais alto grau a virtude da pureza, não vacillaram em proclamal-o rei. Vejamos se o discipulo ficou áquem da mestra. Abramos a historia: «Rico en virtudes, amado de su pueblo, despues de cincuenta e dos años de próspero gobierno, murió Alfonso el Casto soltero, aunque se supone que estuvo tratado de casar. Enterróse en Oviedo en la iglesia que fundára. Lloráronle los suyos, elogiáronle todos los escritores que de sus cosas hablan, y conserva la reputacion que adquirió en vida, de ser uno de los mejoros reyes de España».

[1] Por uma carta de Beato e Heterio consta que era monja professa em novembro de 783.

tros escriptores que os primeiros reis hespanhoes eram e se intitulavam reis de Jijon. Mas, continúa o mesmo critico, Morales errou na traducção que fez da palavra *Gigionis*, pois ainda mesmo que se não devesse lêr *Silonis*, nunca poderia significar a cidade de Jijon que em latim era *Gegia* e não *Gigio*. Como quer que seja, póde muito bem o mencionado Adelgaster ser filho de Silo e Adosinda, embora os historiadores o não digam, pois, como o mesmo Morales observa, « os filhos legitimos passam ás vezes em silencio quando não chegam a reinar ».

Francisco de Almeida.

MADRESILVAS

I

CELESTE...

Ás vezes gosto de te vêr assim...
Esse semblante dá-me um terno gosto...
Se alegre ris ainda, é porque emfim
A sorte que passou pelo teu rosto,
Não t'o ennublou, como me fez a mim.

Eu gosto de te vêr alegre e crente...
Não quero que tu soffras, porque embora
Eu por mim já não possa estar contente,
Vendo essa vida que o teu rosto córa,
Contento-me por ti unicamente.

Não sei se outrora já soffreste ou não...
Talvez... um sonho... uma illusão perdida...
Mas se assim foi, foi rapida a afflicção,
Que se um momento te offendeu a vida,
Não te offendeu decerto o coração.

Algumas vezes, logo que amanhece,
Vou passear nos campos indeciso;
E se o teu rosto meigo me apparece,
Eu chego a confundir-me... O teu sorriso,
Mais o sorriso duma flôr parece.

Que lindas côres o teu rosto tem!
Por muito tempo, contemplando fico
Essa expressão feliz que me faz bem...
E como nella então me identifico,
Chego a suppôr que sou feliz tambem.

Quando tu passas, que rumor de vida!
Quando tu fallas, que canção celeste!
Se olhas, a terra é muito mais florída...
Não sei que estranha perfeição te veste...
Tu és do céo e andas por cá perdida!...

II

ELLA

Tem o pallor das virgens de alabastro
Essa a quem eu sinceramente adoro,
E que me anima como a luz dum astro...
Vivo por ella num prazer bemdito,
Relendo o livro em que, a sonhar, decóro
O seu amor em letras de oiro escripto.

Tem a sagrada languidez das santas,
O olhar translúcido, o sorriso ardente,
E o fino aroma energico das plantas...
Reune á graça a esculptural belleza...
Sente-se ao vêl-a uma attracção vehemente,
Um pasmo de alegria e de surpreza.

*

Dizem os homens de infantil vaidade,
Num regosijo de impensada gloria,
Que ella é filha tambem da Humanidade...
— Ficção aérea de vaidades feita! —
Pois nunca ninguem viu na humana historia
Corpo tão bello ou alma tão perfeita.

Deslumbra a gente num clarão de graça
A sua dôce e angelical figura,
Quando, a sorrir, timidamente passa:
Faz-nos da vida um quadro ideal de côres,
De viço e aroma e de infantil frescura,
Como um jardim a rebentar em flôres.

Em vão desprendo e alargo a phantasia,
Como aguia enorme a procurar nos mundos
O reino em que essa virgem nasceria...
Pergunto-o aos astros, aos pharoes sidereos,
E elles ficam callados e profundos,
Como a noite cerrada dos mysterios!

Nada me falla dessa imagem santa...
Ninguem conhece a sua voz maviosa,
E o seu olhar que nos deslumbra e encanta...
Mas todos pasmam por a vêr tão bella!
Todos a adoram numa febre anciosa!
— E é tudo quanto eu sei da historia della. —

Alberto Bramão.

TRES DIAS EM DJEDDAH

Por acaso encontrei ha dias n'um maço de esquecidos papeis velhos o roteiro de uma viagem a Moçambique, onde registára dia a dia notas e impressões que deviam servir de urdidura ao trama de um livro, que por aquella época andava delineando.

Como não vale a pena que os bibliophilos se afadiguem em inuteis pesquizas, declaro categoricamente que esse livro jámais passou de um projecto, acariciado com affectuoso desvelo durante o periodo embryonario, para ser engeitado sem remorsos nem piedade, logo que pensei em coordenar os diversos apontamentos, respigados aqui e alli, sabe Deus com que afan! — tão despidos de interesse me pareceram depois no seu conjunto.

Creio ter havido quem já observasse que o progresso, demolindo as barreiras dos remotos confins do mundo, despira os livros de viagens dos attractivos e surprezas, que outr'ora os recommendavam aos espiritos sequiosos de noticias e informações ácerca de paizes, cuja existencia algumas vezes chegava a ser ignorada. Demais esta hypothese, na actualidade, não passaria de um archaismo inadmissivel, graças ao enxame de sabios, sahidos a tantos reis por mez, das colmeias geographicas disseminadas por todo o orbe terraqueo.

Desde que póde emprehender-se uma excursão á volta do mundo sem maior incommodo do que experimentaria Xavier de Maistre viajando ao redor do seu quarto, arca-se peito a peito com o impossivel para lhe arrebatar a nota pittoresca e palpitante que dê tom e vida á descripção de costumes e paizagens, já mil vezes descriptos pela penna de escriptores celebres, reproduzidos outras tantas pelo lapis de habeis artistas e diffusamente diluidos em palestras de viajantes, mais ou menos phantasistas, que não perdem opportunidade de se apresentar como heroes de anecdotas e aventuras, a que não póde oppôr-se immediata contraprova.

Nada ha que se me figure mais desconsoladamente semsabor do que amarrar as sonhadas peripecias de viagem á helice de um paquete, que nos escravisa sob a eterna tyrannia de uma tabella que tudo prevê e tudo regula, salvo apenas o recurso ao direito de asylo no ventre de algum tubarão. É muito commodo, mas ha tambem a concordar que é muito estupido, converter o livre arbitrio em pendulo de chronometro, para saber com a precisão de um calculo mathematico o dia em que se entra n'um porto, a estadia que n'elle se tem e o momento da sahida, da mesma sorte que as horas em que a sopa vai para a mesa e em que o creado vai ao camarote apagar a vela; quando não chega o auctoritarismo ao ponto de estar prescripto como no paquete em que embarquei: *The passenger are requested not occuped the bath room than ten minutes.* Não dou a traducção por me parecer que não sahiria coisa asseada.

Oh! o meu paquete, o meu paquete! Imaginem o famoso «Agra», da *British India Company!* Um vapor de carga em compassada cabotagem pelos portos barbarescos d'além do Mediterraneo! Quasi uma delicia comparado á ronceirice das tipoias da viação pre-historica! Oh! se me lembra! Na singradura de Suez a Aden, que se trata de encurtar o mais possivel por causa das insolações que tantas victimas produzem, divertiu-nos o «Agra» com a sua velocidade de carangueijo pelo espaço de quinze dias, em que nos foi dado antegostar a temperatura do caldeirão de Pero Botelho, para não a estranharmos

caso os nossos peccados não ficassem remidos com a penitencia da jornada.

A companhia *British India* com que fôra contratado o transporte da mala e passageiros do Estado, possue magnificos paquetes que rivalisam com os das principaes linhas do Oriente, mas a carinhosa solicitude dos nossos paternaes governos entendeu que devia poupar-nos o desgosto de nos privar do amoravel convivio dos genuinos representantes da população das docas britannicas, para os quaes um fardo humano vale um tudo nada menos que o fardo de mercadorias que se arruma ao canto do porão. Já me lembrei que sequestrando os conterraneos do Magriço e Mem Rodrigues á intimidade das louras *ladies* e dos esgrouviados *gentlemen*, o governo, na alta comprehensão dos seus deveres, procurou evitar as provaveis repetições das luctas cavalheirescas dos doze de Inglaterra, com grande proveito das instituições e da cotação dos fundos.

Póde, portanto, imaginar-se como seriam seccantes e enfadonhas as impressões com que me encontrei ao fim da minha viagem. Passando revista ás notas em que haviam sido condensadas, verifiquei serem tão monotonamente uniformes, como um diario de bordo em tempo de calmaria pôdre. O dia de hoje era a copia fiel do dia de hontem, como havia todas as probabilidades para crêr que seria o prognostico do dia de ámanhã! Apenas uma recordação agradavel me ficára dos tres dias que passei em Djeddah.

Será esse episodio da minha triste peregrinação pelo mar Vermelho o que sobreviverá a todas essas notas, que no volver de quinze annos estavam já tão apagadas na minha memoria como no papel em que haviam sido escriptas.

I

N'um dos primeiros dias de julho de 1876 surgimos, por volta das tres horas da tarde, no porto de Djeddah.

A entrada da barra é protegida por enormes restingas de

areia e amiudados bancos de coral, que por vezes se erguem acima do nivel das aguas em denegridos recifes de fórma conica, dando á enseada o lugubre aspecto do campo de um cemiterio erriçado de pyramides funerarias.

O porto de Djeddah passa por ser um dos mais perigosos do mundo; que o é de todos os do mar Vermelho não soffre contestação. A sua passagem demanda muita canceira e muitos cuidados, porque é mister que a cada guinada o navio descreva caprichosos zig-zagues para não ir de encontro aos parceis que lhe embargam a marcha. Apesar de tantas contrariedades, é muito concorrido não só de vasos de marinha mercante como de guerra. Quando alli aportámos, estavam ancorados uns trinta vapores de grande porte.

O ancoradouro fica a algumas milhas distante da praia, onde só se póde desembarcar em pequenos botes, que ainda assim não estão isentos do perigo de encalhar sempre que se desviem na alheta do estreito canal que atravessa o baixo estendido ao longo da costa.

Do ponto d'onde avistámos a cidade, mostrou-se-nos ella sob um aprazivel aspecto, não obstante a completa ausencia de arvoredo, que dissolvesse o tom crú do panorama nos cambiantes de um colorido menos fatigante. Mal podiamos imaginar que fosse aquelle o antro do povo barbaro e selvagem de que nos fallavam a bordo.

Djeddah espreguiça-se com a descuidosa indolencia oriental n'uma vasta planicie á beira-mar. Circumda-a uma cintura de muralhas, em que distinguimos dois baluartes coroados de ameias. Para além do lanço em que foi rasgada a porta principal da cidade, succediam-se os brancos terraços das habitações n'uma extensa linha, recortada de espaço a espaço, no arrojo da phantasia do estylo arabe, pelas cupulas e minaretes das mesquitas, cujos tectos ponteagudos reluziam sob a acção dos raios solares, como se fossem construidos de placas metallicas sobrepostas á maneira das escamas no dorso de um crocodilo.

Djeddah perfaz com Medina e Méca a triade das cidades santas para os musulmanos. Sem embargo das vicissitudes poli-

ticas por que tem passado, das conquistas que successivamente a submetteram ao jugo de tribus e nações estranhas, e da sua situação no litoral que a expõe ao permanente contacto com forasteiros de diversas raças e crenças, é e continuará a ser tristemente celebre pelo espirito de intolerancia e fanatismo, que caracterisa os seus moradores. O iman que assiste do *mimbar* (pulpito) ás rezas na mesquita, os *ulémas* que explicam os textos sagrados, o *mufti* que define com a auctoridade de doutor da lei as questões do dogma, quando exercem o seu mister sacrosanto, collocam o alcorão ao lado do alfange para recordar aos crentes que o islamismo é ainda a mesma religião militante do tempo em que o propheta, perseguido pelos koraichitas, ordenava a seus proselytos que desembainhassem a espada tanto para combater inimigos como para convencer incredulos e indifferentes.

O entranhado rancor que os habitantes de Djeddah nutrem contra os *giaours* (infieis) principalmente christãos, denuncia-se nos coruscantes olhares ferozes, que lhes lançam na passagem com furia igual á com que lhe arremessariam dardos eivados de peçonha. A saudação que sae de seus labios tremulos de colera, é a palavra — cão — proferida com tão odiento asco, que bem patenteia o que os esperaria, se podessem metamorphoseal-os no animal a que tão descaroavelmente os comparam.

Este odio por tanto tempo represado, explodiu em 1858, ennodoando com uma perpetua mancha sanguinolenta o nome de Djeddah. A guerra que n'aquelle tempo os inglezes sustentavam contra os *cypaios* sublevados, excitava a irritação latente a ponto de se premeditar a desforra que vingasse o sangue musulmano derramado nos morticinios da India. O pretexto que devia servir de rastilho á explosão, foi encontrado no dia em que uma mulher, perseguida pela justiça local, se refugiou no domicilio de um consul europeu.

A turba enfurecida exigiu a entrega da accusada, e como não se attendesse ao seu pedido, irrompeu impetuosa contra o consulado, onde nada escapou á sua crueldade.

O cheiro da carnificina embriaga os animaes ferozes, qual-

quer que seja a sua especie. As primeiras gottas de sangue que saboreiam, torna-os cada vez sedentos de mais sangue. Destruido o primeiro consulado, seguiu-se o ataque aos dois que restavam. Quanto era christão, ou ao serviço de christãos, foi immolado na enorme hecatombe d'essa nefasta noite. Miraculosamente, porque mal póde comprehender-se tanta energia n'uma donzella de dezoito annos, apenas escapou a filha do consul francez, Eveillard, que depois do assassinato de seu pae, desappareceu por entre a multidão que lhe saqueava a casa e conseguiu refugiar-se a bordo de um navio, onde foi a primeira a narrar a terrivel tragedia de que teve a fortuna de sómente ser mera espectadora.

O crime de Djeddah não permaneceu impune por muito tempo. Os governos da França, Estados-Unidos e Inglaterra, ultrajados no assassinato dos seus representantes e no saque dos consulados, exigiram ao governo suzerano da Sublime Porta a immediata reparação dos aggravos recebidos. A Inglaterra, porém, cançada das delongas da diplomacia, enviou uma esquadra a Djeddah, e apoderando-se de alguns dos principaes moradores, que haviam tomado parte no motim, enforcou-os summariamente nas vergas do navio chefe. As auctoridades locaes, prevendo que as represalias poderiam prolongar-se por tempo indeterminado, submetteram-se a todas as exigencias e satisfizeram de prompto a indemnisação pedida. A lembrança do severo castigo infligido tem evitado a renovação de scenas analogas á que tão cara custou aos seus promotores.

Djeddah é uma pequena cidade de pouco mais ou menos dezoito mil habitantes, situada na região do Téhama, ou terras quentes, entre a Arabia Petrêa e a Deserta. Politicamente está sujeita á suzerania do imperio ottomano; mas só reconhece como auctoridade legitima a do *cheriff* de Méca, que representa o sangue da descendencia do propheta. Commercialmente é afamada pelo seu grande mercado, a que concorrem as tapeçarias da Persia, os tecidos da costa de Coromandel, as perolas de Ceylão, as laminas de Damasco, o ambar da costa de Oman, os perfumes capitosos do Hedjaz, o tabaco e o café do Yémen, tudo

quanto ha de mais grato e mais invejavel para os povos do Oriente.

A sua grande importancia provém, todavia, de ser o principal porto de Méca, que dista uns noventa kilometros para o interior. Todos os annos, durante alguns mezes, affluem alli de diversas partes do mundo numerosas caravanas de peregrinos que vão cumprir o preceito religioso da visita á santa Kaaba, em Méca, onde está depositado o texto original do alcorão; visita que os mais fanaticos ou os mais abastados completam com a romaria ao tumulo do propheta em Medina.

A quadra da passagem das caravanas em Djeddah accentua-se por um movimento e animação que faz completo contraste com o indolente quietismo fatalista das cidades arabes. A cada instante desembocam pelas immundas ruas tortuosas no largo, que serve de vestibulo á porta de Méca, ondas humanas que se agitam no rapido volteio de uma dança macabra em trajos carnavalescos de variegados matizes e desusados feitios. Alli como nas successivas mutações de um kaleidoscopio distinguem-se, confundem-se, baralham-se todas as côres e todos os costumes; o *coufieh* amarello dos arabes, o *fez* vermelho dos ottomanos, a tunica azul dos *fellahs*, o alvo *bornous* dos kabilas, a cabaia de musselina dos hindús, as finas pelliças dos armenios, a mitra elliptica dos persas, o turbante iriado dos nubios, as largas calças carmezins dos berberes e as sandalias de cordas enroscadas até meia perna dos habitantes de Hedjaz. Com a variedade do vestuario vem a variedade das raças e a diversidade dos typos: o turco de Constantinopla, o morghreb de Tunis, os kalmukos do Volta, os negros do Senaar, os arabes do Egypto, os tcherkesses da Circassia, os tartaros de Bokkôra, os mouros das cercanias do Atlas, os mujojos dos Comoros, os turcomanos de Khiva, emfim representantes de todas as tribus, de todas as seitas, de todos os povos mahometanos.

A vida postiça da grande albergaria na jornada de Méca termina com o regresso dos peregrinos, sempre mais triste do que a ida, porque os *Hadjis* perderam o anterior contentamento, fatigados pelo cançaço da jornada, lancinados pelos raios

abrazadores do sol do deserto e minados pela febre de um mau estar causado pela nauseabunda agglomeração das turbas. Torna, pois, Djeddah a cahir na somnolencia da habitual modorra; extingue-se nas ruas o bulicio dos transuentes, e nos bazares póde o mercador calcular com pachorrenta minudencia os lucros deixados pelos forasteiros. No meio da tranquilla calma da cidade, ouve-se de repente por toda ella um grito de rebate. É o primeiro caso que apparece da peste trazida pelos peregrinos. O virus alastra-se pela estrumeira urbana; cahem victimas aos centos. O espectaculo não é novo, representa-se quasi annualmente. É um hospede com que se conta; não surprehende, nem sequer demanda grande ceremonia. O habitante de Djeddah é verdadeiro musulmano, o que quer dizer que reune predicados que mal se podem conciliar, ser religioso e ser fatalista. Volta-se para Méca a implorar a clemencia de Allah, como crente; depois como philosopho, cruzando os braços e olhando o chão, murmura resignado: *estava escripto!* E como tudo está escripto lá em cima, mergulha-se outra vez cá em baixo na costumada apathia.

Um pouco além da porta que dá para Méca, no vasto deserto, onde a vista se perde, apenas se descobre um pequeno *oasis* cercado de palmeiras. Affirmam os crentes que está alli a sepultura de Eva. Uma antiga princeza mandou recolher n'um mausoleu que alli edificou as cinzas da primeira mulher que, a avaliar pelo comprimento da lage tumular, deveria ser de descommunal altura.

Não é facil averiguar o fundamento da tradição musulmana. Mahomet ou o anjo *Namous* (Gabriel), que escreveu o alcorão, não foi mais explicito do que Moysés ácerca do logar que serviu de asylo aos paes da humanidade em seguida á expulsão do paraiso. Procurei indagar se algum escriptor arabe alludira a uma crença tão arraigada no espirito do povo, mas sómente me narraram uma lenda que parece não haver passado da tradição oral, e a que sinto não poder dar n'uma pallida versão o colorido da phrase e o perfume poetico que com tanta delicia m'a fizeram ouvir.

Reza assim a lenda:

Depois da desobediencia de Adão, Allah expulsou-o do paraiso, conjuntamente com os seus cumplices. Adão foi precipitado sobre uma montanha de Sérendib, Eva cahiu proximo a Djeddah, o diabo em Bassorá, a serpente no Hindustão, o pavão ao lado de Nézib.

Adão, vagabundo e angustiado, procurava no seu desespero a formosa Eva, cuja imagem transbordava da sua alma. Cada dia, na amargura do seu penar, invocava a clemencia de Allah, e lhe supplicava a restituição da meiga companheira, que tantas vezes repousára sobre o seu coração e com quem divagára lentamente sobre as eternas sombras do paraiso, agora a ambos para sempre vedado.

A penitencia não remira ainda a enormidade da sua falta, porque a colera de Allah não abrandava, e Eva continuava perdida para elle.

Uma noite, prostrado de fadiga, deitou-se sobre a terra depois de implorar a Allah o perdão do seu crime. Fecharam-se-lhe os olhos e adormeceu. O somno trouxe-lhe uma visão. Appareceu-lhe a mulher encantadora, que Allah formára da sua carne; aproximou-se com o sorriso nos labios e reclinou-se-lhe nos braços.

N'este momento surgiu o sol, emergindo dos oceanos antediluvianos, e a terra ergueu-se estremecendo para receber no seu seio a caricia dos raios do astro luminoso.

Alguns dias, depois, no logar em que Adão adormecera, germinára um arbusto que bem depressa se tornou uma arvore. Duas fortes raizes separadas subiram até ao tronco, que se bifurcára em duas vergonteas semelhantes a dois braços. A arvore cresceu, e attingiu a altura de cem pés.

Um dia a folhagem fez-se a cabelleira de uma enorme cabeça; os braços articularam-se e armaram-se de mãos; as duas raizes transformaram-se em vigorosos pés que sacudiram vigorosamente os torrões da terra que os embaraçavam. A arvore era um gigante.

O gigante caminhou sobre a terra, que reduziu á escravi-

dão, e foi o seu primeiro rei. Reinou quinhentos e sessenta annos e chamou-se Caiumarath.

*

* *

Fôra resolvido que os passageiros de primeira camara que iam a bordo do «Agra» permanecessem em terra emquanto o vapor estivesse fundeado em Djeddah.

Era um trasbordo extraordinario devido a caso de força maior. Havia algumas centenas de toneladas de carvão de pedra a descarregar, e a agencia não tinha meios de fazer com que o pó nos não incommodasse, talvez a ponto de se nos introduzir pelos pulmões dentro.

Como foi esta a primeira e ultima prova de humanidade que no espaço de cincoenta e dois dias de viagem recebi da empreza e dos seus empregados, aqui a deixo registada a par da minha surpreza e do meu reconhecimento.

Não havendo na cidade albergue que nos alojasse, ficou assente que iriamos para casa do vice-consul britannico, que era o agente da *British India*, e ahi seriamos mantidos a expensas da empreza nas mesmas condições em que estavamos a bordo. A mudança devia realisar-se na manhã do dia seguinte.

Eramos cinco os passageiros da primeira camara. Tres portuguezes e viajavam por conta do estado; dos dois restantes, um era inglez, outro francez. O inglez optára pelo «Agra» por ser parente e amigo particular do commandante; o francez porque a isso se vira obrigado, pois ficando-se a admirar os lindos olhos de uma viennense, que encontrára n'um café de Port-Said, perdera a passagem que tinha nas *Messageries Maritimes*, e quando se lembrou que devia partir quanto antes, não foi possivel achar outro transporte.

O inglez, — por fim o homem era escossez — tinha cabellos ruivos, faces vermelhas, ares de matamouros e a corpulencia de um touro: era coronel n'um regimento da India e dava pelo nome de Mac-Ennery.

O francez, magro, pallido e nervoso, era um fallador sem-

piterno. Herdára uma plantação de canna de assucar em Nossi-Bé, e chamava-se Lanzac.

Era este o companheiro que me mereceu uma secreta preferencia pelo seu espirito scintillante e a sua jovialidade a toda a prova, e tanto que até resistiu ao tedio que de nós todos se apossára a bordo.

Na noite da nossa chegada a Djeddah encontrámo-nos conversando ácerca da nossa demora n'aquelle porto. Não lhe occultei o meu contentamento por ter uma folga para me conservar em terra.

— Seja feliz, disse-me elle. E se as aventuras que o esperam n'essa terra das Arabias, lhe permittirem lembrar-se dos ausentes, compre-me uma boceta de tabaco turco para o meu cachimbo e um fino collar de ambar para um destino ainda incerto.

— Porque? Não vem comnosco? perguntei eu.

— Limpei o pó das minhas sandalias no limiar da iniquidade. Nunca mais penetrarei os hombraes da casa dos philisteus! Desculpe-me a linguagem biblica, foi uma exigencia do prurido da côr local. Quero dizer que para inglezes, basta-me a amostra cá de bordo.

Tinha-me esquecido dizer que Lanzac era um incorrigivel anglophobo. As suas iras anti-britannicas descarregava-as á falta de melhor emprego sobre Mac-Ennery, que dava tratos á imaginação para não ficar em divida. Eram como dois gallos gladiadores, que mal se avistavam, investiam um contra o outro, terriveis, ameaçadores.

Lanzac sabia quatro ou cinco palavras inglezas. Eram as sufficientes para injuriar, ridicularisar e fazer experimentar amargos de bôca ao seu antagonista. O gesto, a entonação da voz e o volver dos olhos suppriam admiravelmente as lacunas da linguagem. Mac-Ennery fazia outro tanto, mas faltava-lhe a vivacidade e a graça nativa que davam a Lanzac uma grande superioridade na contenda.

Recordo-me ainda, quando entrámos no canal de Suez, vêr andar Lanzac radiante a pavonear-se em frente de Mac-Ennery;

fixal-o com desdenhoso sorriso e jogar-lhe por fim esta bisca:

— *Lesseps french, channel french... all good french! All right, very good. No english, no.*

Mas a expressão com que estas palavras foram acompanhadas e que provocou a geral hilaridade, é que não póde contar-se, nem sequer imaginar-se.

Mac-Ennery mordeu os labios de despeito, e recolheu-se ao camarote, como para protestar contra essa maravilha do seculo XIX, cuja realisação fôra julgada uma utopia pelos seus compatriotas.

Passadas talvez duas horas, o «Agra» fundeou. A passagem estava impedida, por haver sossobrado uma das dragas, que andam constantemente a limpar o leito do canal das areias despegadas das margens. Chegou a Mac-Ennery a maré da revindicta. Voltando flammante para junto de nós, dispara á queima-roupa sobre Lanzac esta mordaz apostrophe:

— *Canal français, ne vaut rien! Anglais ça serait bon... paquet «no stopped».*

Lanzac tomou o caso á boa parte, encolheu os hombros e trauteou-lhe a dois palmos do nariz a cançoneta com que o chasqueador espirito francez se vingou das derrotas que lhe infligiu o famoso general da rainha Anna da Inglaterra:

Malborough se va t'en guerre
Mironton, tonton, mirontaine.
Malborough se va t'en guerre
Nul ne sait quand il viendra.

Mac-Ennery doeu-se das coplas muito mais do que de todas as ironias com que Lanzac o estava de contínuo ridicularisando. Declarou ao commandante que era capaz alguma vez de agarrar o francez e atiral-o ao mar, se elle não tivesse emenda.

Lanzac ao saber isto, jurou que o ferrabraz nem sequer era capaz de matar uma mosca, e proseguiu sem maior novidade no seu mister de Cabrion do espadaúdo escossez.

(Continúa).

Augusto Sarmento.

REVISTA DE POLITICA INTERNA

A REVOLTA DO PORTO

Os acontecimentos de 31 de janeiro, com todas as suas scenas d'uma minuscula e ephemera guerra civil, lançaram na bonacheirona paz pôdre dos nossos costumes uma estranha e imprevista nota de violencia e desvario. Já em si, já nos seus antecedentes e consequentes, esse episodio assume o inestimavel valor d'um symptoma typico, para os que de ha muito seguem de perto, com um vivo interesse de observação e fundas preoccupações moraes, a marcha pathologica dos complexos males que vão lentamente minando, decompondo, e até ameaçando de morte, o caduco organismo nacional.

De mistura com a mágua e a cruciante angustia do patriotismo, ferido pelo espectaculo da ignominiosa miseria em que nos dissolvemos, e desalentado, desesperado de impotencia ante a inevitavel fatalidade d'um imminente desastre — apossa-se de nós essa especie de satisfação intellectual, que não póde deixar de se sentir em face da gradual realisação de phenomenos previstos e de factos de longa data vaticinados.

É sob este ponto de vista, de serena e fria critica, que

encararei os recentes successos politicos. A hora é para uma profunda e recolhida analyse intima. Mal de nós todos — de todos! — se passarmos superficialmente a vista sobre essa pagina, manchada de sangue e enfarruscada de polvora, que ahi se accrescentou ao negro capitulo onde se archivam as desgraças e vergonhas dos derradeiros tempos. Mal de nós!... É que já nos não valem habilidades, nem salvam expedientes. Na altura a que as coisas chegaram, só um grande espirito de sacrificio e de renuncia, a maxima prudencia e o maximo tino, poderão minorar os duros effeitos da crise que nos ameaça. Observemol-a nas suas origens. Meditemos nas suas dolorosas consequencias. É mister encarar frente a frente o futuro; é indispensavel que a nação faça uma idéa justa, precisa e verdadeira da situação em que se encontra.

As linhas que seguem são, pois, uma modesta contribuição para esse grave e severo exame de consciencia. Não lhes conturba a limpidez das intenções qualquer reservado sentimento partidario ou pessoal. Inspiram-nas o puro amor da verdade e o mais recto e inabalavel proposito de absoluta imparcialidade critica.

I

Se, no inicio do actual reinado, alguem affirmasse que em dezoito mezes a propaganda republicana contaminaria e abalaria o exercito, a ponto de o levar á audaciosa tentativa d'um *pronunciamento* — ninguem, nem entre os conservadores, nem entre os proprios radicaes, daria a essa predicção o minimo credito. Sabia-se que o republicanismo lavrava com maior ou menor intensidade na classe militar, sobretudo entre os officiaes novos, a mocidade da Escóla do Exercito e os sargentos dos corpos da capital. Mas semelhante republicanismo não passava, aos olhos de todos, d'uma tendencia, d'uma inclinação politica, d'uma vaga opinião doutrinaria, absolutamente desprovidas, comtudo, d'essa força de crença e d'essa energia passional que impellem

os homens do campo das idéas para o campo da acção. D'um lado as tradições politicas d'um exercito que viveu tão longos annos envolvido em continuas guerras civis, do outro a relaxada tolerancia da sua disciplina, ou, melhor, da sua indisciplina — não permittiam estranhar que um ou outro official fizesse publicas affirmações dos seus sentimentos anti-monarchicos e do seu desaffecto pela dynastia e pelo dynasta. Isto, porém, a quasi ninguem se afigurava um perigo serio para as instituições, nem um possivel e provavel elemento de futuras conspirações militares. Não se acreditava na possibilidade *moral* d'um acto revolucionario. Suppunha-se absolutamente partida, na alma portugueza, essa rija mola propulsora da audacia. — Quem se atreve a soltar o grito? pensava-se: quem ousa dar o primeiro passo? — E, tranquillisados com esta cega confiança na indecisão e frouxidão do nosso querer — governantes, e a maioria até dos proprios governados, consideravam a ordem segura, e garantida (pelo menos nos actos, senão nas intenções) a fidelidade da força armada.

O episodio de 31 de janeiro veio desfazer cruelmente esta dôce illusão. O descuidoso optimismo dos ultimos annos, felizes e fartos, soffreu mais um rude e profundo golpe. A surpreza foi geral. Pois não eram pura fabula, não eram ingenuos sonhos da gente credula — esses vagos rumores de conjura e insurreição? Ousára realmente alguem soltar o grito da revolta? Atrevera-se um punhado d'homens a empunhar as armas contra o throno? Trocavam-se com effeito, nas ruas, reaes e verdadeiras balas, a serio, a valer?... Na vespera nem as auctoridades locaes o queriam acreditar. No dia immediato, na Arcada e nas Secretarias, os scepticos conselheiros entreolhavam-se boquiabertos, pallidos de assombro e terror...

Viu-se então que todos os desastres, todos os erros, todas as faltas d'um anno de vergonhas, de humilhações e de inepta politica, não tinham cahido em vão no espirito publico. E é n'isto que os acontecimentos do Porto se manifestam como um symptoma. Em si, pelo que foram, pela gente que os promoveu e dirigiu, valem realmente pouco, muitissimo pouco... Mas só

para espiritos excessivamente myopes e curtos podem não ser visiveis os elementos de agitação, que através d'elles se enxergam fermentando ao fundo da vida nacional. O 31 de dezembro foi a fistula peripherica, que, ao abrir-se, veio revelar o cancro interior.

Com effeito, a origem d'esse drama politico não póde deixar de ser procurada na historia dos ultimos tempos. Será illogico e absurdo, debaixo de todos os pontos de vista, suppôr que a revolta haja sido um facto esporadico, indeterminado, sem causas, sem motivos, sem raizes nas presentes condições moraes e politicas da sociedade portugueza. Por mais baixa idéa que se possa fazer dos predicados de intelligencia dos chefes do movimento — e não se lhe faz injuria nenhuma, considerando-os como um selecto bando de mediocridades — não é, comtudo, licito imaginar que elles se abalançassem a semelhante empreza, se apenas contassem com os elementos que na occasião appareceram em jogo. Alguem, por esses dias, observava com graça que *aquillo* fôra apenas um fragmento da tenia, que o doente havia expellido. O resto da bicha, incluindo a cabeça, ainda lá ficára dentro...

E a verdade é realmente esta. — O republicanismo em Portugal não representa precisamente uma reacção doutrinal, de principios e de idéas, contra a organisação juridica da sociedade. Se ámanhã uma revolução triumphasse e a Republica se estabelecesse, a unica alteração sensivel a produzir-se limitar-se-hia á suprema presidencia do Estado. Unicamente. Todas as demais *garantias* d'um programma republicano — o suffragio universal, a descentralisação administrativa, a liberdade de pensamento, etc. etc. (salvas algumas recentes alterações com relação á liberdade de imprensa e de reunião, que, ainda assim, a ninguem se afiguram perduraveis e definitivas nas suas fórmas actuaes) — tudo isso se acha já consignado nas nossas leis e assimilado pelos nossos costumes. O republicanismo, entre nós, representa apenas uma fórma de acção do descontentamento geral, que tem no abstencionismo retrahido o seu *pendant* de inercia e passividade. É, de envolta com a levedura de mui-

ta ambição irrequieta, é, a par da ingenua illusão dos que ainda crêem na panaceia dos systemas, um protesto de caracter moral, formulado contra a cynica corrupção e o sordido egoismo que a politica portugueza tem affectado nos derradeiros annos. Mas no fundo, bem no fundo, o que ha de seriamente ameaçador para a estabilidade das instituições vigentes é esse terrivel pessimismo civico que, alastrando a olhos vistos, cada vez aprofunda mais o invencivel abysmo que, n'esta desorganisada sociedade, se cava entre o Estado e os cidadãos, entre os governos e a nação... E não é já licito duvidar de que foi n'esse sentimento de dissidente hostilidade para com todo o existente, que se originou, em ultima analyse, a rebellião militar do Porto.

Dois factos importantes actuaram fortemente, de ha um tempo a esta parte, a favor da republicanisação do paiz e do exercito. Esses dois factos, quasi simultaneos, foram a questão ingleza, com todos os seus deploraveis episodios, e o exemplo da revolução brazileira.

A questão ingleza, evidenciando-nos a nossa fraqueza internacional e a nossa pusillanimidade diplomatica, susceptibilisou sobretudo os brios da classe militar, a qual (em sua honra seja dito) revoltava-se intimamente contra a falsa situação que lhe era creada pela irresoluta covardia dos politicos. Quem por essa occasião conversasse com militares, ácerca dos acontecimentos correntes, teria por certo ensejo de verificar quão vivo era n'elles este sentimento ante as hesitações continuas, as transigencias medrosas, a abjecta complacencia com que a nossa chancellaria correspondia aos desdens humilhantes ou ás brutaes imposições da Inglaterra. Os mais cordatos, os menos violentos, declaravam preferir uma ruptura de relações, com o perigo d'uma derrota, á vergonhosa inercia em que se achavam collocados. E observavam que tal attitude não fazia senão confirmar a accusação de inutil e parasitaria, que sobre a sua classe impendia. O paiz gastava annualmente, com o exercito, coisa de cinco mil contos, para ter n'elle uma garantia de independencia e de defeza: e, n'um momento em que o estrangei-

ro nos ameaçava e insultava, esse exercito ficava-se de braços cruzados e espada na bainha — fruindo, n'um dôce egoismo burocratico, o seu quinhão da partilha orçamentaria. A este honroso e cavalheiresco sentimento juntou-se, para muitos, a convicção, mais ou menos vagamente fundamentada, de que só um novo regimen poderia transformar os viciosos caracteres da nossa politica, e abrir para o paiz rasgados horisontes de prosperidade, de economia, de moralidade administrativa, de ordem interna e de respeito no exterior. Além d'isto, esse espirito de liberalismo vago, absolutamente destituido de senso pratico no seu velho feitio romantico, que constitue o fundo moral e intellectual de todas as *gerações novas*, fazia vêr sob negras côres de tyrannia e despotismo uns certos assomos dictatoriaes e umas velhacas leis repressivas da liberdade de imprensa e de reunião, de que a ultima situação regeneradora se tornou ré perante o radicalismo doutrinario. E o exercito, originariamente revolucionario e liberal, tendo ainda presentes as tradições da Terceira e do Porto, da Patuleia e da Regeneração, começou a sentir pruridos d'uma intervenção na politica, para salvar a liberdade em perigo... Não é das menos positivas provas d'isto a famosa *Liga Liberal*, onde o elemento militar tem uma representação enorme e preponderante.

Por outro lado, o exemplo da revolução brazileira, d'essa rapida e facil mutação theatral de personagens e instituições, levada a effeito d'uma manhã para uma tarde, apenas com meia duzia de tiros de rewolver trocados entre o barão de Ladario e a escolta do general Deodoro — fez penetrar nas massas jacobinas a convicção de que tudo seria possivel fazer-se aqui, mais dia, menos dia, pelo mesmo processo; e conformou até certo ponto o prudente burguez com a hypothese d'uma republica implantada em identicas condições.

N'esta corrente de idéas, o partido republicano foi-se aproximando do exercito, que não repelliu, de fórma alguma, o seu contacto. Activou-se a propaganda, e iniciou-se por fim a conspiração. Entretanto os politicos, guiados por uma imbecil orientação conselheiristica, continuavam a envidar todos os seus esfor-

ços para comprometter o throno e acarretar sobre elle a desaffeição geral. O gabinete regenerador, com uma notavel falta de comprehensão do verdadeiro estado moral do paiz, lançou-se n'uma desbragada politica partidaria, subalternisando tudo aos interesses e rivalidades dos seus influentes e da sua clientela, e dando o subversivo exemplo do mais desalmado e sceptico egoismo n'uma hora tão dolorosa e tão triste, como a que então atravessavamos. Mal aconselhado decerto, o nosso inexperiente monarcha ligou as suas responsabilidades a actos e medidas, d'um alcance mediocre para o restabelecimento da ordem publica (de cuja *apparencia* apenas se cuidou), mas excellentes para o effeito de lhe captar antipathias e malevolencias. A explosão patriotica de janeiro, em vez de aproveitada e dirigida como um excepcional ensejo para o inicio d'uma politica nova, foi primeiro contrariada, a medo, para ser, por ultimo, rudemente abafada. As primitivas incertezas do gabinete Serpa Pimentel em face das manifestações publicas, e as subserviencias do snr. Hintze Ribeiro para com a Inglaterra, exploradas logo pela propaganda republicana, imprimiram ao movimento uma errada direcção radical que, a breve trecho, lhe fez perder a sua originaria genuinidade patriotica. Desde esse momento, o republicanismo ganhou terreno — e as eleições de março passado, em Lisboa, foram d'isso uma prova bem eloquente.

Essas eleições primeiro, depois o periodo parlamentar com as differentes questões que suscitou, fizeram uma momentanea calmaria na agitação politica. A questão ingleza estava suspensa na mysteriosa incubação das negociações... O ministro dos estrangeiros, a todas as perguntas que no parlamento lhe dirigiam sobre esse grave assumpto, respondia vagamente, defendendo a sua reserva com o argumento das conveniencias diplomaticas. E assim se foi andando — até que o famoso tratado de 20 de agosto, a ominosa obra do snr. Hintze Ribeiro e do snr. Barjona de Freitas — estalou nos descuidados ocios da villegiatura, com todas as peripecias e consequencias que são do dominio publico.

A crise politica recrudesceu, então, e attingiu uma extrema gravidade. Se, n'esses dias de setembro e outubro, o paiz conservasse a intensidade emocional do principio do anno, o throno teria certamente ruído de envolta com o ministerio regenerador. E nunca, diga-se de passagem, nunca, á parte as suas consequencias, uma revolução teria sido tão opportuna, tão justificavel! Mas, por esse tempo, já as intrigas da vaidade ambiciosa e a rivalidade dos interesses haviam posto os partidos em guerra aberta. O patriotismo passára a ser uma pura palavra, hypocrita ou vã. A alma nacional, extenuada pela crise anterior, cahira de novo na sua passiva indifferença, na sua lethargica inercia. O movimento que derrubou o gabinete Serpa e rasgou o tratado de 20 de agosto — movimento bello ainda, apesar de tudo — não teve, porém, a energia, o vigor, o impeto da agitação de janeiro. Só o não reconheceu quem, então, não viu *por dentro* os homens e os successos. Salvou-nos, talvez, n'essa occasião um acaso, um d'esses instaveis e ingovernaveis elementos psychologicos, que muitas vezes n'um campo de batalha, só por si e contra toda a estrategia, decidem imprevistamente da victoria. Se o snr. Hintze e a sua maioria tivessem a mais um tudo-nada de audacia, se ministro e deputados não hesitam, não recuam perante as apprehensões e os receios da situação — o tratado passava na camara, sem a menor duvida. E o paiz curvar-se-hia, submisso e dominado, á violenta imposição do governo e do parlamento, como se curvou ante o golpe de mão de 11 de fevereiro, que pôz termo ás manifestações das ruas, e ante as leis dictatoriaes de março, que dissolveram a camara de Lisboa e remodelaram n'um sentido anti-liberal o regimen da imprensa.

Mas, se a gravidade da crise se não caracterisou por um vibrante, por um violento movimento de opinião, nem por isso ella deixou de apresentar outros symptomas de não menor importancia para os juizos do moralista. Não foi uma gravidade de *força:* mas foi — triste é dizel-o — uma gravidade... de *fraqueza.*

O espectaculo que a nossa politica offereceu, posteriormen-

te á queda dos regeneradores — é dos mais tristes, dos mais revoltantes que se podem conceber. Personagens e facções fizeram, sobre a melindrosa situação que o paiz de novo atravessava, o mais baixo, o mais ignobil jogo partidario. A longa crise ministerial de então, com toda a sua sordida intriga, todos os seus indecorosos episodios, a covardia d'uns, a velhacaria d'outros, a ambição d'estes, a perfidia d'aquelles, o egoismo de todos — ficará já agora constituindo, na nossa historia contemporanea, a mais clara, a mais lucida, a mais expressiva e eloquente prova da decadencia moral d'esta malfadada nação. Que hora negra! Mas tambem que grande hora desaproveitada para levar o paiz a romper com essa execravel oligarchia de politicos, influentes, burocratas, agiotas, que o dominam e o exploram da maneira mais cruel, formando o principal obstaculo e maximo estorvo a uma boa, sabia e fecunda administração! N'essa hora, um rasgo de energia e de audacia, inspirado por um sincero e ardente patriotismo — partisse elle do Rei com uma franca e honrada intervenção pessoal, partisse da grande massa do paiz com uma séria manifestação da sua soberana vontade! — teria talvez dado o grande golpe no peor de todos os inimigos da patria...

Não se fez, porém, isso, nem d'uma parte nem d'outra. E, de enredo em enredo, de combinação em combinação, de mallogro em mallogro — conseguiu-se por fim organisar o ministerio João Chrysostomo, cujo *extra partidarismo*, apesar de não ser mais do que um heterogeneo amalgama de elementos de todos os partidos, foi recebido com sympathia, e com agrado mesmo, por todos quantos vêem no *partidarismo* a causa-mãe dos nossos males.

Não é agora a occasião adequada para fazer a critica do modo como os homens, que constituiram esse gabinete, se têm desempenhado do arduo e espinhoso encargo que muito patrioticamente tomaram sobre os hombros. Manda, porém, a verdade que se affirme que, seja qual fôr o merito dos seus actos e medidas, a elles se não póde attribuir um aggravamento, pelo menos sensivel, das desgraçadas condições em que a fatalidade

das coisas e os erros dos derradeiros governos partidarios collocaram a politica nacional.

Todos os factos anteriores, porém, e, sobre elles, a crescente complicação da questão financeira, evidenciando aos mais optimistas toda a extensão da nossa miseria economica — foram lentamente accumulando os agentes de desorganisação interna, que nos promettem todo um periodo proximo de anarchia e desordem — e da qual a revolta do Porto não foi, quanto a mim, senão o primeiro symptoma revelador, o claro e prophetico signal dos tempos...

Comprehende-se bem como, ao geral dos espiritos, a monarchia appareça identificada com os erros e os crimes dos seus governos. Perante os codigos constitucionaes, os reis são irresponsaveis e os ministros os unicos responsaveis pela administração publica; mas, perante a opinião simples das massas, esta situação inverte-se: os gabinetes tornam-se, de facto, irresponsaveis, e sobre os thronos é que realmente impende a plena responsabilidade dos desastres e infelicidades politicas dos povos: e isto pela muito simples razão de que os ministerios passam — e os reis ficam... D'um dos nossos derradeiros monarchas me referiu pessoa, que com elle privou, que mais d'uma vez se havia de antemão recusado a sanccionar, com a regia assignatura, certos projectos dos seus governos. E tinha para isso este argumento supremo: «Presinto, dizia elle aos ministros, que essa medida, ainda que vantajosa e de alcance, será moralmente antipathica para a maioria da opinião publica. É facto que dos senhores parte a iniciativa. Mas, se eu assigno, é porque approvo e consinto: e as massas, apesar da Carta, não discriminam as nossas responsabilidades». E o monarcha tinha razão. Os thronos já se não mantêm com fundamentos juridicos. O direito divino passou á historia. Os reis têm hoje, para consolidarem o seu poder, dois unicos meios seguros: bons governos, garantindo a ordem pelo desenvolvimento da prosperidade publica e do bem-estar geral, e sympathias pessoaes, conquistadas com o exemplo de austeras virtudes particulares e civicas. A eterna macula da burlesca revolução brazileira foi e será sempre o

desthronamento d'um monarcha que, embora intellectualmente mediocre a despeito das suas pretensões a sabio e a philosopho, se identificou porém com as mais nobres aspirações do seu povo, e serviu-as com incomparavel patriotismo, com raro tino, com o maximo desinteresse e com a maior elevação moral. Ora estas verdades têm penetrado pouco a pouco nos cerebros, ainda os menos esclarecidos. Presentemente, os reis, ou se toleram por habito e tradição, ou se conservam pelo seu valor pessoal e por conveniencia publica, ou se aturam por fraqueza. A soberania popular, se não é um facto positivo, se não é uma força activa de que os povos façam uso em toda a sua extensão politica — é já, comtudo, para elles, a *consciencia* d'essa força. Salvo nas camadas ainda barbaras da plebe — a Monarchia é já por toda a parte, no nosso paiz, irreverentemente discutida. N'estas circumstancias, pois, imagine-se que brecha não terão ahi aberto, na arruinada muralha da antiga *fidelidade monarchica*, as desastradas administrações dos derradeiros annos, com o continuo e escandaloso espectaculo de desperdicios, corrupções, veniagas e negociatas, de um louco augmento de funccionalismo inutil, de *deficits* monstruosos patenteando, através d'um desgoverno de perdularios, uma absoluta falta de probidade administrativa, de rapidas e inexplicaveis fortunas de banqueiros e politicos feitas ao contacto financeiro do Estado — tudo isto, revelado, divulgado, esmiuçado, commentado por uma imprensa que, dia a dia, alarga mais a sua área de acção.

Espanta-se alguem, depois d'isto, de que em Portugal se pense em Republica? pasma-se de que esse termo deixe de ser um papão politico, ainda para os mais pacatos? estranha-se que entre um exercito, com tradições revolucionarias, a propaganda lavre intensamente tramando conspirações e pronunciamentos?

Com franqueza — tal espanto, tal pasmo, seriam denunciadores d'uma singular estreiteza de espirito critico.

II

Esboçado, a traços muito largos, o estado actual do espirito publico entre nós — passemos a observar de perto os successos de 31 de janeiro.

A revolta está liquidada. Terminaram os julgamentos; foram proferidas as sentenças, que um tribunal superior acaba de confirmar. Póde, pois, fallar-se d'ella desassombradamente, sem vislumbre de inconveniencia, e com tanta maior segurança quanto o processo revelou e assentou factos, esclareceu pormenores, apurou responsabilidades.

Disse atraz que o movimento nada significára por si, nem pelos homens que n'elle figuraram. E, na verdade, assim foi. Facilmente suffocado, sem repercussão no resto do paiz — apenas serviu para dar á Monarchia uma apparencia de força e de solidez. No fundo mesmo, essa pseudo-revolução não passou — sabe-se hoje — d'uma conjura de sargentos, originada, sem duvida, em manejos d'um mais largo plano revolucionario, mas d'elle scindido, não só pelas divergencias do partido republicano, como pela impaciencia e precipitação dos seus fautores. Os proprios chefes republicanos do norte foram levados um pouco *a reboque* n'essa aventura. Uma grande falta de prudencia e de reserva na conspiração, aggravada com inconfidencias e delações — comprometteram tudo. Algumas transferencias de sargentos, determinadas superiormente, fizeram suspeitar a estes de que o governo lhes andava no rasto da sua trama. E, receiosos de que as transferencias continuassem, separando e desaggregando por consequencia os elementos da projectada insurreição — anteciparam-na, impondo-se intransigentemente aos chefes civis. Assim veio para a rua, sem direcção, sem plano, sem commando, absolutamente desorganisada e ás cegas — essa especie de sangrenta parodia ao *15 de novembro* brazileiro.

Abster-me-hei de me referir aos elementos civis — porque d'estes uns se acham homiziados, outros já sob a acção condemnatoria da lei, outros emfim acabam de recuperar, com a

absolvição, a liberdade. Tão sómente farei notar que tanto Alves da Veiga, como Santos Cardoso, as duas principaes figuras do movimento, nem pelos seus dotes intellectuaes, nem pelo seu valor moral, eram personalidades que abonassem, garantissem ou caracterisassem superiormente uma revolução. Tudo se fez com os elementos infimos do partido — o que, pelo lado das pessoas, reduziu o movimento a proporções sobremaneira mesquinhas e inferiores.

Tudo o que se passou n'esse dia demonstrou-o á saciedade. Os actos dos revoltosos constituem uma série ininterrompida de inepcias e imbecilidades, desde o que se passou no Campo de Santo Ovidio até aos derradeiros episodios da concentração das forças insurrectas na casa da Camara. Tempo perdido em proclamações espectaculosas e em antecipado vivorio; uma boa fé pacovia na geral connivencia, pelo menos passiva, da guarda municipal — boa fé inexplicavel depois do dialogo travado no Campo entre o major Graça e o alferes Malheiro; absoluta falta de capacidade, de sangue frio, de previdencia e de energia nos chefes militares: — tudo isto concorreu para acarretar sobre os revolucionarios uma derrota, para evitar a qual, substituindo-a mesmo por uma rapida victoria, nada mais seria preciso de que uma cabeça serena, capaz de avaliar com presteza as circumstancias de momento, e de, com presteza tambem, resolver e providenciar. Felizmente, ainda, de toda essa charivarica escaramuça, alguns bellos exemplos de coragem e de bravura ficaram, a attestarem consoladoramente que o soldado portuguez não perdeu de todo, na longa paz pôdre que temos atravessado, as suas solidas qualidades militares. E foi tudo...

Um jornal monarchico fallou, por essa occasião, em *vencidos que estiveram prestes a ser vencedores*. Esta phrase revela bem quão fortuito e casual foi o triumpho da Monarchia. Com effeito, se a sublevação vinga no Porto, era de presumir que na tarde d'esse dia 31 de janeiro não fosse o capitão Leitão o Deodoro das forças republicanas... O successo anima os timidos e alenta os retrahidos, porque quem vence tem sempre razão. O dia 1 de fevereiro seria, acaso, fertil em surprezas, se os in-

surgentes batem ou fazem adherir a guarda, e se apoderam do telegrapho, do quartel-general e das repartições publicas... As acclamações com que de manhã os saudaram, rua do Almada abaixo e na Praça Nova — teriam decerto uma reedição, não menos estrondosa e bem mais geral. Não faltariam adhesões — civis e militares. E por esse paiz fóra, seria... seria o que Deus quizesse...

Não quero dizer, com isto, que no dia seguinte a Republica se tornasse entre nós um facto consummado, como aconteceu no Brazil. De maneira nenhuma! Nas nossas presentes condições politicas, o triumpho do movimento insurreccional do Porto seria para a nação o inicio apenas de um longo periodo de desastres, provações e anarchia. E o lado mais criminoso d'essa tentativa está, sobretudo, n'isto: na sua insensata inopportunidade, na sua estupida e obtusa inconveniencia. No dia immediato ao do seu triumpho, a joven Republica vêr-se-hia a braços com difficuldades verdadeiramente insuperaveis pela sua magnitude propria, e esmagadoras para a reconhecida falta de superioridade politica do alto pessoal do partido. Teria, em primeiro logar, a questão financeira, entrada n'um periodo agudo, que se sentiria forçada a resolver, ou desastrosamente pela bancarrota, ou então vendendo o paiz, atado economicamente de pés e mãos, á judiaria plutocrata das praças estrangeiras, a qual, só farejando um negocio leonino, prestaria o auxilio dos seus capitaes a um governo revolucionario, posto á frente d'um paiz arruinado. Teria depois a liquidação do conflicto inglez, effectuada por meio d'um verdadeiro desastre colonial, porque a nossa fiel alliada não perderia essa occasião unica de fazer mão baixa no melhor do nosso dominio ultramarino, talvez com o ironico pretexto de o garantir á dynastia e ao governo legal portuguez, durante o periodo revolucionario... Teria ainda inevitavelmente a violencia d'uma invasão hespanhola, pois Canovas não toleraria, ao pé da porta, uma republica que alimentasse o ardor dos revolucionarios hespanhoes e que viesse a tornar-se n'um foco de conspirações e manejos contra o actual regimen politico dos nossos visinhos. E não seria, por ultimo, de estranhar que, si-

multaneamente com essa invasão, a Triplice Alliança fizesse, por connivencia monarchica e apoio á dynastia, uma demonstração naval nas aguas de Lisboa. Sem duvida, que seria grandiosamente bello vêr este pequeno povo, n'um impeto de energia, arrostar com todas estas difficuldades, e entre sacrificios e provações, soffrimentos e revezes, cahir, vencido heroico, no sólo da patria, defendendo o seu direito, a sua liberdade, a autonomia. Mas... não seria extremamente cedo para tal se esperar d'uma raça, que só a dura escóla de longas e pesadas desventuras poderá, já agora, corrigir dos seus vicios e fraquezas, redimindo-a pela dôr e robustecendo-a pelo ensinamento da resistencia ao infortunio? Em breve, esmagada por todos estes elementos hostis, a Republica tombaria; teriamos acaso (na melhor das hypotheses para a manutenção da nossa autonomia politica, de resto, em taes condições, já apenas apparente e nominal) a dynastia restaurada pela intervenção estrangeira, com estrangeiros a superintender nas nossas questões internas, sobretudo nos negocios da fazenda; e logo, n'um delirio terrorista de despotismo assustado — o peor, o mais cruel, o mais duro, o mais inclemente de todos os despotismos! — uma tyrannica legislação repressiva surgiria, iniciando um franco regimen de aspera defeza monarchica.

Felizmente para o paiz, a revolta mallogrou-se — o que, quanto a mim, não quer de fórma alguma dizer que o perigo passasse e que a ordem (a verdadeira *ordem* que dimana do bem-estar geral, mantido por uma sabia e fecunda administração) se restabelecesse de novo e solidamente. O que houve, na verdade, foi apenas um adiamento da crise que de ha muito se vem preparando pela accumulação de gravissimas faltas estadisticas, pela depauperação economica, pela desordem das finanças, pela corrupção dos costumes, por todos os elementos de desorganisação e desequilibrio que nos ultimos annos têm de continuo actuado sobre a sociedade portugueza. Mantidas as causas, mantem-se a probabilidade dos effeitos correlativos. E tudo em Portugal vai de molde para aggravar a condicionalidade d'essa crise, que, originariamente economica,

affectará sem duvida, no seu momento agudo, um caracter politico.

Já os Pangloss de ha meia duzia de annos se tornam em Cassandras agoireiras. Os que, não ha muito ainda, viam tudo em rosa, vêem agora tudo em negro. O pessimismo alastra. A convicção d'um desastre proximo entra em todos os espiritos. As provas, de resto, são evidentes e palpaveis. A recente operação financeira foi uma das mais significativas. E já me não refiro ao que ella moralmente exprime, quanto á baixa do nosso credito, nem faço reparo no seu caracter affrontoso e humilhante. O grave symptoma está em que, pela primeira vez, nos derradeiros tempos, viu-se um ministro da fazenda pessimista — e pessimista a respeito da sua propria obra; em que, pela primeira vez, a tremenda questão financeira foi posta e collocada no parlamento, sem hypocrisias, sem mentiras, sem euphemismos burocraticos mascarando a dura realidade das coisas. Mais trinta e seis mil contos a addicionar ás centenas de milhares da divida consolidada! Mais cerca de dois mil e seiscentos contos a inscrever nas despezas ordinarias do Estado! Onde a receita correspondente a este novo encargo? Como se lhe occorrerá? Com um novo augmento tributário? Impossivel! Ainda não ha um anno que foi lançado o ultimo addicional de 6 p. c. — que veio duramente pesar sobre a agricultura e as industrias, e encarecer as subsistencias pela consequente elevação de preços em todos os generos de primeira necessidade. Com economias, com reducções de despezas? Como, n'um paiz de mendigos que vivem da sopa economica do Estado, n'um paiz em que é preciso *metter obras* para dar de comer ao povo faminto, e em que a politica, enfeudada á Influencia egoista, não póde dar um passo sem lhe satisfazer todos os seus caprichos, todas as suas imposições, todos os seus interesses?! Com novos e successivos compromissos a curto praso? Mas em dois annos teremos de novo uma divida fluctuante esmagadora, com urgencias angustiosas, com difficuldades de toda a ordem, que, ou nos levará a um contracto mais ruinoso, mais lesivo, mais deprimente ainda do que aquelle que acabamos de realisar — ou então ati-

rará comnosco, fatal, irremediavel, inevitavelmente, á voragem d'uma bancarrota!

Com encargos de divida, que nos absorvem cerca de 50 p. c. das receitas publicas; com *deficits* orçamentaes inextinguiveis e monstruosos; com um *deficit* commercial superior a dez mil contos, que saldamos, á custa da despopulação do paiz, pelos lucros da emigração, quer dizer pelas remessas monetarias do Brazil, «renda de um capital-gente que possuimos na America», na phrase d'um dos nossos mais eminentes economistas; com a capacidade tributaria limitada por uma agricultura em crise e por uma industria desprotegida e esmagada pela concorrencia estrangeira: com toda esta desordem nas finanças, com toda esta miseria e esta pobreza na economia, sem credito, sem recursos, sem fé nem confiança nos homens publicos, sem abnegação civica para entrarmos no caminho dos sacrificios salvadores — essa hypothese da bancarrota começa a tornar-se para a nação n'uma especie de certeza tão absoluta, tão categorica, tão irrecusavel, como, para os individuos, a certeza da morte.

A nossa imprevidencia, o nosso desleixo, vêem correr o tempo, aproximar-se a hora negra, n'uma apathia invencivel de fatalistas. Mas, quando o momento chegar, quando chegar o *dies irae* da fome e da miseria, quando o prestamista vir suspenso o seu juro e o empregado publico o seu ordenado — então, sob o latego do interesse ferido ou das necessidades insatisfeitas, essa apathia resolver-se-ha certamente n'uma convulsão violenta e desordenada. E se, n'esse dia, as tropas sahirem para a rua acclamando a Republica — a insurreição terá, talvez, um fim bem differente do que teve a de 31 de janeiro...

Symptomas claros o indicam. O recente movimento evidenciou bem a inconsistencia das instituições. O paiz não é, de facto, republicano: mas, tambem, a sua devoção monarchica afigura-se-me sobremodo problematica. O *opportunismo* já por ahi abalou e arrefeceu singularmente o velho fervor dynastico... E, com esta indifferença, coincide, por outro lado, o despertar d'uma vaga curiosidade do desconhecido e do imprevisto, d'um irreflectido e quasi infantil desejo do novo e do inex-

perimentado, e mesmo d'um tal ou qual prurido de agitação, que reaccionariamente se segue á frouxa molleza de longos annos de tranquillidade e socego. A opinião não se pronunciou abertamente pelos revolucionarios; mas não se indignou contra elles, nem lhes levou muito a mal a aventura. Senão haja vista este facto altamente significativo: é que não houve, nem no Porto, nem em Lisboa, nem no resto do paiz, uma unica manifestação de caracter publico, uma representação, um comicio, protestando contra o movimento e affirmando a adhesão das massas populares á Monarchia. Só as corporações têm ido á bicha, lentamente, arrastadamente (as mais d'ellas por condescender com reiteradas instancias e solicitações do alto pessoal politico dos respectivos partidos), fazer acto de fidelidade junto aos degraus do throno. E as que se puzeram na cabeça d'esse prestito official, como as camaras municipaes de Guimarães e do Porto, fizeram-no em termos taes de independencia e de desassombrada critica á situação do paiz, que as suas palavras lembraram aquelle historico *senão... não*, que trouxe ao cuidado dos negocios publicos um dos nossos velhos reis, em demasia frivolo e amante dos prazeres. O paiz não está desmonarchisado a ponto de se affirmar independentemente na urna contra as instituições vigentes, ou de as expellir de si mediante uma revolução popular. Não, decerto. Mas está-o já n'um grau sufficiente para aceitar um facto consummado, para applaudir um golpe de mão feliz e bem succedido. Acha-se na situação typica d'um certo personagem official, de quem me contaram que no dia da revolta, suppondo-a triumphante, dizia já philosophicamente resignado: « Emfim, o que eu desejava era que não corresse sangue: porque, quanto *ao resto*, se tem de ser ámanhã — seja hoje... »

Mas, ámanhã, mais do que hoje — estarão arredados todos os obstaculos, todas as difficuldades, para a consolidação d'um casual triumpho revolucionario, para a definitiva implantação d'uma Republica portugueza, absolutamente autonoma e independente, como tem sido a Monarchia? Não o creio. Embora liquidada a questão colonial, ou fallida pela bancarrota a Mo-

narchia, o perigo d'uma intervenção hespanhola, no caso d'um serio movimento republicano em Portugal, subsistirá no mesmo grau de probabilidade em que ao presente se encontra. E por traz d'essa intervenção (pense-se bem n'isto!), seja qual fôr o caracter que ella affecte, ha de fatalmente surgir a questão iberica — essa questão que é o ponto mysterioso, velado, sybillino, a grande e tenebrosa *incognita* d'este sombrio problema: o nosso futuro...

Sim, é a questão iberica que, através de tudo isto, mais uma vez se levanta no aspero caminho da nossa historia. Vivemos n'um equilibrio instavel, que a mais ligeira oscillação póde comprometter, inclinando-nos e precipitando-nos para o lado da Hespanha. E toda a nossa desordem interna — intellectual, moral, politica, economica, financeira — contém em si a ameaça d'essa fatal, d'essa decisiva oscillação. Sem duvida que a questão iberica é, para a Hespanha, um negocio tão grave como para nós. Não ha perspicacia de estadista capaz de prever todas as consequencias politicas, que para a Peninsula possam advir da entrada d'alguns milhares de soldados hespanhoes no territorio portuguez. Não será esta uma empreza em que qualquer homem publico do paiz visinho se embarque, sem n'ella meditar mais d'uma vez, entre a angustia e o receio de quem joga os proprios destinos n'um lanço incerto e arriscado. Mas as circumstancias do momento, e no fundo a acção instinctiva d'esse sentimento de integridade geographica, que é como que uma necessidade organica da Hespanha — podem, mais dia, menos dia, compellil-a a iniciar para comnosco uma politica bem differente d'aquella que ultimamente tem seguido. Da intervenção armada, no caso de novas agitações e novos *pronunciamentos*, ha já uma positiva ameaça. Simplesmente para restabelecer a ordem, apoiar a dynastia, manter o regimen monarchico representativo? Quem o sabe? Nem talvez os proprios que, n'esta hora, meditam e planeiam semelhante passo... Atraz dos projectos dos homens está a força das coisas, e além da acanhada zona, que a previsão historica consegue vagamente illuminar, erguem-se, impenetraveis, as trevas do Destino. A passagem da fronteira pelos re-

gimentos d'um novo Concha não poderá equiparar-se, hoje, em importancia e consequencias, á intervenção de 47. Da data d'esse facto, não será estranhavel que, na Peninsula, se comecem a contar os dias d'um novo cyclo politico. E, assim, póde bem ser que a revolução portugueza venha a tornar-se, para a Hespanha, na determinante inicial d'uma grande revolução iberica. Pelo menos é mais que provavel que ella inaugure na Peninsula uma éra de ebullição, de convulsões, de crises violentas, em que o velho problema iberico, em todas as suas fórmas, passe a ser debatido pelos canhões e pelas espadas.

É facto que as recentes eleições hespanholas, dando aos conservadores um consideravel triumpho, logo ao primeiro ensaio d'esse suffragio universal, promulgado pelos liberaes, que n'elle esperavam ter a sua grande arma politica, mostraram que lá, como cá, a grande massa do paiz está de ordinario com os governos, emquanto estes têm na mão, bem repleta e inexgotavel, a cornucopia orçamentaria, a transbordar continuamente de juros de divida, de ordenados, de gratificações, de subsidios, de obras publicas, de negocios, de favores e graças de toda a especie. É facto que os democratas hespanhoes se acham desunidos e fraccionados em grupos intransigentes, como, por seu mal, bem o provaram n'essa mesma campanha eleitoral. É facto que a Hespanha, ao contrario do que se dá comnosco, enriquece, prospera, robustece o seu credito, desenvolve as suas industrias, o seu commercio, a sua navegação, — seguindo assim um caminho politico diametralmente opposto ao das agitações revolucionarias. Mas, por sua vez, não é menos verdade que á Monarchia hespanhola falta uma sólida garantia dynastica, a qual de fórma alguma se póde julgar segura na pessoa d'esse pequenino Rei enfesado e doente, sobre cuja debil cabeça as mãos d'uma regente estrangeira amparam uma corôa, já mais d'uma vez rojada no pó das revoluções. A desunião dos democratas não é, tambem, um facto insanavel, uma circumstancia que ulteriores acontecimentos não possam vir a modificar. A riqueza e a prosperidade economica nem sempre são um detentor seguro das paixões partidarias, nem um infallivel

pára-raios para as tempestades politicas. E quanto á submissa docilidade da opinião publica, de que a recente victoria eleitoral de Canovas parece ser uma bem clara prova, não é isso, em Hespanha, elemento no qual seja prudente confiar em extremo. Sobre isto, pondere-se que quatro seculos de unidade politica não apagaram de todo, n'essa massa de antigos povos independentes, as *nuances* caracteristicas de cada um, expressas na variedade inconfundivel e resistente das suas tradições ethicas, politicas e litterarias, e na quasi hostilidade reciproca dos sentimentos de raça e de região. E pense-se igualmente, por outro lado, em que, na alma d'essa grande nação, a um tempo nossa irmã e nossa inimiga, se não obliterou tambem essa aspiração historica de absoluta unidade ethnica e geographica, nem essa alta ambição de grandeza politica em que se originou o gigantesco sonho da Monarchia Universal, intimo pensamento da sua historia na Renascença. Do concurso, pois, de todas estas circumstancias, do embate ou da fusão d'estas duas correntes psychologicas, no curso das quaes parecemos destinados a entrar em breve — que de estranhas e inesperadas mutações não virão a resultar para o actual modo de ser da Peninsula! Que de graves successos, de inesperados acontecimentos, de imprevistas surprezas historicas, nos não esperam para além d'esse nebuloso e annuviado horisonte, na direcção do qual vamos navegando a todo o panno, impellidos pela mysteriosa aragem da fatalidade!

E, comtudo, a esperança, a vaga e tenue esperança d'um renascimento moral da nossa raça, não póde já prender-se e apegar-se senão ás fortuitas eventualidades d'esse futuro, talvez não muito remoto! Não é, com effeito, impossivel que as desgraças, as miserias, as calamidades, as violencias, as humilhações d'um largo periodo de infortunio politico, fazendo-nos expiar as culpas e erros passados, acabem por nos retemperar a alma com a amarga lição da adversidade e do soffrimento. Não é impossivel que dos escombros da guerra, do sangue das batalhas, das lagrimas da servidão politica, de todas as attribulações e de todas as dôres d'uma nação vencida e esmagada,

renasça essa mysteriosa energia que galvanisa os povos cadaveres e os faz erguer n'um impeto de heroismo e de força. Não, não é impossivel, porque mais d'uma vez assim temos despertado do nosso abatimento secular!

Em meio de tão negras e crueis preoccupações, é esta a unica luz, a derradeira restea de claridade, que nos sorri entre as sombras d'um porvir, verdadeiramente tragico na sua mudez enygmatica de esphinge. Perdida a fé nas formulas e nos systemas, aferrado tenazmente á crença de que o unico segredo da grandeza collectiva das nações está na grandeza moral dos cidadãos, convicto de que as altas virtudes civicas precisam para se desenvolverem do rude estimulo dos perigos e dos sacrificios — só atravéz das convulsões d'uma violenta crise, ouso já agora sonhar para a minha desgraçada patria, ou uma miraculosa resurreição que a traga de novo á vida historica, pondo-a no caminho de imprevistos destinos, ou um grande e bello fim, uma morte heroica — digna, em tudo, do seu glorioso passado!

Luiz de Magalhães.

CHRONICAS DA POLITICA EUROPÊA

A Liga da Paz e a Liga da Guerra

A queda do gabinete Crispi e as declarações do novo ministro italiano ácerca da attitude do gabinete no que toca ás relações com as potencias estrangeiras, vem fixar mais uma vez as vistas do observador politico sobre o facto que domina a diplomacia europêa desde os ultimos doze annos e distribue as potencias continentaes em dois grandes grupos separados profundamente por ambições encontradas e arraigados resentimentos: a Triplice Alliança e a Intelligencia Franco-Russa. Attendendo ao caracter dominador d'este grande facto e ao papel tão importante representado pela Italia na sua consèrvação, não será nem superfluo nem inopportuno estudar o seu significado politico indagando as causas historicas da producção e os motivos permanentes da manutenção d'este systema de equilibrio, e tentando deduzir do conjunto dos dados actuaes a marcha provavel dos acontecimentos futuros.

A posição actual da politica europêa deriva de duas grandes guerras e dos tratados que registaram os seus resultados: a guerra franco-allemã com o tratado de Francfort, e a guerra turco-russa com o tratado de Berlim. As duas grandes guerras que as precederam, as campanhas da Bohemia em 1866 e da Lombardia em 1859, por consideravel que tenha sido a sua influencia na constituição da Allemanha e da Italia contempora-

neas, não podem ser contadas entre as causas remotas ou proximas do actual estado de coisas. Antes o seu significado diplomatico foi annullado pelos factos subsequentes. A intelligencia franco-italiana desappareceu e a Italia passou a alliar-se com a sua inimiga d'então, a Austria. O antagonismo secular das duas potencias que disputavam a hegemonia no seio da confederação germanica, depois de resolver-se pelas armas, foi substituido por um accordo de interesses e aspirações, em virtude do qual a Austria e a Allemanha se promettem reciproco apoio no caso d'uma aggressão possivel. Nem a paz de Villafranca nem o tratado de Praga podem pois ser mencionados entre as circumstancias determinantes do actual systema de equilibrio.

Não assim as duas grandes guerras que se travaram nos ultimos vinte annos. Pela primeira vez a França, reprimida nas suas ambições de expansão no Palatinado e na Belgica, e forçada á restituição das suas usurpações historicas nos Tres Bispados e nas cidades do Imperio, viu cessar a sua ingerencia nos negocios interiores da Allemanha e constituir-se na sua visinhança uma formidavel potencia militar, passar para essa potencia a preponderancia politica que acabava de perder, e após uma guerra desastrosa e uma paz severa assistiu a uma revisão da carta europêa, pela destruição da obra secular de Richelieu e de Mazarino. Esta guerra e esta paz são a primeira grande causa cujas consequencias não estão esgotadas. Ella deu origem ao profundo resentimento da alma franceza contra a Allemanha, resentimento em que collaboram a mágoa de vêr voltar ao seio da patria allemã provincias material e moralmente incorporadas na nacionalidade franceza, e a idéa insupportavel a um povo vaidoso e bellicoso de se ter annullado a sua supremacia politica e de se ter empanado a sua gloria militar. Este resentimento comquanto incapaz de levar a uma provocação e a um conflicto uma republica utilitaria governada por adventicios sem prestigio nem ambições, é bastante geral e arraigado para reduzir ao silencio as vozes inspiradas pela exacta apreciação dos factos consummados e das necessidades mais recentes, n'um paiz que de resto nunca primou pela energia do individualismo.

O resentimento da França contra a Allemanha não produz a guerra, mas impede a paz.

O outro facto capital é o tratado de Berlim e a guerra turco-russa que o precedeu. Induzida astutamente pelo chanceller allemão a dar largas á sua politica secular de expansão, a Russia empenhou-se n'uma grande guerra que lhe custou enormes sacrificios de homens e de capitaes, e teve de subscrever a um tratado em virtude do qual ficou francamente definido o seu antagonismo com a Austria no Oriente, e começou a declinar a tutela exclusiva exercida sobre as populações christãs dos Balkans. A cessão da Herzegovina e da Bosnia, o accrescimo da influencia germanica na Romania e da influencia austriaca na Servia, a resistencia tenaz e até hoje coroada de exito que sustenta o partido nacional bulgaro contra a ingerencia moscovita, são outros tantos factos a mostrar que o tratado de Berlim representa um cheque dado á politica russa, e que apesar dos esforços constantes e energicos a que esta se não tem poupado, a expansão do grande imperio pouco avançou na Europa desde a denunciação do tratado de Paris. A guerra de 1877 representa sim mais um grande passo na demolição da Turquia, mas é para recear que n'esses cacos da monarchia ottomana que alastram a estrada de Bysancio, a Russia ainda venha a cortar os seus pés de invasora.

Em ambos estes factos, tanto no tratado de Francfort como no tratado de Berlim, é visivel a mão forte e déstra do homem de genio em quem o destino encarnou para fazer a mais recente revisão da Historia. É a mesma politica que repelliu os francezes para longe do Rheno, a que mantem os russos afastados dos Balkans. E é com sobrado fundamento que a consciencia nacional n'aquelles dois paizes toma a Allemanha para alvo do seu rancor.

Com effeito, é contra a influencia d'essa diplomacia successivamente creadora e conservadora que fez a unidade allemã, e feita ella não tem tido outro cuidado senão mantel-a e com ella o equilibrio europeu, que se dirigem os esforços das potencias interessadas n'uma revisão dos tratados existentes. A desforra

para uns, para outros a conquista, eis o programma da politica anti-germanica. A sua psychologia é simples e resume-se em duas palavras: o despeito do amor-proprio humilhado e da ambição frustrada.

Differente e mais complicada é a psychologia da Triplice Alliança.

Das tres potencias que a compõem, a Allemanha, a cujos esforços ella é devida, está essencialmente interessada na conservação da paz. Collaboram n'este sentido a satisfação de ter realisado a obra secular da sua unificação, o desejo de consolidal-a por uma longa acção administrativa e economica que demanda socego, o sentimento da gloria adquirida e da desforra alcançada pela derradeira grande lucta em que entrou, o caracter pacifico e o profundo bom-senso do povo allemão incapaz d'esses accessos de cesarismo militar que conduzem a França a illudir as suas questões internas pela guerra estrangeira, e finalmente a repugnancia de jogar n'uma cartada esse prodigioso resultado da astucia combinada com a violencia que se chama a Unidade germanica, verdadeira maravilha diplomatica do seculo e que arrancou o povo, em proveito de quem foi feita, á servidão moral e á oppressão physica. A recordação do passado e a satisfação do presente coincidem pois em confirmar a Allemanha nas suas resoluções pacificas.

A monarchia Austro-Hungara é mantida na paz pelas difficuldades enormes da sua vida interior inclinada á guerra pelas ambições de expansão para o sul. Um dualismo inscripto na constituição mascarando uma multiplicidade de elementos ethnicos, distinctos e de interesses politicos encontrados, um cahos de paixões furiosas e de reivindicações asperas, partidos que a divergencia dos innumeraveis pontos de vista fragmenta em fracções e que o ardor das recriminações praguentas accende em facções, uma resistencia ora affavel ora resoluta nos governos e uma crescente audacia de ataque nas opposições, o antagonismo tradicional de interesses de classes e o mais recente dissentimento de idéas de governo vindo complicar dentro de cada provincia as difficuldades de manter uma acção homogenea sobre um imperio em

que coexistem representantes de todas as grandes familias ethnicas e linguisticas da Europa, em summa uma Babel social construida sobre uma jangada politica, e ameaçando desmoronar-se a cada choque, eis o quadro da vida interna do velho imperio. E dando cohesão a este aggregado informe uma dynastia historica possuidora do amor e do respeito do paiz, uma grande cidade instrumento permanente d'acção central e de pensamento commum, e uma diplomacia duplamente interessada pelo instincto da conservação e pela tendencia de expansão em vigiar cuidadosamente os successos do sul, completam a descripção da vida interior pela indicação dos orgãos fixos em que reside e dos moveis superiores que inspiram a actividade da monarchia austro-hungara. Se esta ambição de expansão é um motivo permanente de conflicto, o sentimento da sua inferioridade militar em frente da Russia, da sua subalternisação diplomatica junto á Allemanha são bastantes para conter as velleidades bellicosas da gente austriaca. E se ajuntarmos que metade da população do imperio é composta de slavos e que os estadistas austriacos não ignoram as profundas sympathias que os prendem ao imperio moscovita veremos augmentar as probabilidades de que a paz europêa não seja rota por uma aggressão da parte dos austro-hungaros.

A monarchia italiana foi a ultima a entrar na Triplice Alliança, bem que a tardança não proviesse da falta de convite. Mesmo entrando para ella a Italia não fazia mais que continuar a politica de intelligencia com a Prussia que lhe rendéu o Veneto e Roma capital. Mas ao lado das razões que a conduziam a romper com a França, a saber: a rivalidade de potencias mediterraneas visinhas, as sympathias do partido catholico francez para com as reivindicações papaes, as repugnancias naturaes nas altas regiões italianas por um accordo com uma republica suspeita de proselytismo, militavam outras em sentido opposto, como a lembrança ainda recente dos serviços prestados pela França á dynastia e ao povo italiano, serviços reaes ainda que exagerados, o ruinoso estado das finanças e da economia nacional exigindo uma politica de abstenção e repouso, a sympa-

thia dos partidos avançados pela democracia franceza, sympathia poderosa n'um paiz que realisou a sua unidade pela connivencia da revolução com o throno, e finalmente a velha aversão da alma italiana para com a outra alliada da Allemanha, a Austria, que ainda hontem opprimia os italianos e que ainda hoje detém Trieste e o Trentino. Mas a occupação de Tunis pelos francezes fez pender a balança e lançou definitivamente a Italia na alliança germanica. Esta occupação que foi offerecida pelo principe de Bismark ao ministro italiano, e só depois de declinada por este foi permittida á diplomacia franceza, provocou cóleras universas na Peninsula e reduziu ao silencio as vozes favoraveis a uma politica de amizade com a França. E quando os publicistas francezes se indignam com a ingratidão italiana ou tornam o estadista Crispi responsavel por todas as manifestações de discordia entre as duas nações, esquecem-se de que essa tensão de relações data da expedição mandada pelo ministro Ferry, e que occupando uma região, que é como a continuação da terra italiana e que domina superiormente as aguas italianas, a França rasgou os titulos que possuia ao reconhecimento da sua alliada d'hontem e attentou gravemente contra os interesses e a dignidade da gente cisalpina. Bizerta é uma pistola apontada ao coração da Italia, e se a França accedendo ás suggestões de certos orgãos militares, procedesse á fortificação d'esse porto, teria dado sobejo motivo a uma declaração de guerra. Não é provavel porém que o faça. E a Italia luctando com formidaveis difficuldades economicas e tendo pela natureza da sua posição geographica muito a recear das consequencias d'uma lucta com a França, não provocará incidente algum d'onde possa resultar um conflicto. Tudo leva, porém, a crêr que, emquanto a vida politica da peninsula não soffrer uma completa transformação interna, a Italia persistirá na Triplice Alliança. E mesmo que essa transformação se désse, e que a republica fosse um facto na Italia como o é na França, nem assim esse antagonismo poderia supprimir-se, uma vez que com as monarchias não desapparecesse a idéa de patria com o orgulho collectivo e os interesses positivos que as constituem.

Assim dois grandes grupos, um dos quaes está ligado por tratados patentes, outro por communidade actual de sentimentos e aspirações, eis a distribuição das forças no systema de equilibrio em que a Europa entrou pela constituição das unidades allemã e italiana. Quaes são os recursos com que cada um d'esses grupos póde contar, no caso d'esse antagonismo ter de se resolver pelas armas? Questão complexa, que envolve, além do conhecimento technico dos elementos innumeraveis e tão distinctos de que se compõe a vida material d'um grande povo, o calculo d'essas forças immateriaes mas poderosas, impossiveis de pesar na balança ordinaria das coisas ou de traduzir na linguagem exacta da estatistica e que constituem a sua vida moral. É porém licito esboçar a largos traços o quadro d'essa dupla ordem de elementos nas cinco grandes potencias continentaes, sem concluir d'ahi nada sobre o resultado d'uma contenda sempre possivel, apesar da persistencia dos protestos pacificos.

Das tres potencias alliadas, a Allemanha é certamente a mais poderosa. Um imperio de cerca de cincoenta milhões de habitantes, um exercito que o conjunto das instituições militares e das condições sociaes tornam o primeiro da Europa, finanças boas que, attendendo aos recursos do imperio, attestam o bom juizo dos que o administram, uma marinha já consideravel e sempre progressiva, uma rêde de caminhos de ferro muito desenvolvida constituindo um instrumento estrategico de primeira ordem, uma administração que a continuidade da tradição, a divisão do trabalho, e a preponderancia das vistas de conjunto tornam uma incomparavel machina para recolher dados ou transmittir forças, a competencia nos que mandam, a confiança nos que obedecem, e o habito da cohesão integral perante a aggressão estranha, eis o quadro dos recursos materiaes e moraes da Allemanha. A nação, que a posse d'elles torna a primeira da Europa, deve essa preponderancia a duas qualidades: a capacidade de comprehender e a vontade de obedecer. Duplo caracter que assegura aos que o possuem a victoria final na batalha obscura da vida.

Na margem opposta do Rheno a França apresenta-nos o contraste d'uma nação poderosa pela riqueza do sólo e pela actividade e talento dos habitantes, mas que a incapacidade politica do seu espirito collectivo condemna successivamente á paralysia e aos accessos epilepticos. Um povo bellicoso e fertil em bons chefes militares e do qual as instituições creadas após a ultima guerra extraem um dos exercitos mais numerosos e aguerridos da Europa, uma frota formidavel que é apenas excedida pela britannica, uma administração vigorosamente centralisada e superiormente instrumentada, fronteiras defendidas pela natureza ou pela arte, enormes recursos economicos proprios d'um grande paiz a um tempo rural, fabril e commercial, costumes sociaes que exercendo uma verdadeira coacção sobre o individuo fazem da bravura uma virtude essencial e do patriotismo uma quasi religião, tal é o quadro das forças da França. Mas grandes como ellas são, é de recear que dada a falta de confiança do povo francez nos adventicios sem prestigio que se têm succedido no poder após a installação da terceira Republica, um revés qualquer nos começos d'uma guerra lance o corpo social n'uma d'essas crises que conduzem ás luctas civis, aos golpes de mão contra a auctoridade constituida e á preponderancia dos energumenos. Um organismo vigoroso, em todos os tempos sujeito a crises convulsivas, mas nos tempos recentes privado d'esses orgãos historicos em que reside a consciencia nacional, eis a imagem d'essa França, decapitada pelo abuso das aventuras revolucionarias e reduzida no interior a uma politica de expedientes e no exterior a uma diplomacia de espectativa.

A enormidade do imperio russo, a grandeza numerica da sua população, o estado mental primitivo da maioria dos seus habitantes, a ausencia d'esses obstaculos de ordem religiosa, politica ou economica como os que limitam a acção dos governos na Europa central e occidental, constituem para a grande nação slava outras tantas causas de força presente e futura superioridade. Mas se quizermos fazer o calculo exacto dos recursos actuaes da Russia devemos accrescentar que essa enorme

população está espalhada n'uma enormissima extensão, que essa região, a mais povoada da Europa em absoluto, é a menos povoada em relativo, que consequentemente os seus instrumentos de viação são insufficientes para os serviços de mobilisação do seu immenso mas disseminado exercito, que esse regimen despotico, que assegura ao seu governo o segredo nas decisões e a efficacia na acção, introduz o arbitrario e a corrupção no organismo administrativo subtrahido pela natureza das circumstancias á fiscalisação exercida pela imprensa e pela opinião independente. E qualquer que seja o futuro que a grandeza do territorio e o augmento formidavel da população reservem á Russia no systema europeu, é licito duvidar que os seus recursos actuaes a possam pôr a coberto d'uma invasão e d'uma occupação militar nas provincias occidentaes do imperio, caso ella se lance n'uma guerra com a Triplice Alliança. Esse corpo formidavel, mas de movimentos lentos, está em manifesta inferioridade para a offensiva e mesmo para a defensiva comparada com a robusta agilidade de movimentos d'um paiz densamente povoado e sarjado de vias ferreas como a Allemanha.

Nem a Austria, nem a Italia são equiparaveis pela grandeza dos recursos ás tres potencias a que nos vimos referindo. Mas se as graves difficuldades internas de ordem politica constituem uma causa de inferioridade para o imperio austro-hungaro, como as pessimas condições financeiras e economicas de paiz esgotado e as pessimas condições estrategicas de peninsula estreita e alongada o são para o reino italiano, é tambem forçoso convir que o contingente terrestre e naval d'estas duas potencias representam uma cifra formidavel quando accrescentada ás do imperio germanico. Total cuja importancia augmenta, se reflectirmos que os paizes da Triplice Alliança constituem uma extensão continuada através da qual os exercitos alliados se podem apoiar e soccorrer, ao contrario da França e da Russia irremediavelmente cortados em dois troços por toda a largura inimiga da Europa central.

A Historia tem ás vezes um modo singular de resolver os

problemas: supprime-os. E é este um dos processos da sua ironia. O futuro do systema de equilibrio por opposição de dois grupos de potencias em que a Europa entrou pela concordancia das aspirações de desforra da França com as ambições de expansão da Russia d'um lado, e pela convergencia de interesses e temores dos tres alliados d'outro, constitue um d'esses problemas capitaes. Não seria difficil, mesmo sem sahir do campo estrictamente diplomatico, apontar, em frente das razões que mantem esta alliança e aquella intelligencia, as forças que operam em sentido contrario, minando a conservação d'uma ou retardando a consolidação da outra. E estas seriam para a Triplice Alliança o antagonismo de interesses e sentimentos entre a Austria detentora de Trieste e de Trentino e recente oppressora da gente cisalpina, e a Italia sua visinha e como ella interessada no Oriente. Para a intelligencia franco-russa seria a percepção muito clara para a diplomacia franceza da importancia formidavel que tomaria a Russia após uma guerra victoriosa contra as potencias centraes e do papel subalterno a que reduziria a França, sua alliada de occasião. Mas se sahirmos da ordem puramente diplomatica para a observação dos phenomenos sociaes veremos manifestar-se em toda a metade occidental da Europa uma corrente de opinião, cujo poder cresce todos os dias, e que tendo a sua séde n'essas massas quasi barbaras a que se tem dado o nome de Quarto estado, aspira a transformar os velhos moldes da actividade social e se distingue pelo ardor do proselytismo e um sentimento de solidariedade entre os trabalhadores que salta por cima das fronteiras. Não é pois de surprehender que, dadas certas condições, o systema de opposição puramente diplomatica e resultante de circumstancias historicas extrinsecas em que se dividem as grandes potencias continentaes, seja substituido por um regimen de antagonismo entre as duas metades oriental e occidental da Europa, expressor das profundas differenças entre os seus estados mentaes e os seus momentos sociaes.

G. de Corte-Real.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 34, Rue de Provence; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL

10 volumes brochados... 13$500

NOVA GÔA 1857-1877

Á venda na livraria CHARDRON

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia* e *Linguas orientaes*. — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

CARDEAL WISEMAN

FABIOLA

OU

A EGREJA DAS CATACUMBAS

ROMANCE RELIGIOSO

Traducção, revista e corrigida por M. J. DE MESQUITA PIMENTEL

Nova edição illustrada

Fabiola ou a Egreja das catacumbas é a historia do estado da Egreja christã na sua primeira idade média, e, por assim dizer, a epopêa do heroismo catholico, o poema do martyrio evangelico, e o cantico dos triumphos da fé.

É a historia dos martyres que, com os olhos na cruz e o sorriso nos labios, entoavam psalmos entre as garras do leão do Atlas e do tigre da Asia, confundindo os algozes da tolerancia, cimentando a liberdade da consciencia, convertendo os que se ensopavam no seu sangue, e fazendo brilhar a luz projectada do cimo do Golgotha.

O sangue dos martyres, como escreveu Tertuliano, foi semente de christãos; porque a resignação do martyrio fazia amar a religião que inspirava coragem para soffrer todas as dôres e que intimamente enlaçava o individuo á familia, a familia á sociedade, o homem a Deus e a terra ao céo.

A **Fabiola** é a educação d'elles; porque, com os quadros tocantes, que aviva, dos martyrios e dos triumphos dos primeiros christãos, commove os sentimentos purissimos que o principe dos martyres legou á humanidade.

Escripta sob a fórma de romance, com simplicidade elegante, a **Fabiola** tem o grande merecimento de estar ao alcance de todas as intelligencias: a propriedade do estylo e a pureza da doutrina recommendam tão famosa obra, que é digna do illustre auctor da *Alampada do Santuario*.

As muitas edições d'esta obra, tanto na lingua em que foi escripta, como em outras, a reputação distincta que adquiriu o illustre arcebispo de Westminster, tanto na tribuna sagrada, como na imprensa religiosa e na cadeira de ensino professional, e sobretudo os prodigiosos resultados do seu muito lidar pelos progressos do christianismo em Inglaterra, onde os seus livros e as suas conferencias fizeram muitas conversões e levantaram muitos templos, são decerto a melhor recommendação que d'ella podemos fazer.

1 grosso volume..... 1$000
Com uma bonita cartonagem.... 1$300

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

BANCO NACIONAL DO BRAZIL

Incorporado com o Banco Internacional do Brazil

FUNDADO NO RIO-DE-JANEIRO A 1º DE OUTUBRO DE 1889

Capital subscripto : Rs. 90.000 : 000$000
ou £ 10.000,000 sterling, ou 250 milhões de francos
50 por cento dos quaes por entrar.

DIRECTORIA :

Conde de FIGUEREIDO, *Presidente* — Visconde do GUAHY, *Vice-Presidente*

Barão de Salgado Zenha.
Manoel Moreira da Fonteca.
Pedro Gracie.
William H. Holman.
Senador Francisco de Carvalho Soares
Brandão.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Gonçalves.
Duarte.
Edward Herdman.

SUCCURSAES :

Pernambuco e Pará

CORRESPONDENTES :

EM TODOS OS PORTOS DO BRAZIL

SUCCURSAL EM LONDRES :

London and County banking Company Limited

Compra cambiaes sobre o estrangeiro. Fornece letras de credito aos viajantes e para operações commerciaes. Recebe consignações de cafés e outros productos para serem expedidos, sobre os quaes fornece adiantamentos nas condições convencionadas. Faz adiantamentos sobre cafés e mais mercadorias, de accordo com os estatutos do Banco e effectúa toda a sorte de operações bancarias. Encarrega-se de guardar titulos e cobrar coupons, de sua venda e compra, bem como das remessas de dinheiro pelo correio ou pelo telegrapho.

CORRESPONDENTES NA EUROPA E AMERICA

Pariz, Bruxellas, Amsterdam e Genebra. — Banque de Paris et des Pays-Bas.
Antuerpia. — Banque d'Anvers.
Hamburgo, Berlim, Francfurto. — Deutsche Bank.
Genova, Roma, Napoles, etc. — Banca generale, e succursales.
Madrid e outras cidades de Hespanha e Ilhas Canarias. — Banco hypotecario de España, e succursales.
Lisbôa, Porto, etc. — Banco de Portugal e succursaes.
Nova-York. — MM. G. Amsinck & Co.

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

BOISSIER (Gaston), de l'Académie française et de l'Académie des inscriptions et belles-lettres: **La fin du Paganisme.** Étude sur les dernières luttes religieuses en Occident au IVe siècle. 2 vol. in-8°, broché, 15 fr.

HÜBNER (Le comte de), ex-ambassadeur d'Autriche à Paris et à Rome: **Une année de ma vie (1848-49).** 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

BAILLON (H.), professeur d'histoire naturelle à la Faculté de médecine de Paris, directeur du jardin botanique de la faculté, président de la Société linéenne de Paris: **Histoire des plantes.** *Monographie des Acanthacées.* 1 vol. in-8°, avec 34 figures, dessinées par FAGUET, broché, 5 fr.

Chaque monographie se vend séparément.

— **Histoire des plantes.** Tome X: *Bignoniacées, Gesnériacées, Gentianacées, Apocynacées, Asclépiadacées, Convolvulacées, Polémoniacées, Boraginacées, Acanthacées.* 1 vol. in-8°, illustré de 335 figures dans les textes, dessinées par FAGUET, broché, 25 fr.

EN VENTE:

— *Histoire des plantes.* Tomes I à IX. — Chaque vol. in-8°, illustré de nombreuses figures, dessinées par FAGUET, br., 25 fr.

FUSTEL DE COULANGES, membre de l'Institut (Académie des sciences morales), professeur en Sorbonne: **Histoire des institutions politiques de l'ancienne France. La Gaule romaine.** Ouvrage revu et complété sur le manuscrit et d'après les notes de l'auteur, par CAMILLE JULLIAN, chargé de cours à la Faculté des lettres de Bordeaux. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

DU MÊME AUTEUR:

Histoire des institutions politiques de l'ancienne France:

L'invasion germanique. 1 vol. in-8° (En préparation).

La monarchie franque. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

L'alleu et le domaine rural pendant l'époque mérovingienne. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

Les origines du système féodal. Le bénéfice et le Patronat pendant l'époque mérovingienne. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

WIESENER (Louis), professeur honoraire, membre de la Société philotechnique et de la Société des études historiques: **Le régent, l'abbé Dubois et les anglais,** d'après les sources britanniques. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

AMICIS (Edmondo de): **Souvenirs de Paris et de Londres,** traduits de l'italien avec l'autorisation de l'auteur, par Mme J. COLOMB. Second édition illustré de 18 gravures sur bois. 1 vol. in-16, broché, 4 fr.

(Collection de voyages illustrés).

Agenda du chimiste pour 1891, publié sous la direction de MM. G. SALET, chargé de cours à la Faculté des sciences; CH. GIRARD, directeur du Laboratoire municipal; A. PABST, chimiste principal au Laboratoire municipal. 1 vol. in-16, cartonné en percaline gaufrée, 2 fr. 50.

FIGUIER (Louis): **L'année scientifique et industrielle,** ou exposé des travaux scientifiques, des inventions et des principales applications de la science à l'industrie et aux arts qui ont attiré l'attention publique en France et à l'étranger, accompagné d'un *Nécrologie scientifique.* Trente-quatrième année. 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

FR. DOMINGOS VIEIRA

Grande diccionario portuguez

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

Com uma introducção sobre a lingua portugueza por ADOLPHO COELHO e sobre litteratura portugueza pelo DR. THEOPHILO BRAGA

5 GROSSOS VOLUMES IN-FOLIO COM 5:430 PAGINAS A 3 COLUMNAS

Brochado, 25$000 reis — Com segura encadernação de couro, 30$000 reis

---

Está concluido o *Diccionario de frei Domingos Vieira*, o mais volumoso e superabundante, que até hoje se imprimiu, da lingua portugueza. São cinco grossos tomos em formato de folio, aceadamente impressos. Quer-nos parecer que em Portugal nenhum editor aqui nascido n'este aventuroso e estreito mercado das nossas letras, ousaria abalançar-se á publicação d'uma obra que frei Domingos Vieira deixára apenas bosquejada, e muito longe da sua plenitude em relação a este nosso tempo, muito mais exigente em estudos philologicos do que na época em que o douto frade organisava o seu vocabulario, pouco mais valioso que os insufficientissimos diccionarios de Moraes e Constancio. Teve, pois, o snr. Ernesto Chardron de encarregar do segundo e moroso lavor pessoas habilitadas, e, como taes, largamente remuneradas para esse trabalho de quatro annos assiduamente consumidos n'essa tarefa.

Sem resaibo de favor ou lisonja á memoria do sabio philologo, mas em acatamento da verdade e homenagem á justiça, podemos asseverar que nenhum vocabulario nosso, até hoje, viu a luz tão rico, tão curioso de interessantes minucias, contingentes da nossa prosodia e etymologia. A cada passo, o versadissimo manuseador dos bons classicos vos offerece o exemplo, extrahido do veio em que colheu o bello ouro da palavra, ou indevidamente obsoleta, ou ignorantemente desapropriada. As incurias graves de Bluteau, as pequenas de Moraes, as indoutissimas de Constancio, e ainda as indesculpaveis do diccionario da academia real são corrigidas com benevola modestia no **Thesouro da lingua portugueza.** Os menos usuaes, e todavia mais respeitaveis escriptores do luzentissimo seculo XVI, podeis conhecel-os e talvez saudal-os pela primeira vez, apresentados pelo egresso, que assim vos testemunha convivencia de muitos annos com aquelles bons amigos da sua melancolica solidão.

Ahi tereis, pois, o capital monumento que já não deixará perecer a memoria do sabio, que, no decurso de uma vida octogenaria, e durante ella, apenas sahiu á republica das letras com umas versões de livros religiosos, os menos geitosos para lhe darem renome hoje em dia. É que Domingos Vieira tanto não visava ás gloriolas de escriptor, que, tendo concluido o seu **Diccionario**, fechou suavemente os olhos sobre a derradeira pagina, legando essas muitas resmas de papel escripto meramente com o intuito de se não converter em embrulhos a tarefa de algumas dezenas de annos indefessos.

Afoutamente asseveramos que não ha, em nossa lingua, mais copioso diccionario d'ella. A compararmol-o com os que até agora nos serviram em nossos estudos, a vantagem do ultimo não comporta o confronto. Se a descuriosidade, e o menospreço do que é nosso, der em resultado o prejuizo de bastantes contos de reis sacrificados na publicação da obra, isso é uma questão de desprimor nacional. Mas, como não são vulgares entre portuguezes estas faltas de favor aos que trabalham, seja qual fôr a safara, confiamos muito na illustração dos nossos concidadãos que o arrojo do snr. Ernesto Chardron será galardoado por maneira que a illustrada bemquerença dos portuguezes lhe seja caução a emprehender obras de igual e maior alcance.

Camillo Castello Branco.

OS FILHOS

DE

D. JOÃO I

POR

OLIVEIRA MARTINS

Edição de luxo illustrada, papel de linho, typo elzevir

1 volume de mais de 500 pag. in-8.º gr.

Sahirá brevemente á luz esta obra cujo primeiro esboço foi publicado na Revista de Portugal e que tão vivamente despertou a attenção dos leitores.

A edição definitiva dos **Filhos de D. João I** vem acompanhada de numerosos documentos historicos até hoje ineditos e que reconstruem por completo as vidas d'esses a quem Camões chamou «inclyta geração». Entre todos sobresae o infante D. Henrique.

As requisições de exemplares podem ser enviadas desde já aos editores

Lugan & Genelioux

LIVRARIA CHARDRON

PORTO